

Arg. Leonardo T. /

MÁRIO GARNERO

Paula com o
Tudo e
Lena CF

CONVITE AO BRASIL

Como promover a imagem do país lá fora, atrair parceiros e negócios, sem ceder ao desencanto, e sem medo do *quattrini*

INTRODUÇÃO

RAZÕES DO CONVITE

“Havendo dinheiro, haverá cupidez...”

Isso, na terra dos meus pais. Já em São Paulo, já no Brasil....

Na terra de meus pais, na boa e enevoadada Turim, há um adágio que diz "chi ha quattrini non cuore". Havendo dinheiro, haverá apenas cupidéz. Jamais haverá bons sentimentos. Minha formação católica romana não me deixa ir tão longe no amargo ceticismo. Mas, transportando os fatos de minha crise pessoal, ao lembrar que de mim quiseram arrancar tudo de meu patrimônio, não posso deixar de sentir um frio correndo na espinha, como se o velho adágio tivesse não em Turim, mas em São Paulo, sua fonte de inspiração. Aliás, em Brasília, essa capital para o ano 2000, projetada por Oscar Niemeyer para significar a chama da modernidade, mas que alguns governantes de meu país a fizeram simbolizar a fogueira das virtudes. Tudo por causa do quattrini, que se chamava Brasilinvest. (e agora se chama NEC.)

Minha justa indignação levou-me em 1990 a escrever um livro de natureza dura, e título não menos, para narrar todos os fatos transcorridos até então. O sofrimento, mas também a jamais liquidada esperança, mesmo quando liquidavam o meu banco, está em todas as linhas do "Jogo Duro", para minha felicidade aceito acima de minha expectativa pelos meus compatriotas, que já esgotaram três edições para perplexidade de meu paciente editor.

O livro carrega a preciosidade de uma apresentação de William E. Simon, assinando-a como Secretário do Tesouro dos Estados Unidos nos governos Richard Nixon e Gerald Ford, e presidente da Wegray Corporation, dizendo de mim: "considero um patriota, que usou sua ilimitada energia, habilidade e determinação para mobilizar tanto o governo quanto o setor privado em benefício do País que tanto ama. Não hesito em dizer que Mário é um estadista nato e um autêntico líder. Estou contente de ver que o Brasil finalmente parece ter compreendido que as nações não podem prosperar sem homens e mulheres do caráter, inteligência e integridade de meu amigo Mário Garnero".

A generosidade de Simon excedeu a tudo o que esperava de bondade esse filho de italianos que já se achava sem pai e sem padrinho naquele sofrido 10 de março de 1985. Era segunda-feira, um dia após a primeira reunião do gabinete do presidente eleito, mas não empossado, Tancredo Neves - que na véspera havia sofrido crise de saúde e se internara em emergência em hospital, do qual jamais sairia, até morrer no dia 22 de abril seguinte - e presidida pelo vice-presidente José Sarney, que naquela madrugada recebera a unção do Congresso Nacional como presidente da República interino, quando uma simples nota do Banco Central anunciava a liquidação extrajudicial do banco de investimentos e da financeira do grupo Brasilinvest, que naquele momento ocupava o 70º lugar no ranking dos maiores grupos privados nacionais. To

dos os meus bens pessoais e os de meus diretores foram imediatamente colocados em disponibilidade, ou seja, pela lei brasileira não poderiam ser negociados nem lançados em inventário ou testamento.

A nota era assinada pelo presidente do Banco Central, um economista do Rio, Antonio Carlos Lemgruber, até hoje lembrado com certa hilaridade em meu país porque na sua primeira viagem ao exterior, chefiando missão para renegociar a dívida externa, não conseguiu encontrar a porta do Banco da Inglaterra, na City, só logrando avistá-la graças à ajuda dos secretários de nossa embaixada em Londres. Mas Lemgruber teve visão bastante acurada para, com apenas 3 dias de governo interino, sob o trauma de uma inauguração que não houve, com o presidente da República no hospital, tomar uma decisão dura contra meu banco. Algo já estava de há muito arquitetado.

19 de março. O Ministro da Fazenda (agora, com o governo Collor, transformado em Ministério da Economia), Francisco Dornelles, sobrinho do enfermo presidente Tancredo, solicita ao ministro da Justiça, Fernando Lyra, minha prisão preventiva. O ministro (que havia sido por muitos anos deputado federal pelo Estado de Pernambuco, cujos e-leitores em 1990 não renovaram seu mandato à Câmara dos Deputados, um ano após ter sofrido outro revés, que foi sua derrota nas eleições presidenciais de 1989 como candidato a vice-presidente de Leonel Bri-zola, tendo sido batido em sua própria cidade natal, Caruaru) aceita o processo judicial, que em 24 de março é enviado ao Procurador Geral da República.

Tomei a iniciativa de sair de cena, para que meus advogados pudessem dar entrada a um pedido de concordata preventiva para o Brasilinvest Investimentos, Participações e Negócios, holding do grupo. Com isso, tentava salvar os inúmeros investimentos em outras áreas, inclusive o quattrini, o controle de uma das mais importantes indústrias de equipamentos de telecomunicações, a NEC, em associação com a NEC Corporation do Japão.

Como não poderia deixar de ser, apresentei-me à Justiça de meu país. Muito mais tarde iria constatar, junto com meus advogados - a- ás, somente confirmar -, o que um jovem advogado paulista já havia pressentido desde seus tempos de estudante de Direito como presidente do Centro Acadêmico 21 de Agosto: que se poderia confiar cegamente na Justiça. Só vim a saber disso exatamente depois daqueles acontecimentos, após março de 85. Mesmo porque um outro adágio ensina que no one likes Justice brought home to his own door. Não há, de fato, quem queira justiça na sua porta. Mas agora não quero outra coisa. Como meus poderosos concorrentes devem estar sentindo o contrário!

Antes de passar aos fatos que culminaram nesse pesadelo (que mais parecia o de enfrentar um "bull-dozer", numa rua escura e sem saída, vindo a toda velocidade contra mim, com faróis apagados), quero fazer uma pausa para um reconhecimento à imprensa de meu país e à mídia internacional. Jamais, em qualquer contato pessoal ou entrevistas com jornalistas brasileiros ou estrangeiros, deixei de receber um tratamento respeitoso, como a atribuída a uma fonte de informação de crédito. Não tenho falsas vaidades. Sempre procurei ser bem informado; estar a par das tendências. Minha caderneta de telefones é recheada com mais de 2 mil números em todo o mundo, alguns dos quais já resolveram problemas críticos do Brasil quando os acessei, em casa, mesmo de madrugada. Quantas vezes acordei esposas assustadas e serviçais irritados, altas horas da noite, apenas para dar uma palavra a um peso-pesado das finanças, da diplomacia ou do poder mundial, a pedido de uma autoridade de meu país, para ajudar em alguma negociação.

Os jornalistas tornaram-me a extensão natural das minhas atividades, e com eles viajei pelo mundo. Eu negociando, eles informando que os mercados se abriam cada vez mais para as iniciativas de comércio e negócios com o Brasil. O Brasilinvest, cuja imprensa era articulada pelo jornalista Mauro Ribeiro, ~~hoje~~ secretário de imprensa do governador Antonio Fleury Filho, de São Paulo, procurava não só abrir espaços na economia, mas na formação de uma imagem consistente do país, no mundo. Durante as longas viagens, à China, ao Japão, aos Estados Unidos, Europa - onde houvesse uma boa perspectiva de negócio -, trocava longamente opiniões com meus convidados jornalistas, passando-lhes informações, mas principalmente aprendendo muito com eles.

Não consigo compreender, portanto, por que nenhum desses formadores de opinião, dos mais bem informados do Brasil, nunca receberam uma notícia que desabonasse o Brasilinvest e o empresário Mário Garnero. Minhas relações com eles sempre foram, e continuam sendo, tão francas e amigáveis que, se alguma coisa de grave estivesse cometendo diante das leis do país que regem a atividade financeira e bancária, certamente um desses meus amigos da imprensa nacional e internacional antes viria avisar-me. E atentem que os correspondentes estrangeiros recebem, com seus modernos bancos de dados via satélite (um dos quais inclusive estou utilizando nesse livro para afiançar meu convite ao Brasil com estatísticas up to date), informes e alertas que somente dias depois vão entrar no uso de clientes brasileiros.

A mídia, com seu grande silêncio sobre os eventuais antecedentes do "criminoso caso Brasilinvest", mostrou que nada de errado havia. Sequer a capacidade investigativa dos nossos modernos jornais brasi-

leiros cuidou de colocar na pauta de investigações o "Watergate do Brasilinvest". *⊗ animal de José Paulo*

Volto agora aos fatos. Todos sabiam no Brasil que as duas empresas do ramo financeiro do Brasilinvest, naquele 85, estavam combalidas. Não era segredo de ninguém. Tudo começara quando o Banco Sulbrasileiro, na época 70º o banco no ranking bancário do país, entrou num processo de descontrole e quebrou. O Brasilinvest era um de seus maiores acionistas. O Sulbrasileiro, situado no Estado do Rio Grande do Sul, recebeu intervenção do Banco Central em 8 de fevereiro de 1985. Logo, nossos técnicos passaram a buscar soluções de mercado, para tentar contornar os problemas de liquidez do banco e da financeira Brasilinvest, que se viram subitamente sem recursos disponíveis em caixa. Era possível, sim. Toda a nossa massa crítica de conhecimento e de relações externas sólidas, minha experiência particular até de uma compra de banco feminino em Nova Iorque (com as quais a negociação é mais dura), para que teria servido nessa hora senão para pôr em prática uma operação de emergência?

Tentamos as soluções clássicas de mercado: em dificuldade, venda o que pode de seus ativos e conserve seu know-how e o pessoal capacitado. Logo virá a recuperação, e você recompra tudo de volta. Sempre conservando know-how e pessoal qualificado. Optamos pela venda do banco e da financeira. Mas fomos surpreendidos, em meio às tentativas, pela determinação do Banco Central, liquidando extrajudicialmente o meu banco. O volume do passivo não seria de fazer assustar um executivo júnior de Donald Trump: US\$ 100 milhões, segundo a própria autoridade monetária calculara. O Banco Central, entretanto, não pensava em incentivar o retorno à liquidez, mas o ingresso na liquidação. Quando falo nessa palavra, sempre me vem à cabeça a figura de um santo ofício procurando liquidar resquícios de fé. A partir daí, foi como se um garrote vil fosse armado para estrangular um empresário que só havia feito o bem e colaborado para os interesses de seu país. Mas havia um ponto que o oficiante do novo regime estabelecido por Tancredo Neves - chamada de "Nova República", que deu no que deu, uma velharia de métodos, estimulando costumes velhacos - queria assinalar: Mário Garnero deveria ter um julgamento político e uma liquidação econômica, pois havia pertencido ao antigo regime, dos militares, a quem havia emprestado sua caderneta de telefones privilegiada e sua boa entrada nos mercados internacionais, para ajudar o Brasil a sair de alguns problemas conjunturais.

Essa Nova República, que acabou com 100% mensais de inflação no seu último mês, levando o Brasil a agravar suas questões de renda e

o "gap" tecnológico diante do mundo (mesmo entre os países em desenvolvimento) mostrava logo no primeiro momento - seu terceiro dia - que procurava um "bode expiatório" para afirmar que era realmente um regime novo. O Ministro Dornelles, sobrinho de Tancredo, foi o oficiante dessa liturgia, e o fez de forma exemplar.

Mas não me entreguei, e logo comecei uma batalha legal que travo até hoje, nesse março de 1991, enquanto ganho forças olhando os gansos grasnarem na varanda da casa principal de minha fazenda em Sousas, distrito de Campinas, a 120 quilômetros de São Paulo, junto à minha mulher Teta, ao meu pequeno Antonio Fernando e ^{com meus filhos} a todos os meus amigos das redondezas que daqui fizeram sua aprazível casa.

Obtive vitórias exemplares nesse jogo duro. O que era a ponta política do processo de liquidação logo se revelou. Minha família e somente alguns amigos acompanharam o drama e a aflição, e mais uma vez a aflição e o drama, ao convivermos com os diversos pedidos de prisão preventiva decretados contra mim. Todos, felizmente, rechaçados. A Justiça brasileira, e especialmente a paulista, desvendou o véu inteiro de sua isenção. Não escolheu os poderosos por guias. Essa torturante fase foi aberta em maio de 85 com meu interrogatório da Justiça Federal, em São Paulo. Uma verdadeira temporada no inferno, para citar, em recordação que nada tem de poética, o poeta francês Rimbaud. Um inferno de 5 meses, até 30 de outubro, quando tive a oportunidade de dar meu primeiro depoimento público sobre os fatos.

Convocado pela CPI do Sistema Financeiro da Câmara dos Deputados, não medi galanteios no momento de apontar as razões pelas quais havia sofrido a intervenção. Mas alguém havia sofrido mais: o ministro Francisco Dornelles fora exonerado do governo, por meio de um mero telefonema do presidente. Não guardo rancor dele, todavia. Cumprida sua missão, nada mais fez. E nada se faz, nada se cobra. Hoje é deputado ^{em substituição} federal pelo Rio de Janeiro, onde sua atuação mais ativa tem sido tentar a mudança do ano fiscal brasileiro, que hoje segue o calendário gregoriano, mas que Dornelles quer trocar pelo modelo norte-americano, de 1º de julho a 1º de junho.

Um poeta brasileiro (volto a eles) da fase indigenista de nossa literatura, Gonçalves Dias, diz em "I Juca-Pirama": "vida é luta. Viver é lutar". Pois tal foi minha sina, nos quase dois anos seguintes. Poucos passaram o que passei: amigos escasseando, antigos sócios do Brasilinvest afirmando aqui e ali que na verdade mal me haviam conhecido. Para sustentar meu nível de vida, mantido com simplicidade, embora cultive o conforto e ame o estar-bem, tive de me desfazer de uns belos quadros de minha pinacoteca. Conservei, porém, mui

tos outros, que até hoje adornam as paredes de minha casa, no bairro do Morumbi, em São-Paulo.

Foi quando, após quase dois anos de lutas, veio em 28 de janeiro de 1987, o levantamento da intervenção extrajudicial no meu banco, por voto do Conselho Monetário Nacional, aprovando um acordo de acionistas e credores. *(mei Paulo Roberto)*

Só para continuar falando de lutas, meus algozes hoje devem estar sentindo a má escolha de me terem escalado. Eles só estavam vendo uma oportunidade de ganharem com toda a facilidade espólios reunidos após anos e anos de trabalho intenso. Aliás, nunca vi dinheiro fácil sem consciência pesada. Essa lição colhi na vida, mas quem duvidar pode ir ver o filme "The Last Hunt". A frase foi literalmente retirada da boca do caçado.

A caçada montada contra mim terminou quando finalmente o bom senso retornou às autoridades do sistema financeiro-bancário brasileiro, reunidos naquela tarde, no Conselho Monetário Nacional, então senhor absoluto dos poderes sobre a vida das finanças nacionais. A nova Constituição brasileira, a de 1988, iria podar os poderes do CSN, tornando-o um mero órgão normativo.

O caçador-mor, Francisco Dornelles, já havia cedido seu lugar ao novo ministro, Dilson Funaro, um idealista que me fazia lembrar o ex-secretário da Defesa Robert MacNamara, quando disse que o chefe deve ser mais católico que o Papa e tão limpo quanto um dente de cão de caça. Funaro era assim - uma integridade infelizmente desintegrada por um governo fraco, sustentado por uma elite frágil. Seria um ministro ideal para um Brasil mais à frente, quando afinal tivéssemos chegado a um tempo em que precisássemos menos de guarda-livros para contar os tostões de nossa economia do que verdadeiros enciclopedistas de como se faz o desenvolvimento. Acho que Funaro, quase um místico, seria para essa nova fase, que em breve alcançaremos. Morreu sem vê-la, mas seus discípulos, aqueles que o assessoraram nos únicos nove meses em que a economia brasileira realmente viveu sem inflação (o período de duração do Plano Cruzado, fórmula heterodoxa de congelamento de preços e salários com imposição de medidas de ataque estrutural às causas inflacionárias) fez economistas irem às lágrimas por considerarem ter encontrado a pedra filosofal da felicidade sobre a terra, e "fiscais" populares do presidente da República determinarem que supermercados cerrassem as portas, entoando o Hino Nacional. Era alguma coisa que Funaro gostava de ver. Hoje, seus pupilos tentam aplicar o mesmo tipo de solução heterodoxa, mas falta alguma coisa, sei lá, alguma mística embutida em tudo.

"Il pan mangiato presto ~~è~~ dimenticato". Pão comigo, pão esqueci do, e a era Funaro passou. Creio que se os fatos arrolados pelo Banco Central, contra mim e o meu grupo financeiro, e a voracidade das pessoas que queriam o Brasilinvest - ~~e querem~~ ^{querem} hoje a NEC do Brasil - a preço de banana, custo zero, envelopados em papel de presente e já com o selo da postagem paga, tivessem surgido no período do íntegro ministro Dilson Funaro, nada disso teria acontecido.

(Funaro
em 1984)

Quando o Conselho Monetário Nacional, portanto, levantou a liquidação do Brasilinvest S.A. Banco de Investimento, era como se eu tivesse nascido outra vez. O liquidante nomeado pelo Banco Central a testava que a instituição possuía recursos próprios para saldar suas dívidas. Dois dias depois, os credores já começavam a receber o valor de seus certificados de depósitos bancários (CDBs), com a correção monetária dos ganhos a que faziam jus. Tudo como devia ser, para uma instituição séria, com sócios sérios e um conselho consultivo se ríssimo. Todos os pagamentos aos credores foram efetuados nos oito meses seguintes. Em agosto, o banco já não devia a ninguém. Tudo is so teria sido feito, exatamente com essa mesma correção, sem necessidi dade de intervenção ou liquidação alguma. O sistema bancário existe no mundo milenarmente. É fundado no respeito e no crédito. Confiança não se pede nem se impõe, diz um adágio de meu país.

Em outubro daquele ano, finalmente, era levantada a liquidação da Brasilinvest Distribuidora de Títulos Mobiliários. Hoje, ao escre ver esse livro, ainda luto na Justiça para receber de volta as empresas que me foram tomadas, e receber a correspondente indenização. So nho em voltar a ocupar minhas duas torres na Avenida ^{Paulista} ~~Paulista~~. Sede, símbolo e sangue do Brasilinvest. É uma luta não para reaver valores somente, mas para deixar uma herança verdadeira de dignidade ^{para} meus filhos Mário Bernardo, Álvaro Luís e Fernando Eduardo, ^{+ Antônio} ~~que~~ que comi go estiveram em todos os momentos com lealdade, apoio, amizade e principalmente serenidade. Meus filhos souberam lutar a luta interi or. Aprenderam a trabalhar muito cedo as faculdades do espírito. E estudaram natureza do trabalho.

Tendo tal respeito a amizades sólidas, não cultivo a vaidade de escrever uma autobiografia. Para um empreendedor inquieto como eu, não há tempo para calcar sofrimentos, enquanto as feridas ainda es tão abertas. Tento apagar o que passou recriando fatos e negó cios, fazendo um Convite ao Brasil. Tempo perdido não se recupera, e tempo é dinheiro.

Sim, cometi erros. Não se passa uma vida sem eles. Como Lee Iaccocca dizia em seu livro, "Uma Autobiografia", "os erros fazem

parte da vida; não há como evitá-los. Só se pode esperar que eles não custem muito caro, e que não se cometa o mesmo erro duas vezes".

Talvez tenha errado na escolha de parceiros e sócios no Brasilinvest. Mas para que lamentar, se as opções de escolha eram tão restritas? Com outros, quem sabe, teria ocorrido o mesmo, porque podre quem estava era a época do país, e não propriamente os seus homens. Por uma espécie de determinismo, somos levados a acompanhar as feições do Estado brasileiro, acompanhar sua moral. Por isso que desfazê-lo, reduzi-lo, limitar sua presença na produção de riquezas ao financiamento dessa mesma produção na iniciativa privada (e não nas fábricas estatizadas), ao rebaixamento da taxa de juros, aos estímulos às exportações e ao esmagamento dos cartéis e oligopólios, parece ser a finalidade do Estado. Não será jamais sua finalidade estatizar 75% do crédito nacional. Enquanto o presidente Fernando Collor assim estiver procedendo merecerá o apoio de todo o empresariado, apesar de alguns ajustes necessários no seu plano econômico.

Não gosto de pequenos desafios. ^{Diria} Digo sempre aos amigos que hoje me visitam em casa - porque não recuperei ainda a sede do banco - que carrego o banco comigo, para onde vou, numa pequena pasta de couro... Mas "little strokes fell great oaks", diz o adágio norte-americano. Espero encontrar ainda grandes carvalhos para abater. Respeitando o meio ambiente, é claro.

Por grandes carvalhos da economia brasileira entenda-se os grupos - complexos enraizados entre políticos astutos e empresários resolutos, que tentam aprisionar as decisões do poder segundo seus códigos - que tentaram tirar-me o patrimônio para incorporá-lo a preço de banana. Já dei os nomes aos bois, sem número de vezes. O principal deles é o arqui-poderoso Roberto Marinho, dono da Rede Globo de Televisão - hoje a 3ª rede em "network" do mundo -, que na noite da liquidação de meu banco, no seu principal jornal da noite, o "Jornal Nacional", brindou-me com uma reportagem de 5 minutos, num total de 30 minutos de toda a edição, para reportar os fatos, as 8 da noite, para 40 milhões de telespectadores, audiência total. Naquela noite de 18 de março, o país acompanhava o drama de seu presidente lutando contra a morte num hospital de Brasília, sendo removido, em difíceis condições, para um hospital melhor em São Paulo. O mundo apresentava outros fatos de interesse, com imagens emocionantes. Mas o "Jornal Nacional" deteve-se 16% de seu tempo a Mário Garnero e seu pequeno drama, se comparado a tantas angústias nacionais e internacionais.

Por quê? Aquela nota anunciando a liquidação do Brasilinvest,

Amigado

assinada pelo presidente do Banco Central, tivera no ministro Francisco Dornelles seu inspirador e guia. Tanto que pessoalmente telefonou a alguns editores de jornais para "dar força" ao assunto da liquidação. Um homem que não devia um centavo ao governo, que fizera sua carreira sem jamais ter um emprego público, era massacrado publicamente pelo cartel da comunicação. Muitos - pelo que recebi, minutos depois, de telefonemas de solidariedade, do Brasil e do exterior, e, a partir do dia seguinte, cartas, telegramas e mensagens de pessoas que nem conhecia, mas todas igualmente perplexas - ficaram aterrados ante a montagem do espetáculo. Alardearam no "show" de 5 minutos minha condição de cidadão do mundo, meus encontros com o então presidente Ronald Reagan, com o secretário de Estado George Shultz, com o ex-presidente da França, Giscard D'Estaing. Meu encontro com sua Santidade, João Paulo II, mereceu destaque, junto ao público do mais país católico do mundo. Imagens que nem eu mesmo julgava existirem, foram editadas com rara agilidade e competência pelos editores do telejornal, cujo "anchor-man" relatava tudo com voz embargada dos momentos solenes.

Às 7 da manhã do dia 19, com o telefone tocando ininterruptamente, trazendo-me manifestações de solidariedade, meus filhos, na mesa do café da manhã, me interrogavam com os olhos, jornais na mão, com manchetes estampadas sobre a liquidação, sugestionados, é claro, pelo tom emocional da véspera do telejornal de maior audiência no Brasil. Eu havia dormido profundamente. Passo os meus dias sem dramas e durmo sem pesadelos, graças à Deus. A meus filhos pude apenas dizer, numa convocação à luta, a partir dali: "Todo mundo na dança!". Eles foram a seguir para os seus colégios, certos de que seus colegas o veriam como sempre - dignos e altivos.

Estava certo de tudo que viria a partir daquela manhã: uma corrida de fundo, que exigiria a superação de obstáculos, à toda prova, à prova de toda humilhação. Como alguém viveria no seu próprio país, que cultivava a liberdade (desde que o Estado não esteja por perto) com esses impedimentos.

o lma dia e um drit

à Dieu servir.

é o moço de família

CAPÍTULO I

WASHINGTON
~~NEW YORK~~, UMA NOITE NO
BALL-ROOM NO CAPITOL HILTON.

Marcham

Todos estavam novamente lá, no salão de baile do Capital Hilton Hotel, em Washington, como se nada tivesse acontecido. Todos os meus amigos. Sócios que nunca imaginei tê-los. Banqueiros (que jamais me emprestaram a não ser um telefonema de solidariedade. *Financistas*, advogados e lobistas. Jornalistas que tiveram a gentileza de me tornar personalidade pública nos Estados Unidos, não por "convencimento", mas por ser verdadeiramente uma notícia. Limpa e sem esquemas para vender imagem na principal potência do globo.

Sim, estavam todos lá, para mais um tradicional almoço do Brasilinvest a seus amigos e clientes, como sempre fez nos últimos 25 anos, acompanhando por todo o mundo as reuniões anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Agora, em Washington, tu do parecia como antes, como se nada tivesse acontecido comigo, depois de ter sido violentamente arrancado do "cokpit" do Brasilinvest, por um governo brasileiro que fez desse ato seu primeiro fato, exatamente em maio de 1985, dois meses apenas de empossado.

O governo José Sarney começara uma violência contra um empresário desarmado, que nada mais fizera em sua vida que cultivar a crença no Brasil e a fé no trabalho. Mas o Brasilinvest, meu banco de negócios - o primeiro do meu país, fundado em 1975, era um naco precioso para empresários ávidos e pessoas de governo espertas. Em apenas sete anos de existência, o banco já tinha assumido o controle acionário da Standard Eletric do Brasil e da NEC do Brasil, através de uma "holding" que acabei montando, com meus sócios, a Brasilinvest Telecomunicações, por sua vez associada à Honewey Bull.

O Brasil, através desse entendimento, entrou para um mundo desconhecido, o da computação digital, revolução que deu prazer à informática.

À porta do salão, recebi os conselheiros do Brasilinvest, como sempre. Havia preparado um discurso curto, para não tomar o tempo de pessoas tão ocupadas quanto entregues a meditações sobre um mundo de cifras, refletindo sobre o futuro do capitalismo. Cabia-me, porém, mais uma vez, polemizar. Não era isso, na verdade, o que tinha feito durante toda a minha vida? Polemizar, lutar, não deixar abater-me. Parecia até que eu tinha assumido as características de meu próprio País, uma resoluta nacionalidade que não se deixa quedar, nem quando seus piores inimigos a assolaram, a inflação alta, a recessão imposta e a democracia vulnerabilizada.

Eu já tinha minhas propostas conhecidas desde quando iniciei minha vida pública, como estudante de direito. Foram tidas como liberais demais para um jovem que em 1961 organizou um seminário no cen-

tro acadêmico de sua universidade, que presidia, e para onde levou um líder político, Carlos Lacerda, que fazia tremer as paredes do governo e da sociedade brasileira toda vez que tonitroava suas teses. Por coincidência, o governo Goulart cairia 3 anos mais tarde, tendo em Lacerda seu maior combatente. Depois de ter dado o cenário a Carlos Lacerda, um ano depois, como a demonstrar a vocação de procurar todo o sempre saídas para o Brasil, o jovem estudante que organizava flamantes seminários dava espaço ao oposto, ao radical Leonel Brizola, cunhado de Goulart, na época identificado com as correntes ideológicas acusadas de "cubanizar" o Brasil.

Agora, quase 30 anos depois, continuo na mesma linha de manifestação de meus compromissos com o Brasil, para defender sua modernidade, à procura de um capitalismo que nada tenha com o paternalismo do Estado.

Parece até que o presidente Fernando Collor de Mello, que busca a renovação através da redução do Leviatã estatal, recorreu a uma antiga entrevista que em março de 1982 concedi ao ^{brilhante} jornalista brasileiro Mino Carta, na revista "Senhor", na qual verberei: "temos de definir a linha do nosso capitalismo". Clamada pela renúncia à eterna presunção de que o Estado brasileiro paga tudo e salva qualquer empresa privada necessitando de "SOS". "O que não se pode é ir ao mercado internacional, assinar uma nota promissória e, na hora de pagar, deixar para a União pagar". "Ora, a União somos nós", disse eu a Carta.

Hoje, nesse começo de ^{fev 2001} 1991, vejo as perspectivas melhorarem em meu País, em termos da aceitação daquilo que chamei de capitalismo de correr riscos, a razão de ter iniciado meu banco de negócios, à semelhança dos "banques d'affaires" franceses.

Foi bom, portanto, ter ouvido meu velho amigo, William E. Simon, Presidente do Conselho do Brasilinvest, discursar naquele 25 de setembro de 90, em Washington, D.C., no dia de minha reentrada no mundo dos negócios, após ter recuperado o direito de falar como um perseguido da Justiça, pois esta mesma Justiça brasileira tinha acabado de me devolver o Brasilinvest. Com emoção, ouvi aquela poderosa personalidade, ex-Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, referir-se a mim como a alguém que tinha em mais alta conta e depois rememorar que só tinha tido maravilhosas lembranças de nossa associação.

Que maior prova de confiança no País ouvir Bill Simon referir-se ao "Brasil Brazil Inc":

"O Brasil é um país que ia quebrar. Mas os donos de suas ações se reuniram para porem para fora o antigo conselho de administração,

por incompetência, e agora o novo conselho vem tomando uma série de medidas para recuperar este negócio que se chama Brazil Incorporated".

*é a história
mesmo a
história
brasiliana*

A figura de metáfora foi muito boa, naquele momento, e ~~será práticamente a marca que seguirá o~~ Governo Collor, cuja meta principal é a redução do tamanho do Estado, a abertura econômica, a liberdade comercial, a franquia de importar livremente, a competição de mercado livre, enfim. Sei que em meu país existe burocracia, corporativismo e resistência demasiadas no aparelho estatal, que domina 70% da economia nacional, ~~para que possa ter esperanças de que tudo o que Collor tocar vire ouro imediatamente.~~ Não. Em apenas 15 anos de ~~um mandato presidencial~~, não se desamarram laços de preconceito à abertura, pois há décadas vêm sendo atados pelos sindicatos, empresários e tecnocratas temerosos da livre concorrência. ~~Collor vai~~, infelizmente, passar por tempos de dúvida e, em certas horas, poderá, até querer desistir. Mas a juventude do presidente brasileiro, sua coerência na luta contra os cartéis e oligopólios, e uma tenacidade que só se enxerga em quem sabe o que vem amanhã, nos dão alguma expectativa favorável, de que possamos fazer pelo menos parte do que já fez o México.

Como disse Simon, em seu discurso no nosso almoço de reencontro: "nós sabemos que o Brasil tem um enorme potencial. Sabemos que agora começa uma nova jornada com um potencial impressionante". Bill, que já dispôs da chave do Tesouro norte-americano, não fala de graça. Para nosso gáudio (contra a onda de pessimistas e negativistas que infelizmente assalta o Brasil, em tudo enxergando cobiça estrangeira, quando deveríamos ter a cobiça brasileira de superarmos por nós mesmos nossas dificuldades), traçou a linha que todo o mundo industrializado deveria saber, a propósito de meu País: uma nação rica em recursos naturais, estrategicamente bem situada e abençoada por ter um povo com infinitos talentos.

O que se poderia ter de melhor nos tempos de hoje, para um país necessitado de recursos externos, como qualquer outro em desenvolvimento, do que ouvir um ex-Secretário do Tesouro dos Estados Unidos destacar suas condições excepcionais diante do mundo e afirmar que a América tem pontos comuns em série conosco?

É Simon quem diz: "talvez ela possa ser vocacionalmente uma nação do Norte, e nós, do Sul" (essa cruel dicotomia que condena os países da América Latina, Ásia e África a uma eterna dependência do Império das terras temperadas e industrializadas). "Na verdade, nós somos ambas nações do Oeste. Somos nações pioneiras. Nações de um novo mundo". Palavras de Bill Simon.

Passou-me pela cabeça, num átimo de segundo, toda a visão dos

bandeirantes, que saíram do litoral de São Paulo para conquistar o Brasil desconhecido do Oeste, desbravando terras inóspitas, varando florestas virgens, quedas de água, rios e os indígenas dispostos a preservar seu habitat (só que, me perdoem meus amigos norte-americanos, não tivemos um general Custer no Brasil, nem nossos índios foram dizimados na nossa corrida para o ouro e diamantes).

Animado com a recomendação maior de Simon - "comprem as ações do Brasil!" - não mais parei de pensar, até que me decidi fazer esse Convite ao Brasil. Modesta contribuição de um filho de italianos de Terim, "self-made man" que luta há 62 anos por uma terra melhor, onde cada um possa ter sua própria iniciativa, estabelecer-se, competir livremente e ter sucesso na vida.

Foi por isso que, na primeira frase de meu discurso, fui logo deixando claro: "depois de muitos anos, meus compatriotas e eu mais uma vez nos orgulhamos de sermos brasileiros".

Estava me referindo, de saída, ao choque anti-inflacionário que marcou o início do governo Collor. Não é hora de soltar foguetes precipitados de comemoração, sei muito bem. Minha vida é a de um empreendedor prático e objetivo, para desconhecer que no Brasil a inflação é uma hidra necessariamente sedenta.

Mas não devo ter a atitude de avestruz, com cabeça enterrada na terra, e deixar de ver que, pela primeira vez em 25 anos, um presidente brasileiro torna o combate firme e cerrado à inflação sua meta prioritária, maior, única.

Uma meta que vale não somente uma missa, mas uma massa crítica de reconquista da dignidade perdida pelos seus concidadãos.

"De fato, identidade nacional e auto-respeito não existem, se se permite que a inflação suba desmedidamente ao ponto de destruir o bem-estar social". Esta passagem do meu discurso vinha bem a calhar, para meus amigos dos EUA terem notícia do que não se fez no Brasil, particularmente no governo Sarney - quando a inflação mensal alcançou a obscena taxa de 100%, que existia no dia da inauguração da nova administração. Logo após o primeiro choque, Collor a reduziu a 10%. Havia, portanto, 90% de inflação causados apenas pela desconfiança no presidente e no governo que saíram, o que vale constatar que nem em meu país os psicólogos são mais versados para falar em alta dos preços que os próprios economistas.

Mas, com preços controlados e leis que permitiam uma automática indexação revogadas, o Brasil entrava novamente nos trilhos. Os competidores econômicos foram impelidos a competir, e não somente a entrar na "ciranda financeira", fórmula encontrada em meu país para

que o dinheiro não criasse lastro de produção, mas ócio de especulação.

A privatização de empresas estatais - destaquei no discurso - foi o ponto alto das medidas de modernização da economia trazidas pelo Plano Collor 1. Uma das diferenças vitais entre o Brasil e outros países em desenvolvimento é atratividade econômica de muitas das empresas estatais brasileiras, relembra. Como que numa devolução ao alerta a Simon, que conclamara comprar-se ações do Brasil, mostrei que algumas dessas empresas estatais, que poderão entrar nas listas de empresas privatizáveis pelo governo, mesmo tendo atravessado crises de financiamento de novos investimentos ao longo dos anos 80, representam enormes possibilidades de retorno dos recursos despendidos para sua aquisição, via mecanismos legais de privatização, que já estão adotados no Brasil.

Afirmo de alto e bom som, que empresas que exploram as áreas de siderurgia, refinação de petróleo e sua distribuição, telecomunicações, produtos petroquímicos, distribuição de energia e outras atividades da mesma atratividade podem gerar ganhos acionários, ao longo dos anos futuros, para seus futuros acionistas, além dos US\$ 50 bilhões. ~~Se a~~ privatização ^{tem} tiver êxito no Brasil, como obteve no México, ~~pode ser~~ ^{uma} aberto um precioso canal entre o Brasil e os investimentos externos. A privatização, na verdade, é uma importante área de simbiose para a abertura internacional de nossa economia.

Isso eu disse, mas tive depois, até hoje, que me contentar com resultados módicos. Modestos mesmo.

A inflação mostrou mais uma vez mais ser renitente, como se já pertencesse a uma cultura formal, que parece condenar o Brasil a viver fatalisticamente sob seu jugo. Que destino grego seria esse o de resistirmos nós próprios a uma convivência civilizada com preços moderados? O Plano Collor já virou Plano Collor 2, e quem sabe teremos o 3, em breve. Tenho a exata impressão de que o presidente precipitou-se quando quis sair rapidamente da recessão prolongada, determinando um congelamento de preços e salários (o mesmo formulário utilizado pelo governo anterior de Sarney, que o desgastou), e assim procurando conter os preços, agravados por uma forte especulação, e a prática de preços industriais exagerados pelos cartéis e oligopólios que teimam em não abandonar suas práticas.

Mas Collor é resoluto, e tenho fé na sua determinação. Eu o conheço, fomos parentes numa determinada ocasião (nossas ex-esposas eram irmãs).

Vai chegar um momento em que a inflação deverá cair quase

que por gravidade, pois não terá mais por onde medrar. O Estado, esse gas tador insaciável, está sendo, passo a passo, implodido, com golpes certei ros em suas estruturas perdulárias. ~~Collor é um bom aplicador de gol~~ pes. Só não chegou ainda a torná-los de certos em mortais, pois logo deparou-se com uma economia internacional de guerra e recessão. O presidente brasileiro está pagando o preço, e pagando muito caro, pela incúria de um governo anterior, que lançou quatro planos econô-
micos em 5 anos.

Esses conceitos me animaram a retomar os meus negócios no banco e em várias atividades empresariais. Algumas delas sem visar exata-
mente lucros, mas lutas. O Forum das Américas, que vislumbrei como cenário de debates para a integração, acaba de ver seu objetivo ini-
cial confirmado pela Iniciativa Bush, que propõe a integração conti-
nental. Temos de perder a autocomiseração latina de nos considerarmos filhos espúrios da prosperidade, por estarmos abaixo do rio gran-
de. Se o México conseguiu, por que não conseguiria o Brasil?

Feliz pelo reencontro com meus pares dos Estados Unidos, fico à vontade quando penso também nos meus amigos e parceiros europeus, no-
tadamente italianos e franceses. Quando os relaciono, não faço lis-
tagem apenas dos empreendedores da iniciativa privada que acreditam no Brasil e há anos comigo estabelecem "joint-ventures" para explo-
rar todas as possibilidades desse fascinante comércio que se abre en-
tre a comunidade econômica européia, a América Latina e o Brasil.

Refiro-me especialmente aos estadistas. Aprendi desde moço a li-
dar com eles, a penetrar no seu mundo, mesmo quando não era convida-
do, como relembrarei nos próximos capítulos. Mas tinha uma causa jus-
ta quando precocemente me punha entre os homens de Estado de meu país. Queria entender e conhecer o Brasil o mais breve possível. Quan-
to aos estadistas mundiais, tive o privilégio de ter, como interlocu-
tores constantes, presidentes, primeiros-ministros, ministros, secre-
tários e executivos públicos, tanto quando ocupavam seus cargos, quan-
to depois. Entregues à reflexão sobre os rumos internacionais, passa-
ram a exercer o mandato da experiência.

Sempre fui participante do grupo que o ex-presidente Gerald Ford reúne anualmente em Vail, Colorado, para uma tomada de rumos so-
bre as tendências mundiais. Por falta de informação é que não devo ser culpado. Em meu país ainda se penaliza, e muito, quem abre jane-
las para o mundo, preferindo abrir a porta do quintal para o bairro.

Nessa soma de uma vida de permanente luta em favor de algum ide-
al, lembro-me sem falsa modéstia de todos aqueles que não tiveram re-
ceio, em momento algum, de suas trajetórias empresariais, para tenta

rem comprovar que estavam certos. Por acaso Lee Iaccocca não é também descendente de italianos?

Por isso animei-me a este novo Convite ao Brasil, a meus amigos dos Estados Unidos, Europa, Ásia e América Latina, e todos os empreendedores que mereçam serem assim chamados. Sei bem a quem convido para minha casa. Dinheiro é alguma coisa muito importante para ser tratado apenas por empresários imediatistas. Há que se ver os riscos. Que riscos oferece um país continental, dourado de sol, de recursos naturais, e cujo distrito mineral, seguramente o mais rico do mundo, sequer ainda saltou do subsolo para a superfície? Um país com ambiente íntegro. Não um meio ambiente, mas ambiente inteiro.

Para os que não me conheceram ainda, meu "pedigree" de anfitrião do Brasil é o de um dono de banco de negócios, o Brasilinvest, que entre uma centena ou mais de atividades incluía desde puros-sangues às gravações em som fidelíssimo das chopinianas Polonaises. Onde havia e há um bom negócio a fazer, na indústria, na agricultura, setor imobiliário ou área financeira, estávamos e estaremos lá.

Não me abati quando o governo brasileiro, naquele inesquecível 18 de março de 1985, colocou-me para fora do ringue com um golpe sujo, desclassificante. Tanto o Brasilinvest Banco de Investimento S.A., quanto a distribuidora de valores mobiliários a ele agregada nos foram tirados, numa liquidação extrajudicial "tout court", autoritária e - mais tarde, os fatos surgidos dos nossos recursos judiciais iriam demonstrar - também criminosa. Muita gente poderosa no Brasil e fora dele olhava com cupidez para o acervo do banco e de todas as demais empresas do grupo. Pela extinção do banco, paralisando o dreno que fornecia recursos ao fluxo de caixa de todas as empresas do grupo, a "societas sceleris" desejava apossar-se do patrimônio empresarial acumulado em uma vida de crédito na livre iniciativa, na competição, no trabalho árduo e pesado, nas relações com o mundo dos negócios. Empresários brasileiros, cuja visão tacanha de mundo solemniza seu culto ao banditismo nos negócios (como economistas também tacanhos de meu país elegem o vudu dos choques econômicos em vez de programas consistentes de ortodoxia em favor da real estabilização), tentavam apossar-se da nossa propriedade particular a custo de banana. Preço FOB...

Muito mais tarde, os mesmos grupos, que sempre estiveram montados (em dupla significação) nas benesses dos governos brasileiros, isso pelo menos nos últimos 50 anos, como áulicos de governantes fortes e fracos, militares e civis, ditadores e libertários, déspotas

esclarecidos e democratas - tudo, não pelo meu rei, mas pelas concessões fáceis de um Estado facilitário -, em tempos da distensão e da abertura democrática, que ajudei a criar, ainda tentam até hoje mais uma vez empurrar-me para fora do ringue, para tomar-me a NEC do Brasil S.A.. Iguamente a preço de banana. Custo CIF...

Mas quero, em primeiro lugar, mostrar que num país aberto a todas as iniciativas, direcionado também para o exterior, a linha básica de pensamento deve ser a de um entendimento franco. Mas defendendo o estabelecimento de certas defesas que todos os países democráticos naturalmente têm. Aqui, no Brasil, serão defesas para que o capital estrangeiro possa aproveitar-se da fragilidade das estruturas políticas dos países em desenvolvimento, usando-as em seu benefício, como grupos poderosos brasileiros sempre usaram os governos para usufruírem de seus cachos de banana.

Defendi sempre a integração com o capital internacional e, nesse Convite ao Brasil, torno a fazê-lo, demonstrando agora linhas de trabalho factíveis e sem retórica, como o programa de privatização das empresas estatais brasileiras. Essas, na verdade, são oportunidades abertas por um Estado moderno, operando a mesma desestatização que ocorreu na França, Itália, Reino Unido, Espanha e México. Não são negociatas nem compra e venda de bananas, como muitos desejavam que o Brasil fizesse, como grande fazenda, com um senhor fraco e capatazes espertos como o capeta.

Para chegar até aí, lutando na frente interna e externa, e enfrentando o poderoso "lobby" japonês no campo das telecomunicações, será preciso retroceder, um pouco, para situar as razões para que um Garnerio vem ao mundo: "lutar, mas com finesse". Já me dizia um amigo, o ex-Secretário de Estado George Shultz, que comigo compartilha o gosto pelos vinhos do Rio Grande do Sul (que sua bondade não de todo distante da verdade compara aos da Califórnia), que tenho "joie de vivre". Na Itália, chamam a isso de "sprezzatura".

Com esta alegria de viver realizando, não se pode ter inimigos de segunda linha. Tanto quanto o Brasil, que deseja romper as barreiras armadas por seus concorrentes no plano internacional. Mas os homenageio com um brinde de cabernet gaúcho. Que, aliás, me interessa enormemente um dia exportar ao Japão...

Convite ao Brasil
Mário Garnero
Capítulo I

IMPRESSÕES DO MUNDO,
DA NOSSA TERRA, E DAS
PESSOAS QUE CONHECI

Participação se reverte, vamos ver de um tema mais amplo pra cair depois na participação dos lucros, eu acho que nós temos condição na privatização, na criação do mercado acionário de transformar o trabalhador em acionista.

O grande avanço que os sindicatos deram na Alemanha foi na medida que eles conseguiam transformar seus modelos de arrecadação em modelos de participação empresarial, quando você pega os sindicatos em "ingienetal" em "gienetal", você vai ver que sua carteira de investimentos é tal ordem poderosa por que ela foi se sustentar especificamente nos seus investimentos realimentando as empresas na sua capitalização e constituindo indiretamente um fundo de participação nos resultados da empresa. É evidente que hoje se você partir numa posição de participação nos lucros puro e simplesmente você terá aqueles empregados que trabalham em empresas mais prósperas diferenciadas dos outros, eu acho esse sistema mais importante, seria da utilização de partes crescente do PIS/PASEP para não a dinheiro subsidiar mas a participação efetiva num conselho e naquela ocasião você lembra que nós defendemos a participação dos empregados nos conselhos diretivos, há dez anos atrás, parecia um "mirezir" nos conselhos diretivos pouco a pouco chegou-se lá "pouco a pouco" e me parece que se você tiver condições de transformar esse PIS/PASEP que foi usado indecentemente por outros governos pra financiar o "BNDS" é "BNDS" ajuda que do que financiou juros subsidiados nas empresas.

Você teria sido muito mais útil se você transformasse esse PIS/PASEP em fundos de participação acionária em empresas selecionadas onde os empregados pudessem ter uma participação segura.

os problemas estão, e não só estão os problemas como estão as oportu-
nidades, nós já falamos da integração do Nordeste, também sobre
o potencial que existe em outras áreas, como mostrou agora toda á-
rea leste-oeste de Mato Grosso, centro-sul, que já mostrou, já se
desenvolveu, porque não acelerar isso, dar um apoio empresarial,
nacional, apoio empresarial internacional além dos chefes de esta-
do que representam o poder político, para "maior desenvolvimento
como na Amazônia, neste momento.

É, inclusive recentemente, como na 1ª sessão de gravação, nós
realizamos esse aspecto, que é o secretário de Desenvolvimento Re-
gional, Egberto Baptista, organizou em Manaus, recentemente, um se-
minário de turismo internacional, ecoturismo e colocou anúncios
nos jornais na mídia internacional somente o Japão aceitou, por-
que todos os _____ achavam que a Amazônia não podia
ser objeto de uma ação empresarial para ecoturismo, tem que ser u-
ma ação própria, intocável. Mas isso quem tem que dizer somos nós,
que tem que reger esse tipo de limitação de espaço somos nós brasi-
leiros, mas estou com outro aspecto importante, constituição e _____
_____, no seu modo de entender, qual deve ser o pa-
pel das centrais empresariais dessa revisão da constituinte, tais
esclarecimentos dessa nova classe política, dessa nova classe do
Congresso, o presidente Collor fez uma pesquisa, ontem, e entregou
ao jornalista Carlos Chagas da seguinte maneira: na atual constitu-
ição tem 45 referências a palavra direito e apenas 4 deveres, en-
tão você não acha que essa Constituição foi erguida, foi ao sabor,
de um chamamento das massas das ruas, era uma derivação a uma sé-
rie de campanhas de salvação nacional, de ruas, Diretas Já, um sen-
timento democrático, mas ela acabou sendo uma Constituição dos di-
reitos sociais mas não dos deveres do trabalho, do esforço nacio-
nal de construção, então qual deve ser o papel dos empresários na
revisão da Constituição Mário?

Bom, a definição sua é importante e eu concordo integralmente mas se você pegar a época da transição na Espanha, você vai ver que esse problema _____ e Portugal as primeiras construções tiveram um lado de romantismo, de absoluta distância da realidade _____, como por outras maneiras o _____ escreveu a outra Constituição com _____ que não se aplicava a países _____, então eu acho que o momento da revisão é o momento importante em que o Congresso sereno que se estabeleceu agora com o peso social forte e balisado pelo voto, vai rever em função _____ brasileira, _____ legislando e governando, imaginando que a realidade _____ seja aplicado no Brasil, a realidade americana na _____ realidade brasileira, a realidade nacional que é o _____ da nossa atuação política, inclusive no aspecto que _____ da delimitação do nosso _____ e da maneira de fazer _____ nós não vamos _____ em gerências de outros países que inclusive não mostraram claramente ao curso dos séculos uma grande vocação ecológica, essa vocação ecológica, começa a se manifestar quando o Brasil em cena. Mas eu me pergunto se os EUA, Alemanha, o próprio Japão há muitos anos atrás, antes da 1ª guerra e 2ª guerra mundial, nesse período que durou até a revolução ecológica, moral, mental que se processou depois dos últimos 20 anos, se esses países também conservaram-se puros como eles querem que nós nos conservemos de modo que o uso da terra, dos recursos _____ que é a nossa grande riqueza, a distribuição geográfica da população são coisas _____ brasileiras.

Agora no aspecto de revisão constitucional do empresário _____ desenvolver, eu acho que as entidades representativas do empresariado estão representando o imposto sindical, elas não têm condição nenhuma de vivência sem o imposto sin-

RECUEVIZ A FIM

dical, você diz que hoje, e você viu isto, acabou-se o imposto sindical. O Collor quer levar à frente o que tá na Constituição, a FIESP está contra, a CNI está contra, os sindicatos estão contra, ou vamos ser todos longamanos do governo, então não deve chamar FIESP, deve chamar Ministério _____ com empresários e estão lá os diretores que estão aí os empresários que estão aí, cuja função principal é agir corporativamente como força, como _____ de acomodação entre o que o governo deseja e o que a base empresarial chama nós temos que reformular isso de cabo a rabo, nós criamos aí um sistema corporativo, dividido em banqueiro que diz que o industrial é que é culpado, o industrial diz que o comércio é que é culpado, o governo se aproveita magnificamente dessa _____ entre os empresários e não há associação de fato porque ninguém paga pela associação, o que estamos pagando é compulsoriamente por uma estrutura absolutamente _____, absolutamente defasada, com homens defasados, que não fazem outra coisa a não ser tirar o chapéu para autoridades e rezar a Deus para _____ recebidos por autoridades. Isso é tudo que se vê na frente e quando falam dão um escorregão verbal e no dia seguinte se põe de quatro _____ essa é a realidade brasileira sindical, é absolutamente necessário passar um trator em cima da CNI, CNA, CNPS, essas coisas todas, com um achatamento que nós temos aí feito basicamente em cima do imposto sindical, das contribuições de SESC, SENAI e outras coisas todas, quem tem condição de empresariar, ou ser empresário deve contribuir para a sua associação não tem que dizer se é 0% do salário da, 50%, cada associação se imporá na medida em que livremente a ela se associar e será _____ respeitada, a começar pelos meios meios de comunicação, como pelo governo e, principalmente pela opinião pública.

É, pareceu a redução _____ de lavoura 37, ita

liana, porque não temos a permissão para descentralizar o comando sindical.

Como é que você chega hoje a uma FIESP, ao presidente de uma CNI?

Eu cheguei lá, mas o que eu posso dizer, não to dizendo porque me senti frustrado de não participar disso, cheguei a vice-presidência da FIESP, mas não quis disputar a presidência da FIESP, e cheguei a presidente em exercício da CNI, é puramente como _____
_____palmeiras, que é um exemplo dado, dos seus estatutos do que é o _____, você primeiro tem que passar num mini-conselho, do mini-conselho você é eleito para outro conselho, é um sistema, que lá em cima chega 25 para escolher um, se _____ que essa constituição vai ser formada por homens, livremente eleitos e que o presidente Col-
lor quer estabelecer realmente uma democracia aberto de nível de _____ nós temos que imaginar que as entidades sindicais tem que ser feitas exatamente livres e contribui quem quer, é forte quem tem o maior número de contribuições, que vai buscar maior número de contribuições e quem defende as melhores causas, que não necessariamente são aquelas absolutamente patro-
nais, patronais num bom sentido, para os empregadores e para os trabalhadores, patrões dos sindicatos, patrões _____, não é patronal porque é o _____ de uma empresa do patrão, e patronal também no sindicato, porque ela é formada de uma maneira piramidal, onde você só com o tempo chega lá, então a representa-
ção é _____ e não é aceita hoje, nacionalmente, peso específico dos empresários brasileiros na política é _____.

E, no entanto, o Congresso é eleito por empresários, mas _____
_____ sistemas empresariais _____ a dife-
rença é muito grande.

Se você pegar, realmente _____ tem uma vanta

gen, e que mostra a queda de representatividade das entidades, porque se você partisse para um sistema japonês, o que _____ elege, porque daí integra e determina um programa do governo, aqui você vê CMI, _____ do governo, e você vê, é um absurdo você ter um presidente, que _____ do Senado ficou _____ do partido, (de um bloco). Então como é que eu posso representar se o partido fosse PFL ou PDT, se o partido, se o presidente da CMI fosse do PDT e a minha tese, fosse uma tese _____ eu perderia. Isso é um absurdo total, nós temos que ter aqui é uma liberalização da representação desvinculada da _____.

Muito bem, no seu _____ anterior, voce colocou uma impressão _____ sobre a constituinte que ele, ou não convocaria a constituinte, ou não faria uma comissão constituinte dentro do congresso nacional, ou adiaria simplesmente o processo constituinte, ou transformaria o congresso, em constituinte como um todo, ou faria uma comissão dentro do congresso, como antecipação de uma _____ da cabeça de um homem de muita sensibilidade política para os erros que poderiam adivir, de uma constituinte feita com 2 distorções, 1º quem elegeu a constituinte, não sabia que estava elegendo a constituinte, 2º não havia vinculação entre o eleitor e a constituinte não havia mandato para ser constituinte, 3º a pressa de sair do estado de transição democrática logo na constituinte que já ia ter pelo menos 4 anos de um congresso intermediário positivo que pudesse inclusive ouvir melhor as classes sociais brasileiras, então normalmente houve um erro, quem elegeu o atual congresso, não sabia que estava elegendo o revisor da constituição, Portugal em 5 anos revirou a constituição e fizeram _____ muito mais agora, ao nível da realidade portuguesa, como se diz ao nível do _____ de Portugal, eles sabem perfeitamente quem eles são, em 99 você ainda _____ em Portugal,

na Espanha fizeram o maior processo de _____ moderna, a _____, as empresas a bolsa de valores de Madrid, hoje, é uma das mais ativas de toda a Europa.

_____ Governo, você sabe exatamente isso, e nós que temos tudo na mão pra sermos _____ não somos.

Você vê que o processo, involutível mental brasileiro, daqui a pouco iremos falar em _____ aqui, está procurando voltar o _____ aqui para estabelecer _____ a agricultura não produz, realmente esta defasagem é que eu acho que este novo Congresso tem uma obrigação porque está disvinculado do papel de acomodação _____ que o congresso anterior teve e que eu acho que foi importante, mas este congresso, embora não tendo um mandato de ser revisor _____ embutido _____ a cabeça da revisão ter votado no revisor, e este congresso teve uma grande responsabilidade de adequar os conflitos que se estabeleceram _____ deram uma origem a uma constituição que o seu ponto de vista de acomodação política é muito boa, mas que pode modernizada, que o mundo _____ outro, então _____ uma constituição que tenha já 2 anos ou 3 anos, ou que tenha 5 anos, não _____ fundamental que esses políticos sintam hoje efetivamente, onde está o realismo popular que não está preocupado com direita ou esquerda, está é querendo ter o seu pão mais barato, o seu leite mais barato, quer andar de carro, quer viajar, quer, enfim viver, seja direita, seja esquerda.

FITA 3 LADO 2

Mário, você é visto como um empresário dos mais ligados à igreja, no sentido de construção de pontes, para que nós tenhamos uma espécie de uma média de opiniões da área social, entre empresa e as instituições não permanentes, chamadas instituições esportivas, e são as instituições que buscam

guardar a paz social, inclusive na reforma agrária que você teve _____ com a missão de grande importância naquele momento histórico que nós atravessávamos _____ muito agudo, muito profundo que serviu como espécie de _____ também mais uma vez embaixador não oficial mais de grande importância para o País, eu lhe pergunto: Nesse atual contexto de produção e desenvolvimento do país é que se fala tanto em controle de natalidade, você é favorável a um programa desse nível no Brasil?

Eu acho que o Brasil evidentemente tem mostrado _____ e não só o Brasil como outros países, onde o nível de educação é mais elevado a uma consciência da natalidade que que _____ foi levado a outro nível no crescimento das populações eu acho que o Brasil se tivesse uma média nacional de educação e de desenvolvimento comparável com a Europa, você teria pouco a acrescentar a este projeto de, vamos dizer, de equilíbrio populacional, quando você vê por outro lado que é _____ de extrema pobreza, onde cresce desenfreadamente a população, você começa a imaginar que algo e de muito sério tem que ser feito, acho que dentro das limitações que a igreja tem colocado, há necessidade do governo, tomar medidas _____ não vejo isto incompatível com uma posição _____ acho que há um campo de equilíbrio entre igreja e governo que ambos estão vendo que a igreja sente diretamente o peso da pobreza à porta de seus padres, à porte de seus tempos e não pode _____ indiferente a uma _____ natalícia como em certas regiões do país, ou em certas regiões do mundo onde o subdesenvolvimento intelectual e o subdesenvolvimento material andam de mãos dadas.

É, inclusive você citou na gravação anterior o aspecto _____ daquelas regiões mais pobres da Itália que através de soluções muito práticas, muito nacionais, sem importar metodologias _____ fizeram recuperação de uma

região palpérea para uma região hoje, integrada na agricultura e na agro-indústria,

Eu, vejo, por exemplo, uma repetição disso, no Nordeste, eu acho que o Nordeste, já disse várias vezes, mais de 25 anos, desde a Faculdade que o Nordeste não é uma região _____ é uma região desálio, _____ oportunidades extraordinárias, nós já falamos que não é possível conceder o Nordeste sem água, com água embaixo do solo, e você fazendo do _____ que nada tem haver para _____ integrar os grandes programas nordestinos, a situação do _____ teve que se defrontar _____ pela imigração desenfreada, _____ para o país, estrangeiro e 2º para outras regiões, da Itália, o norte da Itália, criando uma evasão de cérebros e de mão-de-obra capacitada a levar a frente esse projeto que seria da recuperação do _____.

Quando você colocou o problema sobre o ponto de vista e desenvolvimento de indústria não tradicionais, como a indústria automobilística nesta região, a resposta que você teve foi muito boa, e se você olhar os aspectos brasileiros dessa região você vai que tanto na Volkswagen do Brasil, como em outras grandes empresas brasileiras, são aqueles regressos do Nordeste que se constituem hoje, mão-de-obra que pode realmente desempenhar tarefas importantes, como na própria indústria automobilística porque _____ então que as melhores cabeças, melhores braços, saiam dessa região, saiam do Nordeste, para virem trazer a sua possibilidade de desenvolvimento no sul ao invés de nós procurarmos, ao contrário, estabelecermos naquelas regiões polos de desenvolvimento _____, vamos dizer dos aspectos naturais daquela região, no caso, do clima.

É esse modelo de desenvolvimento econômico no Nordeste, por exemplo, associado ao modelo de exportação, você seria favorável a _____ e quais?

Eu acho que fundamentalmente o Nordeste, tem uma vocação californiana, o Nordeste pode _____ como um grande

seleiro e a Bahia, por exemplo, já está demonstrando, outros estados do Nordeste estão demonstrando um grande seleiro, acho que a origem do próprio desenvolvimento, do Nordeste mostrou que há uma região propensa ao desenvolvimento da agricultura, paralelamente _____ as agrovilas, sejam agrovilas _____ chegamos a fazer alguns projetos na época, _____ é para o próprio _____ de segurança nacional, para o próprio governo Figueiredo, acho que o conceito de agrovilas no Nordeste teria uma grande vantagem pela fixação do homem a terra, pelo desenvolvimento de certas regiões e paralelamente você poderia processar uma parte desses recursos através _____, todavia, se você imaginar que hoje, a tendência brasileira é de uma abertura efetiva dos mercados, é importante notar que essas _____, devam funcionar fundamentalmente, não mais como _____, mas como e não como formulas maqueadoras de produtos, mas de um acréscimo de _____ a produtos que tenham pelo menos 50% ou 60% de sua origem na própria região, de outra maneira o que nós estamos fazendo é encarecer o transporte e encarecer o produto final.

Quer dizer que nós não chegamos nunca a um modelo mexicano de maquiagem.

Não, porque não temos proximidade do mercado americano, o modelo mexicano _____ e outras, e próximos da fronteira americana, é um modelo que basicamente aproveita-se de mão-de-obra, e de zonas fiscais de incentivos fiscais criados para desenvolver outros países, como também no caso, o Porto Rico e outros países italianos, mas é muito diferente de um país que tem um mercado interno extremamente importante como é o Brasil e que pode agregar valor aos seus produtos, acho que essa é uma diferença fundamental entre o Brasil e o México e que deve ser colocada em questão, e acima de tudo, você tem uma grande vantagem comparativa, exatamente no aspecto do Nordeste que é a metade do frete para os

países desenvolvidos.

Exatamente isso, os antigos corretores de exportação, que seriam as modernas PS, teriam que competir, em termo de fretes, ou então ter produtos, _____ de qualidade e de eficiência que competissem com _____ com os mercados consumidores você acha que a zona do Caribe será um mercado potencial para o Brasil? em disputa com os outros países com o sistema dólar, nosso do continente?

Eu acho que o estabelecimento na zona franca de comércio dentro da iniciativa Busch, devem representar um aumento expressivo do comércio intraregional, vimos que a ALAD ficou num comitativo de pobreza e que esse comitativo de pobreza realmente não resolve o problema porque na hora que todos nós temos limitações, limitações de divisas, limitações de mercado, limitações de produtos, é importante que o próprio Caribe venha se integrar nesse processo e ele já sendo fornecido por algumas medidas da época do governo em que se _____, também condições de criar e se o Brasil _____ uma política de alta e suficiente energética e teve tecnológico que nós acostumamos, este país será sem dúvida compradores em moeda forte dos produtos brasileiros.

O Presidente Collor inclusive na reunião dos oito _____ ele defendeu a mudança de matriz energética envolve digamos assim, uma contabilidade energética, mas uns países levarão totalmente vantagem sobre os outros, por exemplo a Venezuela em termo de petróleo, Equador, Bolívia, em termo _____ natural. O Brasil _____. Então me escreva, por favor, quais seriam os prós e contras, dessa divisão, dessa cooperação que temos de matéria energética intercontinental.

A 1ª cooperação importante será a _____ brasileira de levar a necessidade de ser auto-suficiente energia,

nós falamos aqui _____ quando o petróleo está caro, nós entramos para o carvão, entramos para a área de energia nuclear entramos na área do álcool. Quando o petróleo baixa o preço sai normalmente no mercado internacional _____ os projetos todos e vamos fixar no petróleo, essa instabilidade tem mostrado, porque 1º nós estamos jogando fora projetos extraordinários como o próprio projeto nuclear _____ pacíficos, segundo o próprio projeto do álcool e o próprio projeto do carvão baseado de que custo hoje, eventual do petróleo é mais barato, era mais barato em junho e não é mais hoje, tanto que me parece que hoje, tanto que me parece que há uma necessidade do Brasil definir aquele uso da melhor matriz energética brasileira para nós mesmos, que é formada para uma conjunção de todos esses fatores mas com um grande objetivo, não devemos importar um litro e nem um barril de petróleo em 5 anos e é absolutamente factível esta meta se o governo se convencer.)

Tanto que não muda o relacionamento na América Latina mas dá uma consequência a todos os projetos futuros do desenvolvimento brasileiro não podemos ficar nem política, nem economicamente dependentes do petróleo, na medida em que nós _____ podemos ser independentes, você imagina hoje o Brasil numa _____ de negociação _____ o preço do petróleo para mim é totalmente independente, não em termos de custo para o usuário final, mas em termos _____ de divisas internacionais. E se você pegar hoje na _____ os países que menos sofreram com essa crise do golfo é a França porque tem um projeto extremamente válido de energia nuclear, o Brasil tem um projeto importante de energia elétrica já em desenvolvimento que já foi muito pra frente, e que pode complementar para levar a uma dependência de energia externa a zero, e isto realmente, não só é uma vantagem _____ mas é uma vantagem política extraordinária principalmente quando o Brasil está cercado

de países produtores de petróleo.

Você não acha então que essa independência zero da energia implica ~~em~~ que nós tenhamos uma visão adiantada moderna de 1º mundo que não devemos ter medo da bomba, ou seja, é como tivesse em casa uma metralhadora, mas uma metralhadora que fosse apenas para empingos temor nos assaltantes e nos ladrões e que nunca fosse usada, então quer dizer, a CPI nuclear, concluiu agora, com um relatório Senador Severo Gomes de que nós temos toda a tecnologia da FIAT, a laser, a _____ mas não devemos ter a bomba, ou seja, temos todos os processos para ir até a bomba e sem ter a bomba, isso foi um passe adiante as nações do primeiro mundo, estavam fazendo _____ Brasil por esta marca pacifista então como você vê daqui pra frente o aumento do peso específico brasileiro nas negociações através desse caudal nuclear desse canal nuclear sendo que no primeiro grande teste após o acordo com a Argentina de pacificação, os Estados o presidente Bush _____ aqui no Brasil _____ senadores da imprensa que não houve muita sensibilidade _____ para esse fato. Isso precisa ter um aporte de maior seriedade de maior conscientização, ou isso depende de uma revisão geral da imagem do Brasil ou do pagamento da dívida que de que fatores a dependência nossa, esse nosso reingresso no clube dos países com credibilidade.

Leonardo - quando nós assinarmos com a Argentina esta ratificação nós damos um passo além do que a Argentina fez e evidentemente se você vir pelo próprio aspecto das fisio-nomias, o Menem e o Bush estiveram muito mais tranquilos, embora a Argentina tivesse dado um passo a menos, mais do que esteve aqui. Mas eu não credito isto só para o problema nuclear.

Leonardo - Por qual via nós entraríamos na negociação internacional, pela via nuclear ou qualquer outra via:

R - Eu queria fazer uma observação, eu acho que o processo final de utilização da verba é um processo, é a etapa final do processo de utilização da verba, de transformação em bomba é algo que não nos interessa como nação. Nós somos uma nação periclitada? em termos de nos defender e o mundo está se restringindo cada vez mais, no uso _____. Eu acho que o uso final não deve impedir no desenvolvimento natural de todos os processos da ciência. Se você disser que amanhã o Brasil tem condições de desenvolver o seu processo para chegar a bomba de hidrogênio, nós não devemos parar o processo de conhecimento nacional, pura e simples porque no fundo estamos, eventualidade de se poder também se capacitar para poder também se capacitar para poder construir a bomba. É de saber construir, o desejo político de construir é que vai a diferença, mas nós podemos nos catar automaticamente de qualquer processo de conhecimento sob a idéia de que não meçam aqui porque lá embaixo vai ter uma bomba de hidrogênio, uma bomba atômica, uma bomba de neutrons que vai destruir o país. O processo de conhecimento deve ser mantido na sua integralidade absolutamente disvinculado e autônomo do uso político _____, mesmo porque você desenvolve o uso nuclear o uso mais avançado da tecnologia, num sentido de utilização pacífica cometida desses elementos mas sem qualquer peia e isto é o certo que de assinarem esse acordo o Presidente Collor também imaginou que não há peias e nem o governo americano e nem o governo soviético, nem do Paquistão tem condições de colocar peias no processo de conhecimento.

Leonardo - Você ia dizendo aí que também não é pela área nuclear que nós vamos entrar no clube.

R - Não. Desculpe. Mas porque quando você imagina que a negociação demorou tanto tempo e não se chegou a um fato concreto de uma bomba atômica com sua possibilidade de utilização no Mato Grosso ou Rondônia, Serra do Cachimbo, evidentemente que você mostrou que essas assinaturas é muito mais um gesto político do que um gesto _____ contra o

qual a vontade nacional se revelaria, a vontade nacional não de ter a bomba atômica, mas de termos o uso absolutamente em último estágio da tecnologia nuclear sem limitações. A resposta é idêntica a sua, isto é elemento de barganha.

Leonardo - Semana passada houve duas explosões atômicas, uma nos Estados Unidos e outra na Inglaterra com o consórcio americano dentro dos Estados Unidos e outro dado importante, há seis buracos no Cachimbo na Argentina, equivalentes a buracos no Cachimbo, nem assim os argentinos estão toda hora se perguntando se vai ter a bomba ou não, quer dizer, é como se ainda tivesse uma tecnologia e tivesse a certeza cultural de que aquilo nunca se voltará contra si e nem aquilo manchará a honra nacional. O aspecto é propriamente um aspecto bélico, um aspecto de concorrência bélica entre forças ou entre sociedades, ou elites mais do Brasil. Quer dizer que você volta mais uma vez aquela sua velha tese do _____ da conscientização, da educação, da comparação de quadros e da retenção aqui no Brasil dos cérebros não havia a nossa exportação de cérebros, que tanto nós gastamos divisas com a comparação de cérebros e inclusive financiamos para que os países ficassem com esses cérebros. A nossa tendência _____ é de cientista, talvez o Brasil não chegue a 600 cientistas para uma população de 150 milhões de habitantes, o que vejo com tristeza é uma coisa que já falamos outra vez que agora a gente vindo de Porto Alegre, eu estava lendo um artigo do Ministro Brodski com absoluta _____ o Brasil tá precisando de cérebros, de mão-de-obra qualificada, de gente que possa ensinar aqui a melhorar o produto nacional, não queremos dizer que nós vamos tirar o emprego de ninguém, queremos que estes homens que pudessem ter vindo aqui, que agora estão eventualmente impedidos por uma lei absolutamente ridícula, que estes homens que viessem aqui, possam ter _____ é o que acontece _____ e é um fato muito importante

Resumo de 1/5/74

nesse aspecto de pesquisa e tecnologia, esse reflexo do desenvolvimento industrial. A união efetiva da Europa, a ação comum em ciência e tecnologia _____ comunidade econômica Européia, houve um avanço extraordinário em termos de novas patentes, em termos de novas tecnologias empresariais _____ desenvolvidas na Europa, ora, se lá eles tem uma condição de desenvolvimento muito maior que o nosso, se unisse todos os países e o resultado é imediato, em 3 ou 4 anos, _____ uma duplicação de todo o seu _____ intelectual, como é que o Brasil, numa fase como esta de união de blocos _____ realmente, é um _____ da história _____ sendo internacional, nós não podemos impedir que tentar impedir que através de uma criação de barreira física, _____ de diminuir a distância com os outros problemas, _____ da coisas que às vezes nós tentamos inventar logo e que, das poucas tentativas, poucas nós _____ o custo muito elevado, você pegando de fora para trazer, saltos monumentais que o país deu, nessas ocasiões _____ mão-de-obra _____ como os japoneses, italianos, alemães, dos países mais desenvolvidos _____ a importante contribuição que esses homens deram, na formação da _____ industrial.

A propósito disso _____.

Você tomando um avião em Paris, ou um concorde para Nova York, você saía depois de Paris, para chegar antes em Nova York, começando o dia, participando de reuniões, você dizia, até o fuso horário _____ desses países aí pra frente, no caso os Estados Unidos, nas certas condições logísticas, nas condições geográficas, condições estratégicas _____ políticas, também teria, aquilo que nos conversamos na primeira sessão, sobre como constar a Califórnia, mesmo com _____ lo Marx e lo _____, que aquele povo, pudesse gerar outro país e até outro estado progressista, como um segundo estado em potencial, _____

exatamente por causa do petróleo do Texas.

É exatamente isso, em 1830, em carta pro Marx, o Engel, dizia que jamais aquilo passaria pelo exército.

Mas, é mais pro seu respeito, a condição de Marx e de Engel, em termos de _____ de criação de _____, nós vimos hoje que realmente, o mundo tem acompanhado caminhos próprios que estão a desmentir a maior parte dos pensadores, talvez um dos poucos que você possa dizer _____ se mantendo pela simplicidade, das suas idéias, coerente com os acontecimentos _____ e fazendo uma análise da democracia americana, pode _____ aquilo que o homem deseja, em si e independente, dos seus projetos políticos e a capacidade de se alto gerir, que deu realmente nessa democracia americana, que todo mundo quer imitar e que pouca gente _____. Por outro lado, _____ também na própria essência da democracia _____ que todos nós sabemos que é uma democracia acima de tudo, na linha da república de _____. Democracia de _____. _____ inseparáveis e emisturáveis.

Agora esse modelo de democracia que nós queremos, Mário, aí já é com o nosso _____ é um _____ internacional, fala-se muito aqui, que nós queremos um núcleo; penalizamos um núcleo, e toda democracia que incentivar uma capacidade de liberdade e capacidade que as religiões protestantes, e outras todas, colocam como fundamento da passagem do homem pela terra.

Brasil e outros

a usura, então nós temos no Brasil, uma extrema penalização do núcleo, o núcleo é a.

Na realidade, o núcleo e o sucesso no Brasil são inorais, na medida que você, _____ talvez uma _____, nós já conversamos sobre isso, uma coisa que me parece importante, você dizia que a competição nos outros países não existe, é o contrário, você dizia tem uma competição pessoal, em nível pessoal, que é até muito mais acertado do que no Brasil, porque as condições de vida nesse país são ainda mais difíceis para você chegar ao topo do _____. Mas uma coisa importante, me parece que efeito e causa, são um dos problemas dos países em desenvolvimento, num país em desenvolvimento quando você compete com alguém para chegar e obter o seu emprego, você procura se armar intelectualmente, internamente, você compete dizendo o seguinte: eu quero ser melhor que ele. Aqui no Brasil, você diz: eu quero é derrubar o mais rápido possível, não preciso ser melhor do que ele, o que eu preciso é derrubá-lo de uma maneira mais eficiente.

Você é um exemplo disso?

Eu não diria que eu individualizaria, _____ mas realmente no Brasil, o aspecto da competição, está de cabeça pra baixo, você não procura subir na escada social, mas você procura derrubar quem já passou à sua frente.

E isso, fundamentalmente, se aplica na questão, vamos dizer empresarial, eu acho que nós estamos criando no Brasil, uma aversão, uma imagem de que o núcleo seja inoral e que por ser inoral, ele deve ser tratado como uma peça pornográfica, realmente _____

o que nós vamos fazer é um nivelamento por baixo, onde ninguém terá lucro e todos terão a mesma situação social e política absolutamente igual a zero. Não há progresso.

Nessa linha de pensamento, qual é a sua impressão, sobre o projeto que o governo lançou a mesa agora do Impedimento Nacional, _____ demorará um pouco mais pra frente, mas sempre é bom, em tese, perguntar sobre o projeto do governo, sobre participação dos núcleos do trabalhadores.

Eu defendi isso a muito tempo, você se lembra, que na CMI, inclusive, há mais de 10 anos, nós tivemos um projeto _____ do PIS e o _____ como formas de participação do _____ é evidente que o problema da participação, é um problema de estímulo e de melhoria da integração do empregado no emprego, eu acho que nós vamos ter uma oportunidade excepcional agora, no processo de privatização brasileiro, para fazer como na Inglaterra, onde o _____.

--- Eu acho que a votação que o Lula mostra claramente que no final da campanha ele compreendeu o processo e acredito que hoje, escorado por uma campanha a Presidência como foi, ele esteja deixando de lado o sentido puramente unilateral da sua pregação.

A ideologia desapareceu, tem os líderes políticos, tem que entender isto, que ninguém quer comer pão com ideologia, quer comer pão com manteiga.

--- Você tocou 3 ou 4 questões antes, um problema muito sério no Brasil é a resistência da burocracia ao processo de privatização. Nós temos a burocracia temerosa de uma abertura das estatais das vendas das estatais brasileiras e manutenção de seus passos vital mais uma vez chegou lá (.....) mais por um mecanismo puramente "paviloviano" é uma perda quase psicológica é uma perda real de poder, porque você acha que está "andando" o processo de privatização do Brasil.

--- Eu acho que isso aí é um dos fatos importantes, mas eu acho que o processo até que agora começa a ter uma dinâmica própria e até muito bem conduzida pelo "BNDS", como nós lembramos que os processos de privatização na Inglaterra, a 1ª empresa a ser privatizada com sucesso grande a TELECOM demorou 3 anos do governo da "Tacher" nós ficamos imaginando que o Collor devia tomar posse e no dia seguinte começar a vender as empresas - este é um longo processo, você tem que 1º avaliar as empresas, você precisa criar as condições para venda para os compradores enfim, criar a metodologia e a criação da metodologia é alguma que leva de 5 a 6 meses e vai se aperfeiçoando ao longo do tempo até dar por exemplo na

Inglaterra, agora nesta grande privatização do setor hidroelétrico do setor elétrico vamos dizer: transformou-se num maior sucesso de privatização do mundo. De toda parte elétrica e luz elétrica e todas as empresas de eletricidade.

Quando você pega um exemplo secundário como este não muito divulgado, mas também extremamente importante, é de um país como do México tem as condições como a nossa que privatizou desde 80 pra cá 730 empresas.

{ É importante que o processo se inicie, eu acho que quando o processo brasileiro se iniciar você terá não só a capitais necessários a desenvolver os produtos, o potencial de compradores como você também terá uma possibilidade grande de dar pelo exemplo aquele funcionário que hoje é público a consciência de que se ele trabalhar bem e for eficiente, ele tem mais oportunidade de crescer numa empresa privada do que numa empresa pública. Portanto neste medo, é ou este receio ou esta reação, mas na medida em que também causa ao desconhecido na medida que esta privatização va tomando o rumo que você cria o exemplo e eu tenho certeza que das 700 empresas, 730 empresas se você fizer uma pesquisa 80% vá dizer, eu estou melhor hoje na empresa privada do que na empresa pública. E se assim não fosse São Paulo teria mais funcionários públicos do que outros das empresas privadas, mais trabalhadores na empresa privada que isso não é real que não existe.

--- O que há no Brasil em relação ao México, é quase como uma diferença cultural, nós padecemos por que tudo que fazemos temos que ter carimbo do estado, então nos processos de transferência

de poder do pacto gerencial nós temos que sofrer um pouco o aprendizado cultural, de lhe dar com empresas privadas, então a massa que prefere o emprego público anda muito grande no Brasil em função da segurança que isso da aparente e nem se se quer o enchugamento do estado a desmobilização do estado que o Collor, o Presidente Collor iniciou, foram capazes ainda de mudar esta mentalidade , então, isso vai durar algum tempo, mas eu queria só uma pergunta sobre exatamente o estamento estatal na sua função de desmobilização você acha que os militares em seus 25 anos de Brasil que implantaram uma infra-estrutura de telecomunicações, estradas, postos, eles geram o listamento mais organizado para um tipo de estado na América-Latina de Gerência mais de intenções do que de soluções ou seja, o civil, o aprendizado civil ainda será um pouco longo em termos de do- tação de infra-estrutura, o que impede hoje o poder civil de ser um poder livre de teias retóricas no sentido clássico de visões comentarista clássicas na medida econômica e não repetir por exemplo do fenômeno JK embora criando inflação futura e criando novos ciclos de independência para essas dívidas mais criou, desamarrou o país, desmanzelou o país, então isso cria a falta desse arrojo. Cria uma imagem desses militares ainda hoje dos governos militares do Brasil.

Você acha o seguinte:

nº 01 - isso é real

nº 02 - que existe possibilidade de um retorno, ou cien- tista político Donel do Uruguai formado nos Estados Unidos - PHD, ele está colocando nas Uni- versidades americanas o risco do retorno do

Grandes empresas nacionais e estas participações indiretan
te seja através de sindicatos, seja através de associações de e
pregados representaria um pé nas empresas de cada um dos trabalh
dores pela média você teria então pela diversificação da carteir
você teria certeza de que aquele que trabalhasse numa empresa qu
por ventura fosse mal não seria lezado em detrimento do outro
vice-versa.

--- Você não instituiria (.....) trabalhadores...

--- Aqueles que trabalham na TELEBRAS que (.....) teriam ações d
TELEBRAS que por apoio do governo seria melhor e aqueles que tiv
ram empresas fracas sofreram, eu acho que você estabeleceria iss
um grande fundo nacional.

--- Muito bom!

--- Em janeiro logo, eu acho que esses são instrumentos extrema
mente bem conseguidos e nós não precisamos inventar novos sist
mas a não ser desenvolver o PIS/PASEP dentro do aspecto modernos
de utilização como já fizeram os países em desenvolvimento princ
palmente a Alemanha e os sindicatos na Alemanha (.....). Aí e
viria realmente uma democratização não só dos resultados da empr
sa mas principalmente da participação acionária, não basta voc
participar apenas nos lucros da empresa, você precisa transforma
o trabalhador como a Inglaterra está fazendo agora partice d
processo de acionar "época" que ele entenda o processo econômico
como tal.

Ele só terá futuro numa economia que certamente não optar
por um caminho socialista de meios de produção por que já mostro
que este caminho não vale ele só terá uma visão clara disso po
que a ele não chega este "embalo" político na medida que eles di
serem olha gente eu sou contribuinte da Associação dos funcion
rios de indústria de Aço e esta e dentro e dentro de os dinheiro

que eu pago este sindicato uma parte substancial está em ações , tais, tais, tais... eu indiretamente sou acionista por tais, tais tais...

Nós temos aqui não basta circunscrever a discursão da participação nos lucros mas pra mim o problema mais amplo é de participação nas empresas sob o ponto de vista na sociedade.

--- Mas por que também seria uma distorção muito grande se é um país que penaliza o lucro então por que tem um projeto pra participação nos lucros seria mesma coisa de reconhecer que existe apenas um degrau social a ser... exatamente, mas eu acho que aí é fundamental que um aspecto que os "legitadores" tiveram em que os próprios governos tem tido ao longo do tempo é de resolver os problemas de caixa dizendo o seguinte: - Puxa não (.....) muito então aumenta mais 0,2% no PIS, aumenta mais 0,33% não e não há nenhum estudo econômico pra mostrar quanto é que isto representa no custo de produção nas empresas e ao representar no custo de produção nas empresas quanto é que vai representar ao consumidor lá em baixo. Por isso esta estrutura de impostos brasileiro é altamente defazado é completamente anacrônica, ela honera o produto final por que ao honerar a empresa se a empresa não tiver resultado, ela quebra ou sai do mercado, ela vai honerar especificamente o consumidor final com taxações como por exemplo no caso do automóvel que vai acima de 53% do valor, e isso não existe em lugar nenhum do mundo me perguntaria em vez de fazer 900.000 veículos por ano, não seria melhor o Brasil estar produzindo 2.000.000 de veículos por ano, com metade da taxação com 26% de imposto em vez de estar produzindo o dobro.

Estas questões tem mostrado que a da participação dos lucros não, mas esta questão de imposto s a questão impositiva brasileira tem mostrado efetivamente que nós estamos caminhando para uma descapitalização da empresa nacional e uma é... um empobrecimento do comprador final.

--- (.....) testes que foram cada vez maiores nos órgão públicos estaduais federais e municipais.

--- Será por isso por exemplo que as fábricas, as "mangaduras" japonezas não querem vir pro Brasil por que além da falta da pesada tributação ao aspecto da negociação interestadual que é um leilão de tributos de facilidades que implica em facilitário político e também pela falta de base econômica do consumidor final brasileiro, seria um mix estas tres tendências ou mais uma.

--- Além do que da inflação alta, além do que da ... principalmente é de uma posição muito clara que os japonezes tiveram de conquistas dos mercados mundiais.

Eles estabeleceram como base efetiva de crescimento o primeiro mercado americano, depois o mercado europeu e o terceiro o mercado regional próximos a eles e o quarto o mercado da América Latina, ós partimos no centro de produção como o Japão.

Além da dificuldade local que você diz, a mão-de-obra é barata no Peru, é barata no Brasil, mas o número de pessoas que você emprega pela sua capacitação individual é o dobro, de modo que isto aqui não é sempre real e não é um grande atrativo hoje. O grande atrativo no desenvolvimento empresarial hoje não é mão-de-obra barata e nem matérias primas barata se assim fosse o Japão e a Europa não estariam no surto de progressos, são os mercados.

É o mercado que efetivamente dimensiona o interesse de uma grande empresa e assim será feito daqui pra frente muito mais aceleradamente inclusive em termos absolutamente mundiais, por que os mercados a serem perseguidos e foram perseguidos pelas indústrias automobilísticas japonesa foram os mercados do 1º mundo, você não tem dificuldade de crédito, você não tem a dificuldade de uma legislação nacionalista, você não tem dificuldades de importações, exportações, o acesso a tecnologia, tudo é mais fácil, tudo se coordena e acima de tudo o comprador final é um comprador de um mercado de massa, um Brasil não pode fazer um mercado de massa em bora tenha massa crítica para fazê-lo com imposições de tal maneira elevadas nos seus impostos que representa acima de tudo a quebra de metade do mercado potencialmente consumidor no Brasil. (... ..) a resposta japonesa acima de tudo foi sua estratégia de vendas, eles buscaram primeiro o mercado americano, se implantaram hoje. Já estão maiores que a "crase" no mercado americano o segundo mercado que eles buscaram foi a América e foi a Europa - CEE, onde houve uma reação grande, eles estão limitados ainda, mas que avançam "seriamente" por uma distribuição extraordinária dentro do mercado europeu o 3º mercado fonte das áreas "limítrofes", o Japão, o 4º mercado se vê a invasão pela América-Latina pela costa do Peru, Chile, é caminhando pela Argentina e vendendo ex-Japão e não Ex-Brasil. Se não Toyota que está aqui já estaria produzindo hoje tanto quanto a "Wolkswagen" ela veio na mesma hora e é maior que a "Wolkswagen".

--- Agora neste cenário dessa já que na última sessão você falou da morte da organização da divisão internacional do trabalho e agora tem a divisão "Equane" dos mercados, então qual é o papel que cabe o Brasil no dobrar da década que dentro de poucos dias

nós vamos superar, que começo efetivamente no ano "UM" e qual o papel que cabe o Brasil nessa nova divisão de mercados?

--- Que caberá desculpe!

---Aquilo que nós já falamos sob a possibilidade de você ter uma Suíça, uma Espanha, um "Biafra" e um México eventualmente ou vamos dizer uma Venezuela dentro de um mesmo País, São vários mercados englobados num só mercado ao qual o governo deveria dar um tratamento prioritário como um mercado e não como a vaca a ser sugada ou galinha a tirar-se os últimos ovos.

Este mercado é que vai ser a base como sempre foi, a base do desenvolvimento econômico brasileiro. Não será um mercado externo, embora nós tenhamos necessidades do mercado externo, e continuamos a desenvolver este mercado externo, mas só chegamos a produzir para o mercado externo por que o mercado interno tinha sido se não saturado tinha sido atendido e tinha dado escala para a produção em níveis internacionais.

A grande riqueza brasileira, o grande patrimônio brasileiro é mercado interno, não a um ponto a ser consagrado na constituição como intocável, mas pelo contrário ele deve ser muito tocado, ele deve ser muito tocado no sentido de ampliar a sua abrangência de criarem condições para a diminuição dos... através da diminuição dos impostos e melhoria da educação e da distribuição dos produtos brasileiros aqui ampliar, na medida que nós ampliarmos este mercado, nós ampliamos a força do Brasil em todos os "forros" de negociação.

--- Mário, você já disse anteriormente, a muito tempo atrás nos Estados Unidos, inclusive uma visita que nós fizemos a Nova York

que a base da economia de um país é o seu mercado em construção civil, construção de casas, construção, o mercado da construção que dá empregos fáceis, agrega simples, a massa crítica enorme de mão-de-obra, a mão-de-obra inclusive que é muito retida a um custo, eminentemente um custo (.....) um custo baixo e ao mesmo tempo você constroi o país, você promove uma grande geração de empregos, de mão-de-obra e promove gerações também de riquezas, no Brasil continua o déficit habitacional agudo e cada vez mais, "cheque sem fundo" é agregação desse mercado interno de 60.000.000 de pessoas que estão periféricas aos desenvolvimento aos bens mais superficiais de renda e de prosperidade e de bem estar, como seria a absorção dessa massa crítica de pessoas, pra promover o mercado interno brasileiro.

--- Você vê que esse programa nacional de habitação lançado e desenvolvido a muito tempo atrás tivesse sido mantido com recursos do fundo de garantia, os recursos originalmente previstos, estes nós teríamos pelo menos se não reduzido substancialmente este déficit. É estabilizado este déficit (....) adicional.

--- O que nós fizemos foi usarmos este FGTS, outros e outros, fundos para suplementar verbas de governos para fazer coisas que realmente não se pagava. Assusta-me o índice de favelamento brasileiro, quando você passa por baixo de uma ponte que num determinado momento, quatro meses depois você volta a passar pela mesma ponte e você vê um nascedouro ou uma favela e quando você vai daqui a São Paulo, e vê terrenos que num determinado momento estarão absolutamente limpos e que num prazo de 3 meses passa a constituir favelas, você, se imagina se nós não entrarmos efetivamente num espiral econômico financeiro absolutamente negativo é que

vai terminar numa tragédia. Evidente que você tem em todos os países desenvolvidos nos Estados Unidos até a França, qualquer outro país que você vai, você tem áreas específicas de subdesenvolvimento urbano, mas não é possível ter o super subdesenvolvimento urbano que nós estamos tendo no Brasil, nós estamos realmente criando uma geração de favelados de ponta a ponta no país, nas cidades mais prósperas como era por exemplo as do interior do estado de São Paulo, hoje você vê as favelas campeãs por um lado São Paulo se tornou num grande curtiço numa grande favela e basicamente como se resolve se você vê o nível de verba em relação ao produto interno bruto tem caído substancialmente para atender uma população que cresce e uma população que tem uma necessidade de morar, realmente sem a construção civil, principalmente sem o teto que a construção civil gera, nós estamos caminhando para acentuar extraordinariamente a defazagem entre o Brasil até possível ou passível de dominar a geração da energia nuclear para fins "perigosos" e o Brasil real que não se compara a Kênia, a Uganda ou a Angola.

--- Você acha que nós perdemos a oportunidade histórica entre as muitas oportunidades que nós perdemos na década de 80. Foi aquele documento que se levou ao Papa que se tivesse sido aplicado aquela equação naquele momento histórico brasileiro teria havido uma reforma agrária democrática injusta ou pacífica sem intenção social sem armas e por 10 anos pra frente teria havido um congelamento ou a paralização das lêguas de ligação com as grandes cidades, quer dizer; o campo reteria este contingente humano e não iria (.....) as grandes cidades nós perdemos esta passada histórica por falta de diálogo?

--- Eu acho que nós perdemos esta passagem histórica por um momento importante resolvidas as tensões políticas que naquela ocasião elevavam estado e igreja a entidades empresariais a uma posição de absoluta guerra. resolvidos estes problemas não houve um esforço concentrado de solução, saída, enquanto era manchete tudo era fácil por que era uma guerra verbal no momento que terminou a guerra verbal e começou a guerra realmente cada um por uma pã no ombro, sua enchada ou picareta ou a caneta na mão pra poder realmente somar meios necessários para enfrentar a batalha tudo desaparecerá, e com isso efetivamente se perderam 10 anos, onde o favelamento tomou conta do país, e isto representa também um fator extremamente interessante se você pegar estudos sociológicos, você iria ver que naquela ocasião, há realmente nas favelas, você tinha uma população ainda inculta de capacidade ou de um nível social e intelectual mais baixo.

Hoje você vai ver ao contrário que estas favelas não atingem a classe média baixa, a classe média baixa está se favelando e as favelas nos seus níveis mais baixo estão se transformando efetivamente em centros armados de poder autônomos dentro do país.

Realmente nós entramos num processo de "degenerescência" social. Via não atendimento dessas condições básicas da população de programas que poderia ter sido com dinheiros autônomos de extremamente bem desenvolvidos e nós temos toda tecnologia, temos terra, podíamos assentar realmente as bases de uma grande revolução democrática no campo, nós vimos que isso não ocorreu no campo e a consequência como houve o êxodo você teve efetivamente, você teve também na área das grandes cidades o não atendimento dessa demanda que se traduziu por gente de melhor qualidade vivendo pior.

autoritarismo da América-Latina, já aconteceu no Panamá, agora e surtos quanto o Bush esteve na América Latina de "irrivecência" desse aspecto militar e recentemente na Argentina houve um But w no Brasil esta satisfação é muito grande no meio militar em relação aos salários que isso pode inclusive se romper em janeiro quando os militares recebem o seu "aumento" de apenas um aumento de 67%,8, dentro dessa salada qual é a norma que você tira, qual é a clareza que você tira dessa situação entre os militares e civis no Brasil.?

→ ~~Você fez um ponto que parece importante,~~ Desenvolver-se é aumentar as suas necessidades, pode parecer contraditório mas a essência é essa, quanto mais você desenvolve, mais necessidade você cria., algumas internas, algumas externas e dentro dessa linha o que o sistema militar mostrou foi uma melhor sistematização dos meios de resolver essas pendências dessas necessidades, por que especificamente, eles funcionam como classe, são mais organizados que a classe civil pelos anos de companheirismo, pela metodologia estabelecida pra gerir o seu próprio exército. Ao transformá-los em gestores de uma coisa maior sem dúvida o exército tem hoje os melhores quadros administrativos do que os próprios partidos políticos imaginar o contrário é mentir se nós pudéssemos ser demagogos, poderíamos dizer que absolutamente um ... os civis estão preparados (.....) não é verdade, por que eu participei do processo de transição com o Juscelino e senti como o poder civil se auto destruiu depois da revolução que foi o ponto alto quando eles inclusive na revolução nitidamente civil (se transformou num processo militar.

JK
=

Pela incompetência dos civis que acabaram entregando ao governo através das suas "disenções" externas aos militares, me lembro de uma história interessante naquela ocasião na 1ª reunião que houve quando o Costa e Silva assumiu o Ministério do Exército, o Castelo não estava escolhido ainda, logo depois do Magalhães ter entrado no Rio junto com o que o Lacerda já estava em Franca guerra contra os militares e principalmente e aí é interessante notar sobre o aspecto civil, antes da revolução houve praticamente um acordo entre o Ademar, Lacerda, Magalhães e o qual o Juscelino e eu mesmo fui intermediário através do "Comandante" Sodré de um apasiguamento para que o Juscelino não tomasse uma posição frontal contra um golpe que viesse, seja da direita, seja da esquerda.

Neste momento todos estavam civis, todos estavam unidos, no momento seguinte a vitória da revolução todos se julgaram donos da revolução e o 1º esquema forte foi destruição contra o Ademar, por que o Ademar representava SP, no momento que se destruiu o Ademar foi destruído, o Magalhães Pinto na sequência, foi destruído o Lacerda e atingiu-se o Juscelino que era o único que atingiu o IBOPE com 60%, 70% das preferências populares. Então os militares não tomaram o poder, foi a encapacidade dos civis que entregou de mão beijada o governo, e também que nessa 1ª reunião o Juracy me contou uma vez que essa 1ª reunião no Ministério onde foram o Magalhães, o Ademar e outros líderes da revolução, o Costa e Silva não aceitou a presença do Lacerda e o Juracy foi como delegado do Lacerda. Ora estabelecido que a luta "escizânia" entre os civis nada restou aos militares do que conduzir o processo por que o país

estava completamente "acéfalo" e todos queriam 1 a 1 derrubar o próximo rival nas eleições futuras que imaginavam seriam um ano depois da "revolução".

--- Esta teoria dominou Latina tropical por que inclusive esta reunião que foi feita no Ministério do Exército, o Juracy, o Magalhães Pinto, o Ildo Menegheti, Ademar de Barros, eles levaram também o Juarez Távora, por que imaginavam que o Juarez fosse um excelente locutor junto ao Costa e Silva e o Juarez tomando a palavra fez uma (.....) de tal tipo idílica em nome dos governadores que o Costa e Silva bateu na mesa e disse: Juarez, você sempre estudante.

--- É exatamente

--- O realismo militar aí mostrou a fragilidade dos argumentos civis puramente demagógicos e vislumbrou claramente a ingovernabilidade do país pelo desejo não mais latente, mais claro de um fuzilar o outro, conseguiu fuzilar o outro, restou deste fuzilamento, 21 anos de ditadura militar.

--- Em decorrência deste aspecto existe um outro aspecto importante que estamos colocando aqui, é que você, no que estava falando sobre décadas perdidas, você quando ocupou a Presidência do CNI, é para antecipar todo este processo de conquista de mercado no exterior até para economia de serviço de consultores, etc... Você abriu um escritório da CNI em Washington, uma pequena unidade de informática onde você tinha um programa de todas as concorrências mundiais a programação mundial de que o Brasil pudesse entrar, você abriria uma porta fantástica dentro da capital americana e o maior comprador, e hoje ^{Carlo Inês} ~~o~~ Calarriw se queixa que nós só compramos apenas 2% do valor global das exportações nós vendemos 2% do valor global de compra dos (.....).

- E a 1^a providência depois que eu saí da CNI foi fechar com alarme o escritório, dizendo que eu estava gastando muito, 2.000 dólares por mês.
- Era um sistema de computador, uma saleta de 40 m².
- Era um computador e uma pessoa habilitada a levantar da mesa.
- Tinha apenas um programa inteligente de informações que você tinha "(.....)" na Argélia, outra em Hong Kong, outra no Iraque, então você dominava o mundo com informações, exatamente passavam daqui em on line para a grande visão dos empresários brasileiros de empresariado administrativo do ^{este sistema?} "Excitamento" administrativo burocrático em que se transformara as entidades de classe brasileira achou que isto era um programa audacioso demais pro peso que colocava em risco o imposto sindical da CNI.
- Quer dizer "obtusidade" já que faz as coisas andar pra traz.
- As (TAVE)...
- Isso é muito difícil arrancar Mário este ataxismo das relações entre empresas e digamos na...
- Entre o Brasil e o mundo infelizmente é por que embora o brasileiro goste de viajar, goste de estar a par do que acontece do mundo, eu não sei se nós sofremos um pouco, um certo caráter de isolacionismo dado pelo tamanho de nosso território e esse isolacionismo nos leva a um provincianismo extraordinário quando nós vemos o resto, você vê pelas teses as teses políticas econômicas financeiras e sociais dos grandes demais tem chegado com 20

anos de atrazo ao Brasil, nós ficamos discutindo ideologias quando o mundo todo já não se falava mais em ideologia, nós estávamos ainda discutindo qual era a ideologia boa para o Brasil. Nós ficamos falando num mundo que evolui na parte leste com uma velocidade extraordinária, o Muro de Berlim se transforma em um ano em uma cidade aberta, nós ainda estamos discutindo as fronteiras do saber através de leis como está impedindo a entrada de professores. É que infelizmente o pêso do brasileiro não é sentido no exterior por que nós temos uma atitude nitidamente caipira num mal sentido, provincianismo em relação ao mundo evidente que você tem excessões, desses homens que conquistaram os mercados internacionais e "diversas" associações, mas infelizmente isso ainda é duramente combatido pelo (.....) político administrativo brasileiro.

--- Mário o Brasil, tem uma fase de gerente que é a fase de Ademar de Barros...

--- Interessante, apenas fazer um "comentário", os militares que são homens mais voltados para o nacionalismo, por que eles realmente praticam o nacionalismo vivido por que servem no Chuí, servem em ^{CA} ~~Guararatinga~~ ^{It} Chapurí, servem em todos os lugares, vivendo com suas famílias em lugares mais difíceis do país, conhecem e são nacionalistas pela própria filosofia.

Estes homens abririam o país para o exterior, nós civís estamos exatamente achando que o exterior nos ameaça, talvez aí haja uma compensação psicológica, real, interessante como os militares tem as armas e armas se consideravam fortes individualmente não tinha medo do exterior. Nós civís por não termos as armas achamos talvez que possamos a vir ser conquistados pelo exterior.

Cap. 5
 Vozes do
 mundo
 Brasil

Esse processo do isolacionismo tem muito da visão inglesa sobre o continente. Eles eram preconceituosos com relação a todos que fossem fora da Inglaterra, isso ganhou espaço nos Estados Unidos e eu quero fazer uma penúltima pergunta pra você, é o seguinte:

Cap 5
Vozes
de mundo

--- Que já houve o tempo do Messias que era o Jânio Quadros, o tempo dos engenheiros também já estão passando que é o Leonel Brizola, Mário Covas, já foram derrotados pelas urnas, talvez esteja agora o tempo dos Impresários. Agora eu pergunto a você:

--- O empresário empreendedor ou mascate? O que é melhor pro Brasil? Nós temos os mascates, os vendedores natos da marca Brasil, do contexto Brasil do marketing Brasil, ou temos empreendedores capazes de aliar o mercado interno ao mercado externo.?

--- Sem dúvida, aliar o mercado interno ao mercado externo, por que são absolutamente complementares, não existe esta dicotomia de dizer que o mercado interno sozinho é fundamental, é que o mercado externo é o que deve ser editado, deve ser conquistado realmente ninguém produz pro mercado externo sem ter o mercado interno poderoso. O sentido do desenvolvimento deve ser palpado por uma base importante de mercado interno com acréscimo de mercados externos através de mascates e através de incorporações, tecnologia, melhoria de produtividade de métodos de produção, mas fundamentalmente é o mercado interno que sustenta o salto pro mercado externo.

--- Mário se você fosse convidado para visitar o Leningrado e houvesse na delegação no convite soviético a uma visita ao Museu EMITAGE "Imitage" ou você também pudesse optar por visitar um grande supermercado, por que você optaria? - Por um grande Shopping Center.

Certamente na União Soviética por "Imitage" por que acho que eles conseguiram lá fazer supermercados de arte e de cultura em matéria de atendimento dos desejos da população eu acho que "Souzas" está então boas posição quanto o Leningrado.

--- Eu lhe pergunto isso, por que um grande empresário brasileiro recebeu este convite e opotou por um supermercado, e a grande indagação foi se ele aprendeu tanto de supermercado como aprenderia no próprio Brasil, por que ele é dono de uma grande cadeia. Ele aparentemente, depois ele aprendeu que não devia fazer lá seu grande supermercado, mas isso tem uma coisa interessante que o que se passa hoje, exatamente em Leningrado eu estava agora na França quando alguém, um médico me contaram estava com o Ministro Shaladon e o médico pessoal dele me contaram que foram convidado para um simpósio em Leningrado e que antes de sair um amigo comum disse que olha quando você for pra lá não esqueça de levar bolachas e outras coisas que você lá vai ter dificuldades em ter alimentos - ele pensou que fosse gozação - é que você está buscando e tal.

Realmente ele passou privações com o delegado a um Congresso mérido para encontrar alimentos de uma qualidade razoável. E foi a um dos supermercado e encontrou prateleiras vazias de modo que eu acho que realmente esses empresário brasileiros devem procurar achar que perderam uma grande chance de não ver as obras de arte que estão no Emitage. Como eu disse a você o comunismo criou e aí sem dúvida deu um grande impulso a capacidade intelectual do povo, resta ao capitalismo a função de alimentá-los agora.

PRÓLOGO

O BRASIL NA VIRADA DO SÉCULO

... E assim caminha o Brasil, chegando ao ano 2000 sem ter caído no abismo.

... E assim também caminha o Brasilinvest, que recuperou sua placa do alto da torre na Avenida Faria Lima - e se tornou uma das marcas de São Paulo - como também sua integridade jurídica e negocial, após anos de perseguições a que estive injustamente submetido.

Como um ícone, acompanhando as flutuações deste grande País - crises seguidas de momentos de euforia, como um adolescente a quem não se avisou que é bastante rico para cometer asneiras - igualmente meu banco de negócios não caiu no abismo.

Ao contrário, reunimos toda a energia e criatividade, contatos internacionais de primeira linha e parcerias que orgulham o portfólio de qualquer país industrializado, para projetarmos o maior acontecimento, desse início de novo século: o início da construção daquele que será o mais alto edifício do mundo, o , em São Paulo.

Foi Mauro Bento Salles quem há anos criou uma peça publicitária em sua agência dizendo que o Brasil não cairia no abismo, porque é maior do que o próprio abismo. Nem que todos seus rivais no mundo queiram empurrá-lo para baixo sua grandeza não caberá no vazio.

Este livro é uma modesta contribuição para abirmos este ano, esta década, este século e este milênio certificados de que, neste País, em se empreendendo tudo dá. Sinto-me como um relatorista da nau que está aportando no porto seguro de um novo tempo.

Mas não foi fácil. Como imaginar facilidade para um empresário-brasileiro que acredita nos potenciais de uma atividade sem o socorro de governos e o SOS de bancos oficiais ?

É o que procurarei relatar. A chama, vocês vão ler, acaba ao final superando o drama. Com a ajuda de Deus.

NO SHOREAM HILTON, 1990

Todos estavam novamente lá, no salão azul do Shoream Hilton, de Washington, D.C., naquele 25 de setembro de 1990.

Como se nada tivesse acontecido comigo, 5 anos antes, no começo da chamada Nova República. Estavam todos os meus amigos, brasileiros, norte-americanos e europeus. Eram banqueiros, financistas, advogados, montadores de negócios. Jornalistas, muitos deles de importantes jornais e revistas dos Estados Unidos, que já haviam gasto muita tinta para tornar o anfitrião brasileiro uma personalidade pública naquele país.

Era mais um dos tradicionais almoços do Brasilinvest a seus clientes, parceiros e amigos como sempre fez nos últimos 15 anos, em paralelo às reuniões do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Eles passavam por mim, postado na entrada do salão, como sempre cumprimentando-me amavelmente, como se realmente tivesse sido um fato inexplicável, daqueles que se passa 10 anos meditado para encontrar um porquê (daí fazê-lo agora neste livro, em 2000), a penalização por mim sofrida do governo brasileiro, exatamente no seu primeiro dia de instalado, arrancando-me do *cockpit* do Brasilinvest.

Por motivos nunca antes sondados, o Governo Sarney começou com um ato de violência contra um empresário desarmado, que nada mais fizera em sua vida – como continua até hoje – que cultivar a crença no Brasil e a fé no trabalho.

O Brasilinvest, o primeiro banco de negócios do Brasil, fundado em 1975, era um bom bocado aos olhos de empresários ávidos de boas jogadas em começo de governos complacentes. Tiraram-me o banco. A placa do Brasilinvest foi removida do alto da torre. Fui submetido a tudo de humilhante e degradante em feitos policiais e judiciais que se pode imaginar.

Felizmente, a Justiça brasileira é bem aparelhada em restituir a verdade, prover a luz, restabelecer a essência dos fatos. Fui reintegrado em todos os meus direitos sobre o banco e sobre o grupo. Querem condenar este

Judiciário, encerrá-lo em camisas de força, talvez porque não seja tão complacente quanto pessoas espertas de certos governos.

Para se entender o que éramos naquele março de 1990, quando sofremos a violência, o banco tinha apenas 7 anos de vida, mas já tinha assumido o controle da Standard Eletric do Brasil e da NEC do Brasil, através de uma holding que montei, com meus sócios – a Brasilinvest Telecomunicações. O País começa só então a entrar num mundo desconhecido- a computação digital – que alargou as possibilidades da informática.

Pensei nisso tudo à porta do salão, enquanto recebia os convidados, porque a solidariedade de todos era um libelo vivo de quanto compreendiam a injustiça contra mim praticada. E nem ainda havia recuperado, via Justiça brasileira, a minha integridade no controle de meus negócios. Havia preparado para a ocasião um discurso curto, para não tomar o tempo de personalidades tão ocupadas como entregues a um mundo de cifras num universo em mutação financeira. Aquele era o PIB ambulante no portal de uma nova década, e não seria logo eu que iria perturbá-lo. Com uma ponta de vaidade – pecado imperdoável – pensei cá comigo : será que meus algozes no governo teriam prestígio para reunir tantas figuras representativas ? ...

Foi bom, portanto, ouvir meu velho amigo Bill Simon, discursar invocando biblicamente que o Brasil poderá ser – “e será”- a Terra do Futuro da América Latina. Um ex-Secretário do Tesouro dos Estados Unidos não repete isso todos os dias, sem propósito, para agradar a um amigo. Bill revelou haver ouvido aquela previsão sobre o Brasil do legendário Ministro francês do Exterior, George Clemenceau. Espero tê-lo comigo em breve na inauguração do maior edifício do mundo, em São Paulo, para ver que suas palavras sobre o Brasil estavam plenas de certeza.

Como você, leitor, se sentiria se tivesse seu nome citado duas vezes num discurso de um homem chamado William E. Simon, na qualidade de Presidente do Conselho do Brasilinvest, perante a elite dos negócios mundiais exatamente no dia de sua reentrada no mundo dos negócios, após ter recuperado pela Justiça o direito de posse sobre seu banco ? Eu senti essa sensação, em toda a sua amplitude, mais ainda quando Bill a mim se referiu como alguém a quem tinha na mais alta conta e rememorar que somente havia tido boas lembranças de nossa associação.

Tendo recuperado amplamente o banco e o direito de falar, sentindo-me novamente livre , não como um perseguido da Justiça, autorizei a publicação de um anúncio de página inteira nos jornais norte-americanos e

internacionais, a começar pelo ‘Wall Street Journal’, mostrando a recomposição, o novo Conselho com Bill Simon à frente, os planos futuros que o banco desenvolvia (não cogitava naquele ano em construir o maior edifício do mundo...) . Estava, evidentemente , redescobrando a alegria de viver, a “joie de vivre” dos franceses (sou regido claramente por uma mistura de influências e hábitos brasilo-ítalo-americano-franceses, tendo minha fazenda em Campinas como centro geográfico do mundo...)

Era o momento adequado para um balanço sobre as razões dessa sanha contra o Brasilinvest . Levei ainda mais 10 anos em silêncio. Agora, vamos aos fatos.

NO MINISTÉRO DA FAZENDA, 1995

Sanha, a palavra que usei há pouco, está na carta-testamento de Getúlio Vargas (“a sanha de meus inimigos abateu-se contra mim...”). Foi meu inconsciente trabalhando, pois deve-se a um sobrinho do falecido presidente eleito Tancredo Neves, último Ministro da Justiça de Vargas, o ato, em seu primeiro dia de trabalho em Brasília, em 15 de março de 1999, de tirar-me a carta patente do Brasilinvest.

Todos no governo que mal entrara com o choque da morte de Tancredo Neves sabiam que as duas empresas do ramo financeiro do Brasilinvest estavam literalmente combalidas. Não era segredo de ninguém.

Tudo começara quando o nosso banco comercial, o Sulbrasileiro, na época o 70^o do ranking, entrou num processo de descontrole, e quebrou. O Brasilinvest era um de seus maiores acionistas. O Sulbrasileiro, com sede no Rio Grande do Sul, sofreu intervenção do Banco Central em de fevereiro de 1995, ainda no governo Figueiredo , que estava acabando.

Imediatamente, nossos técnicos passaram a buscar soluções de mercado para tentar contornar os problemas de liquidez do banco e da financeira , que se viram subitamente sem recursos disponíveis em caixa.

Se era possível ? Não havia dúvida. Para começar, toda a nossa massa crítica de conhecimentos e relações externas sólidas. Ao mesmo tempo, minha experiência particular no ramo. Havia acabado de negociar a compra de um banco em Nova Iorque – o *First Women’s Bank* - que, por ser de mulheres, exigiu uma negociação bem mais exigente, leal e transparente do que com banqueiros. Se eu pude comprar um banco

feminino na maior City financeira do mundo, cheia de crivos contra estrangeiros, porque não seria capaz de salvar dois no Brasil ?

(Lembro-me que Bill Simon deu-me o seguinte conselho, na época –“Quer ser banqueiro em Nova Iorque ? Então, aja como um banqueiro em Nova Iorque. Deixe de ficar em hotel – gosto muito do Regency’s, em frente ao Central Park – e compre um flat em Manhattan”. Foi o que fiz. Com a ajuda do Hernandez, *bell-captain* do Regency’s, consegui uma governante portuguesa para tomar conta da cobertura, que mal via...).

Para que todo esse cabedal serviria para mim, senão para pô-lo em prática numa operação de emergência ? Ou para colocá-lo à disposição de meu País para ajudá-lo em suas operações de emergência no exterior, como fiz inúmeras vezes, a pedido ?

Tentamos então as soluções clássicas de mercado: em dificuldade, venda o que puder de ativos e conserve, 1) o seu know-how 2) seu pessoal qualificado. . (Aproveito para dar este conselho a todos os banqueiros em dificuldades no Brasil, os sem-Proer...). Logo virá a recuperação, e você recompra tudo de volta.

Optamos pela venda do banco e da financeira. Mas fomos surpreendidos, em meio às tratativas, pela determinação do Banco Central do Brasil em liquidar extrajudicialmente o meu banco. O volume do passivo não justificava nenhuma alegação de incapacidade, inadimplência ou lesa-credibilidade perante o mercado: apenas US\$ 10 milhões à época, segundo o levantamento da própria autoridade monetária ! Era só dar um pouco de tempo. Tempo é a serventia do banqueiro.

O Banco Central, entretanto, naquela época não pensava em liquidez. Pensava em liquidação. Daí nasceu uma das mais prósperas indústrias de que o Brasil tem notícia: a das intervenções, com seus interventores quem passam anos a foi intervindo. Liquidação – quando leio esse termo sem me vem à cabeça a imagem do Santo Ofício procurando dizimar resquícios da fé. Eu, que só movido a fé, a liquidação souu como um garrote vil sendo armado para sufocar um empreendedor que só havia seguido as regras, agido sob a lei, e colaborado para com os interesses de seu País.

Havia, porém, uma diferença de métodos e estilos era tornada clara naqueles poucos dias de instalação da chamada Nova República: requeria-se uma vítima. Se possível, uma vítima capaz de repercutir lá fora a notícia de que os tempos eram outros, que o regime militar deixara de existir, e que agora vivia-se uma efetiva renovação. Quem estava na lista ? Mário

Garnero, por apenas US\$ 10 milhões de passivo contabilizados pela quebra do Banco Sulbrasileiro, que haviam afetado seu banco e corretora – uma dificuldade sazonal para a qual tem-se hoje um remédio com o nome de Proer. Eu deveria ter um julgamento político, uma liquidação bancária e uma expulsão do campo empresarial, por ter tido um relacionamento aproximado com os governos militares, aos quais havia diversas vezes emprestado sua agenda telefônica recheada de significativos nomes na hierarquia de governo e círculos privados internacionais, para ajudar o Brasil a sair de algumas dificuldades conjunturais.

O Ministro Francisco Dornelles foi o oficialmente desse sacrifício político, no primeiro dia de trabalho da Nova República, sem defesa, sem ao menos um fôlego para deixar completarem-se as negociações em franco andamento, sem ao menos uma releitura dos autos no Banco Central .

Não sou vingativo, muito menos revanchista. Nunca fui amargo nem pretendia voltar a abordar esses fatos, se não fosse a necessidade de – mais uma vez - contribuir com meu País, explicando porque um humilde cidadão brasileiro insiste tanto em realizar, em trabalhar, gerar empregos, fincar torres e edifícios altos, vender a boa imagem do Brasil lá fora. No meu curto – mas emocionado – discurso do Shoream Hilton, quando recebi de volta o Brasilinvest, tive porém ocasião de fazer um resumo, que serviu como desabafo: eu estava ali, cercado de amigos, celebrando um Brasil que passara a ter uma pequena inflação mensal (10%), enquanto meu algoz, aquele que liquidara meu banco, via terminar melancolicamente uma época de governo que iniciara como Ministro da Fazenda, com 100% de inflação mensal, controle de preços e tarifas públicas através de tablitas, gatilho para revisões salariais automáticas, e moratória unilateral diante dos credores externos. Nunca mais falarei sobre o assunto. A história fez seu julgamento, e exerceu sua preferência.

1 ANO APÓS O SHOREAM, NA FAZENDA DE CAMPINAS

Nunca me entreguei . Logo após a liquidação do Brasilinvest comecei a travar uma luta judicial, empresarial, política e pessoal, para reaver o banco e a minha decência, da qual, felizmente, meus verdadeiros amigos – daqui e lá de fora – e clientes jamais duvidaram. As portas para os negócios jamais se fecharam em todo esse tempo. Na Itália, França, Estados Unidos, Japão e até há bem pouco Argentina e Holanda, os parceiros se mantiveram, surgiram outros, para novos empreendimentos, que o tempo não pára enquanto estamos porfiando com burocratas.

Comecei a formatar a idéia desse livro em 1991, um ano após mo logo após a o almoço anual do Brasilinvest no Shoream Hilton,. de Washington, D.C. ainda comovido, pela solidariedade recebida. Por que não contar tudo ? - meditava eu, enquanto olhava os gansos grasnarem na varanda da casa principal de minha fazenda em Souzas, distrito de Campinas, a 120 quilômetros do ruidoso centro de São Paulo, onde está a torre do Brasilinvest , apontando para o amanhã – aquele que será o mais alto edifício do mundo.

Os orgulhosos franceses costumam dizer: Pigalle é o centro de Montmartre, que é o centro de Paris, que é o centro do mundo. Como não sou orgulhoso, apenas comparo Campinas a Pigalle: é o meu observatório do mundo...

Junto à minha mulher, Teta, ao meu pequeno Antônio Fernando, e a todos os que meus amigos das redondezas que aqui vêm falar de ar de gansos, cavalos e toda a criação que Deus nos deu missão de guardar conforme as leis da natureza.

É nesse ambiente que retempero minhas energias. para manter minha mora elevada, os negócios em continuidade, o espírito elevado, confiante e positivo. Não guardo mágoas do Dornelles, que precisava de um bode expiatório. Escolheu um criador de gansos... Vá lá.

Obtive vitórias exemplares e sucessivas nesse jogo duro – título aliás de meu primeiro livro sobre esses episódios – que fariam qualquer ser humano criar uma armadura de rancor, se não tivesse Deus sempre por Instância, Recurso e Busca.

Minha família – meus queridos filhos Mário Bernardo, Álvaro Luiz e Fernando Eduardo – foram as sofridas e solidaríssimas testemunhas , junto com alguns poucos amigos – do drama e da aflição passadas na proporção mesma em que em nossas portas batiam oficiais de justiça, trazendo os mandados de prisão preventiva decretadas contra mim. Todos, graças a Deus, rechaçados . A Justiça brasileiro – repito – e em especial a paulista revelou o porquê de sua tecnalidade, não cedendo aos poderosos, agindo com isenção, apegada à verdade dos autos, não a autistas de Brasília.

Essa fase tortorurante de minha vida - meu Santo Ofício, diante de verdugos armados com o garrote vil - começou logo após a liquidação do Brasilinvest. Em maio de 1985 se iniciaram os interrogatórios na Justiça Federal de São Paulo. Um temporada sufocante de 5 meses . Em 30 de

outubro daquele ano, permitiram-me dar meu primeiro depoimento em público sobre os fatos.

Convocado mais tarde pela CPI do Sistema Financeiro da Câmara, não medi palavras no momento de apontar as razões pelas quais havia sofrido a intervenção. Já naquela minha ida a Brasília, para depor, ao passar diante do Ministério da Fazenda seu titular já não era Francisco Dornelles, demitido pelo Presidente José Sarney através de um telefonema. Coisas da Nova República...

O novo ministro, Dílson Funaro, iria ter participação transcendental nos acontecimentos que se seguiriam, como se irá ler nos capítulos que virão. Na CPI fui claro:

- *... Com o advento da chamada Nova República, foi decretada a liquidação extrajudicial da Brasilinvest Banco de Investimento. O Governo interveio, com estardalhaço, no braço financeiro do Grupo Brasilinvest. Eu, principal acionista do Grupo e Presidente do Conselho de Administração da NEC do Brasil, fui objeto de repetidas tentativas de humilhação pública por parte de um Governo que acabara de tomar posse em situação de dramática ambiguidade institucional”.*

- *... ”Os problemas da Brasilinvest ofereceram aos japoneses da NEC Corporation a oportunidade de ouro para tentar retomar aquilo que já consideravam inexoravelmente perdido: o controle do processo de nacionalização da empresa. A pretexto de não prejudicar a imagem da NEC do Brasil, empresa sólida e próspera, e de resguardá-la de uma identificação com o dono da Brasilinvest, emissários da NEC Corporation procuraram dois diretores da NEC do Brasil, indicados pela BIF – (Brasilinvest Telecomunicações) – e assinaram com eles um memorando de entendimentos, segundo o qual a direção da empresa passou a ser exercida, em caráter excepcional, pelos sócios japoneses e seus representantes. O momorando foi assinado à revelia do sócio brasileiro, mas com pleno conhecimento da Telebrás...” (*)*

Observaram a teia de interesses que o ato de força contra a Brasilinvest mal deixada esconder? Somente um desavisado tratou a liquidação como um fato isolado. Foi uma trama complexa de bastidores, em que o banco serviu como ponta de um *iceberg*. Os senhores deputados federais ficaram boquiabertos com as revelações que fiz, baseados numa pilha de documentos, certidões que levei coimo provas, franqueados a todos. Os

fatos que se sucederam já são do conhecimento de todos, e não vou cansar os leitores repetindo-os.

Passo, agora, ao que interessa , positivamente, ao Brasil.

Convite ao Brasil
Mário Garnero
Capítulo II

IMPRESSÕES E NOTAS

SOBRE OS LÍDERES MUNDIAIS

era de um homem ao qual abominavam as tarefas diurnas, era um político com extrema capacidade de persuasão e com uma coragem extraordinária na abordagem dos temas políticos.

O SR. - Ele é uma pessoa sem dot
tes de cultura, ele é uma pessoa erudita?

O SR. - Estive com o Presidente Reagan quatro vezes. Num jantar na Casa Branca, uma vez aqui no Brasil quando ele visitou, duas ou três vezes fui eu quem o saudou aqui em São Paulo naquela reunião de empresários e duas ou três vezes na Casa Branca e em reuniões de trabalho.

O Reagan é um homem informado, sabia o que estava falando, com uma presença extraordinária e com uma capacidade de comunicação através da simpatia pessoal cativante.

O Presidente Bush me dá a impressão de ser um homem profundamente meticoloso no seu trabalho, ele faz o seu trabalho de casa e faz bem. Não tem o carisma do Reagan. E é difícil sair de oito anos de Reagan para Bush. A mesma coisa aconteceu com o De Gaulle.

O SR.

O SR. - Exatamente, conceitual
muito grande. Então, o Bush é um homem prático. Acho que a visão americana para a guerra do Golfo é mática e do Bush hoje, que é evidente ele está jogando a presidência. A crise do Golfo não foi de todo má. Tenho impressão que ele, como texano, deve estar achando que o

Texas hoje está melhor do que estava antes da crise, como também estão melhores a Arábia Saudita, o Iraque, o Iran e outros países produtores de petróleo e a própria União Soviética. Sob o ponto de vista de quem pagou a conta, ele estava querendo que o alemão e o japonês ajudassem há muito tempo num processo pacífico de união e de desenvolvimento empresarial no mundo. Pagaram compulsoriamente. E, por outro lado, ele terá condições. Se articular bem a retirada do Iraque hoje do Kwait, de firmar uma coisa que o Reagan não teria tido condições de fazer, a sua indubitável liderança em termos de estadista internacional. O Reagan era um porta-estandarte de uma idéia. O Bush passa a ser realmente o líder americano mais poderoso internacionalmente desde a época do Roosevelt. Talvez até mais, porque o Roosevelt tinha o Churchill e ainda tinha o Stalin com grande força. Indubitavelmente, se ele conseguir essa retirada, o Bush não só será reeleito, como será o Presidente americano de maior e mais extraordinário poder de coordenação internacional.

Então, você veja que isto representa em termos de eficácia numa segunda etapa do Reagan o dobro da ação. Os Estados Unidos terão tido a sorte de... O Reagan precipitou a abertura e a derrocada do comunismo através do seu discurso duro e dizendo as verdades e quem vai captar especificamente e o movimento em benefício dele próprio será o Bush, pela coordenação que ele dará ao mundo, pelo reordenamento que ele dará ao mundo na paz.

De modo que, sobre esse aspecto, evidentemente que tudo

depende da posição do Golfo. Acho que se houver realmente uma guerra, acho que os americanos irão realmente à bomba atômica. Não vejo alternativa nenhuma para o Bush perder essa guerra, não existe. Mesmo o argumento de que os árabes serão divididos entre si e depois se unirão num grande sentimento contrário ao Bush se o Iraque for derrotado. Quando nós tivemos as guerras de Flaklands aqui o brasileiro ficou solidário com o governo argentino, mas nem nos sentimos tocados por essa guerra. Essa guerra não era nossa. Então, se ganhou a Inglaterra ou ganhou a Argentina, nós não ficamos nem mais bravos com a Argentina e nem mais bravos com os ingleses por causa disso. Eu não acredito que o árabe da Arábia Saudita, quando o Iraque receber uma bomba atômica, vá ficar mais contente ou mais triste por serem árabes. Cada um está na sua área.

Acho que, inexoravelmente, se for para a guerra, nós teremos um desdobramento nuclear, porque não é condição dos Estados Unidos, primeiro, guerrear por longo tempo e, segundo, repetir um Líbano. Já não falo nem Vietnã. E, terceiro, voltar com uma derrota para casa. Acho que o conflito do Golfo, se ocorrer, é um conflito definitivo. E acho que o Bush, pelas suas condições pessoais, não hesitará em tomar a mesma decisão que o Truman tomou na Segunda Guerra.

O SR.

- Depois disso, Mário, esteve com o Ministro Conselheiro da Embaixada Americana, ele recebeu o Bush que veio cansado de Washington, são três horas de fuso diferente, ele chegou na embaixada muito acabrunhado com o cansaço da viagem, mas

quando viu o antigo colega dele na embaixada de Nova Dheli ou Pequim, que ele esteve como conselheiro, ele levantou logo a moral e começou a conversar e disse duas frases. Ele disse que não interessa se o Sadam Houssein coloca todo mundo para fora de repente, que uma questão básica é o poder nuclear iraquiano que tem que ser esmagado, e o processo do Kwait.

Segundo, ele perguntou pela família da pessoa e disse: o meu filho está no Golfo. Qual filho seu? O Mickel. Mas o Michel não nasceu no Brasil? Sim, nasceu no Rio de Janeiro. Então ele disse, eu vou dizer ao Presidente Collor que tem um brasileiro na guerra! É o Michel que nasceu no Brasil, na embaixada, e foi para os Estados Unidos depois.

Confirmando a sua especulação, então ele disse isso.

Agora, uma pergunta que eu faço: do outro lado do muro, Gorbachev, você acha que ele vai ultrapassar, vai superar todos os problemas de nacionalidades? O Roberto Campos tem uma tese em que ele diz que a Rússia conseguiu gerir o problema econômico a longo prazo, mas tem um plano que pode ou não dar certo mas não conseguiu resolver o problema da nacionalidade, ou seja, relações entre eles próprios. Não há unidade inter-racial nem inter-cultural e pode haver uma fragmentação da Rússia por ali.

Então, você acha que a tolerância do Gorbachev, que não foi nem recebeu o Prêmio Nobel da Paz, ele não pôde sair de Moscou, tende a

O SR.

- Eu vejo uma capacitação no

Gorbachev que vai levá-lo a sobreviver: é a participação política que ele tem demonstrado ao longo dos anos. Esta análise que você está fazendo tem todo um sentido de realismo. Quando você imagina que para esmagar uma das revoluções nas repúblicas islâmicas, nas províncias islâmicas você tem que mandar os russos brancos, porque 30% do Exército Vermelho hoje é de islamitas, você pode imaginar que você está num grande problema. É a mesma coisa que o Exército Brasileiro que tem 30% de nordestinos ou de gaúchos e nós precisamos chamar um exército de Mato Grosso para combater um quebra-quebra no Rio Grande do Sul.

Realmente eu só vejo a participação e a manutenção do Gorbachev a médio prazo na medida em que ele consiga controlar as forças militares profundamente centralizadoras com o processo rápido de federalismo. E nesse aspecto eu acho que há um fato importante que pouca gente tem notado. O Yeltsin não é o homem que esteja contra o Gorbachev, mas o Yeltsin para mim é o homem dentro do programa do Gorbachev como a cabeça de ponte, que Gorbachev incita para que ele vá a frente, para que ele seja o homem do equilíbrio. E você imaginar, por mais que ele tenha perdido a eleição, ele não pudesse evitar que o Yeltsin não viesse a ser Presidente da Rússia com os poderes que ainda teria, eu acho que ele teria condições. Acho que aí é um jogo de poder planejado há muito tempo, esse processo de abertura é lento, gradual e o Gorbachev foi escolhido nesta linha, há os impedimentos das linhas centro e das linhas duras do exército branco da União Soviética.

inexorável que o processo da União Soviética, pelo cataclisma econômico que lá está, está ocorrendo e, principalmente, pela proximidade de centros de poder tão diferenciados sob o ponto de vista do dinheiro, a Europa está se reorganizando, será levado basicamente para o federalismo. E, de resto, interessa profundamente o poder central, porque o poder central é o lugar inclusive físico onde tem mais petróleo, onde pode dominar de uma maneira econômica a federação, inclusive com os países do leste da cortina que passarão a depender do

Então, num momento como este, me parece claro que a linha do Gorbachev é buscar, antes mesmo do que o capitalismo, do que a privatiza global, buscar a federação. E acho que o yeltsen está nesse jogo 100%.

O SR.

é realmente nova do conceito geopolítico e até um conceito antimilitarista lá, porque está havendo uma reaglutinação de líderes militares soviéticos. Há um processo de neomilitarização muito visível. Mas nenhum analista americano ou brasileiro tocou nisso. Este vai ser um dos pontos fortes do livro.

Nós falamos sobre Japão, Estados Unidos e União Soviética. Agora, fale um pouco mais sobre a Alemanha, sobre Kohl, essa re-unificação da Alemanha. O líder não parece a você uma pessoa muito burocratizada, muito partidária, muito standard? Não sei a palavra alemã que define isso. Ou ele tende a formar uma liderança européia

lítico? Por exemplo, abrindo uma nova área de manobras contra a França, talvez insistindo na técnica do espaço vital alemão, será que ele vai conseguir reunificar isso?

Outro dia o Presidente da Mercedes Benz alemã disse que serão necessários 10 anos para que a Alemanha Oriental atinja os níveis de renda e de vida com a Alemanha Ocidental, em função da falta de uma estrutura básica de rodovia, transporte e telecomunicações e até alimentos. Então, não será um desastre para a ex-Alemanha Ocidental também ter que pagar o ônus dessa revitalização da Alemanha Oriental?

O SR. - Pelo contrário, acho que aquilo que os americanos imaginavam fazer com a abertura do leste europeu, que nós falamos de taiwanizar através da mão-de-obra barata e avançar em mercados novos etc., já foi totalmente dominado pela Alemanha e que vai ainda ter uma segunda fase extremamente importante, que é da abertura na própria União Soviética. Você se lembra do programa Alimentos para a Paz dos Estados Unidos. Hoje os alimentos para a paz vêm da Alemanha. O que se abriu foi exatamente a possibilidade de uma reconstrução da Alemanha Oriental em condições extremamente mais favoráveis do que a reconstrução da Alemanha pelo Plano Marshall. Primeiro, a Alemanha Ocidental hoje tem muito mais recursos disponíveis para investir do que tinha mesmo com o Plano Marshall naquela ocasião. Se você lembrar que, a guerra terminou em 45, em 55 a Alemanha já estava

redesenhada, isto por exemplo que o Presidente da Mercedes está fazendo é modéstia alemã para não chamar atenção. A Alemanha estará integrada totalmente nos padrões muito próximos dentro de cinco anos. O capital de desenvolvimento, que é o cerebral, o nível de educação é o mesmo ao redor do

E há uma coisa importante, eu me lembro que todo mundo dizia que Berlim Ocidental era muito mais vivo do que Berlim Oriental. É que a Alemanha Oriental sempre foi a área específica agrária e rural das Alemanhas e a área industrializada sempre foi do lado de cá. De modo que você não pode comparar as duas Alemanhas no mesmo nível. Elas nunca tiveram o mesmo nível. A Alemanha industrial sempre foi do lado de cá, ao passo que a Alemanha tradicional, agrícola e rural está do lado de lá. Mas, como o homem alemão é o mesmo, independente de que lado ele esteja do muro, e o capital alemão, o deutchmark, é extremamente forte, o deutchmark todo mundo dizia que ia cair com a reunificação e fortaleceu-se.

Então, você vai encontrar efetivamente uma economia em plena associação, rapidíssima, a taiwanização é a curtíssimo prazo, mas logo depois a estatização no mesmo nível e a formação de uma Alemanha unida em cinco anos, que se desdobrará até Moscou. O eixo todo na Alemanha será Berlim, Moscou, Milão, Turim. E com um elemento que nós estávamos falando da Áustria, que ninguém fala, a Áustria é um país hoje das menores inflações da Europa e o maior número de crescimento e que

xatriz da Alemanha, o grande fator de equilíbrio desse novo império germano-austro-húngaro que está nascendo na Europa.

O SR. - Ele é um novo espaço vital, não é?

O SR. - Sem dúvida, pelo deutch mark. Agora, quando você fala do Kohl e todo mundo diz o deffman O deffman era o homem de província, da aldeia. Se você pegar esta imagem você só pode mantê-la naquele sentido de que o homem da aldeia ou o caipira que não perde o trem. Ele antecipou o trem e o discurso dele feito três dias depois da queda do muro da reunificação é uma das peças históricas mais competentes que o mundo tem notícia, porque ele levou num plano record a reunificação, quando o mundo ainda acordando para a queda do muro de Berlim, ele já estava pensando na reunificação e conseguiu fazê-lo num prazo record. Ninguém poderia imaginar que a reunificação pudesse ocorrer em menos de cinco anos. Ela ocorreu em menos de um ano. Ele é um bom administrador naquilo que voce diz que é um homem do dia-a-dia, mas que teve uma visão histórica extraordinária, passando como o chanceler da reunificação que foi feita em um ano, contra todas as expectativas. De modo que eu tenho por ele um respeito extraordinário pela maneira com que ele conseguiu fazer com que isso ocorresse.

Agora, não vejo a Alemanha hoje numa posição de desestabilizar a Europa. O mais forte não precisa desestabilizar o mais fraco.

O SR.

pouco o enfoque. Vou querer que você faça alguns perfis de pessoas que você conhece no mundo hoje, que são figuras de balizamento histórico no atual processo de mudanças do mundo. Por exemplo, você acha que os Estados Unidos/hoje estão com a liderança melhor ou pior do que a do Rea^{com o Bush}gan? Qual é o destino que você acha que o Bush vai tomar nesta guerra, qual a sua antevisão do que vai acontecer e, daqui para frente, quais são as grandes linhas dos Estados Unidos?

O SR.

- A minha impressão do Reagan

Convite ao Brasil
Mário Garnero
Capítulo III

O EMPRESARIADO BRASILEIRO
NA ABERTURA DE MERCADOS

cimento aqui, quando você pega os preços comparativos você está vendo que isso aqui é uma loucura generalizada. É uma reserva de mercado numa economia que é a oitava do mundo. E gera 500 bilhões de dólares. Então, há uma reação empresarial enorme. Olha, eu vou importar do Uruguai. Você pode importar tudo do automóvel, desde que não seja aquilo que eu já produzo. O que você produz? Geladeira. Mas o carro não usa geladeira. Mas não faz mal, você pode importar tudo da indústria automobilística. Há realmente uma reação enorme que se manifesta nas empresas nacionais ou multinacionais aqui instaladas, que é um absurdo.

Mas o aspecto importante é que o empresariado brasileiro tem, e hoje há uma pesquisa interessada publicana no "O Estado de São Paulo" que acho que valeria a pena incorporarmos, que mostra que o grau de eficiência da empresa brasileira caiu tremendamente. Por quê? Porque ela teve num determinado momento um grande desenvolvimento, em muitas áreas se preparou para uma economia de escala que não ocorreu pela em diante e ela então se fechou sobre si mesma. Ao fechar sobre si mesma ela organizou os grandes lobbies que permitiram uma ação conjunta na área burocrática, que atendeu a dois objetivos: o Governo brasileiro de criar superávit para resolver os problemas de balanço de pagamentos. Como é que se faz isso? Bloqueando tudo o que vem de fora. Segundo, ao bloquear tudo se gera inflação, porque tão perigoso hoje quanto o déficit público brasileiro é a inflação causada pelo produto caro que nós produzimos, que o parque empresarial brasileiro produz. Hoje é dividido em 50 e 50. Essa convivência empresarial buro-

crática deu hoje esses números. Como colocar este Estado mais ou menos sob controle, e o Collor está tentando, ele tem a grita de toda a estrutura estatal. Mas ele tem a grita também empresarial, porque a concorrência não é alguma coisa que nós tivéssemos ocupado, é para todos os setores brasileiros.

E fora disso, você não pode trazer nada de fora. Mas nos Estados Unidos é assim, há duas ou três grandes, quatro. Você pode comprar da Honda, da BMG, da Mercedes o produto. Aqui não.

Então, esse paraíso que nós criamos aqui influiu também, indiretamente, no Itamaraty na formulação dessa política, porque tudo que veio da origem, que vinha de fora era ruim. Tudo tinha que ser autóctone, menos a inteligência. Dentro do processo nós não acreditamos no homem, porque não investimos no homem. Nenhum país investiu no homem. Quem saiu na frente desse processo é o onde a CEPAL se instalou: é o Chile. E está dando o resultado econômico.

Então, se eu pegar um pouco essa linha de pensamento, acho que me leva a imaginar que a ruptura desses e não tratou de uma maneira revolucionária pela nossa própria maneira de acomodar as coisas, tem que ser feita com uma vontade política. Infelizmente, acho que a vontade política no Brasil é ainda atravessar uma ruptura econômica para chegar lá. Nós vamos ainda ultrapassar uma grande ruptura econômica onde os processos todos, desde o Plano Cruzado 1, do Delfim, do Funaro, do será vencido realmente por uma

teoria clara e lúcida do combate à inflação por tais e tais meios. Não há cultura inflacionária, quem faz a cultura inflacionária é o próprio governo.

O SR. - Quer dizer, a cultura e re
sistência da inflação, não é?

O SR. - Exatamente. A cultura inflacionária tem de quedar para isso o governo. Mas ele só queda com credibilidade. A prova disso é que todo mundo aceitou o plano Collor no começo. E você está muito mais tranqüilo com três vezes a situação mais difícil do que estava no plano Collor com a inflação. Então, essas verdades do mundo só vão realmente chegar aqui quando houver uma ruptura.

O SR. - Essa ruptura você acredita que possa vir em quanto tempo mais? Seria mais uma década? Este é o nosso problema básico no Brasil, estamos traumatizados por apenas uma década.

O SR. - Nós vamos fazer 25 anos em 10 anos, uma geração. Eu temo que essa ruptura, pelas condições com que o Brasil hoje está se organizando em termos políticos, em que o Presidente sem sustentação política no Congresso, com uma sustentação difícil na área dos trabalhadores, temo que essa ruptura possa se dar, e com um plano e-se não realmente baixar essa inflação a curto prazo, que essa ruptura possa se tornar no processo insti-

titucional só vão ter uma antecipação do parlamentarismo nos próximos dois anos. Essa antecipação do parlamentarismo puramente oportunística.

O SR. - Para colocar camisa-de-força no Executivo.

O SR. - E para abrir caminhos para que o PMDB venha depois a fazer os seus candidatos

Mais uma vez, uma grande encenação nacional sem resolver os problemas.

O SR. - Mas você negociou, intermediou, criou alianças e buscou entendimentos entre vários Presidentes, desde Juscelino até hoje, Tancredo, até agora também nessa última formação do governo. Do ponto de vista internacional o que falta ao Brasil, o que os nossos parceiros italianos, japoneses, americanos, europeus acham que falta ao Brasil para geração do poder? Responsabilidade, credibilidade, um maior senso de visão histórica, bom senso? Quais são os ingredientes que o exterior mais julga faltarem aos nossos dirigentes no Brasil?

O SR. - Credibilidade e falta de estabilidade. Credibilidade porque em várias vezes o Presidente não é acompanhado pelos órgãos. A própria Carla Hills agora, e acho que foi injusto, fez um depoimento na Câmara de Comércio Exterior uma crítica forte de que o Brasil está se abrindo e, na realidade, não es

tã. Não é culpa do Collor. O que o Presidente fala não é seguido...

O SR. - Não é o Sarney somente,
é o burocrático que não permite isso.

O SR. - Agem à revelia ou, de preferência, contrariamente. Citamos os casos do Itamaraty, citamos o caso da Petrobrás no programa do álcool na CNE, naqueles desvios to dos onde o Presidente falava que tinha que sair e o Ministro falava que tinha que sair

O SR. - E o Shigeak Ueki dizia que a Petrobrás não podia se engajar num programa de 250 milhões de dólares.

O SR. - Então, você veja que o Brasil deixou correr livre a sua área administrativa e, a cada dia que passa, ficaram mais dúvidas de se o Brasil não tem realmente como Presidente uma rainha da Inglaterra, sem primeiro-ministro. O Brasil é a imagem da falta de credibilidade, da falta de agilidade nas suas políticas. A idéia que faço do Brasil hoje é uma rainha Vitória trazida hoje ao . Tem os apetrechos do poder, toda a pompa do poder e não tem poder.

O SR. - Aliás, corroborando a sua análise, dizem que o Collor quer manter o presidencialismo. Na verdade, estamos vivendo o parlamentarismo hoje. O que o Collor quer é a restauração do presidencialismo. Daí, ele defende a sua reeleição dentro do presidencialismo. E não é o que se está vivendo hoje. Temos no Congres

so Nacional hoje cerca de 200 medidas provisórias aprovadas ou em aprovação, das quais seis delas foram reapresentadas cinco, seis, sete, oito vezes. Então, está havendo um desgaste de uma medida constitucional, aprovada na Constituição que é a medida provisória, que substituiu o decreto-lei. Só que o decreto-lei tinha prazo de vigência bem claro e definido. A medida provisória não. Então, abre-se um conduto constitucional que já está desgastado há anos.

Quero perguntar a você o seguinte: como é que os europeus, os americanos, já que o nosso livro tem interesse mais internacional,

desde poder brasileiro, ou seja, eles acham que aqui existe ainda um experimento? Há alguma credibilidade no modelo de ser brasileiro na política instituição na geração de poder? O regime militar, por todas as críticas que tenha merecido ou recebido, não era um modelo mais organizado de poder, tinha relações mais efetivas, relações mais estáveis com o mundo? Como você vê isso tudo?

O SR.

- Em primeiro lugar, acho que o estrangeiro não consegue entender as nuances do exercício do poder aqui. A imagem, o que aparece é de um Presidente forte, dominador. Não do Collor, mas da Presidência, do comando. Esta é a primeira imagem. Mas, quando quiser um começa a analisar um pouco mais, começa a ver que essa aparente força é no fundo uma grande mentira, porque os objetivos nacionais não são nem determinados, nem delimitados e não são exercidos. A democracia brasileira só tem um grande exemplo, que eu diria muito menos das , muito

mais um sistema de acomodação, um sistema de tolerância brasileira que só a transição democrática foi uma bomba. A última foi a do Rio Centro, que o sujeito jogou nele mesmo.

O SR. - Fez um gol contra.

O SR. - A idéia predominante que

continua a é que você tem um quadro onde existe um imperador montado a cavalo, mas o quadro foi decepada

, porque o resto ele não é ca

paz de andar. Realmente nós estamos num impasse institucional, que te mo caminhamos para a ruptura. Estamos falando muito à frente num mo mento em que

. Por isso que ninguém levanta ain-

da o problema da ruptura. Acho que estamos caminhando para uma ruptu- ra, porque não é possível você ter criado um sistema de partição dos po- deres onde nenhum poder assume

. Sarney

usou isso ao máximo para justificar uma fraqueza inerente ao seu cará- ter não de político, mas seu caráter de administração. O Collor, que é um extraordinário político, um homem que conhece, tem outros horizontes econômicos que o próprio Sarney, não está conseguindo implantar o seu programa.

Então, me parece que o dualismo do poder vai chegar a um determinado momento que nós vamos repetir 64. Não com intervenção armada, porque o que determinou 64 foi uma briga familiar Brizola e Jan- go. Foi o parlamentarismo e presidencialismo. Estamos caminhando exa- tamente para uma linha de inércia administrativa, onde hoje

o funcionário que era para ser demitido e não foi e que está do encaminhamento do processo. Aquele funcionário que mas eu vou para o outro.

Então, hoje você está inviabilizando um projeto de privatização, você está inviabilizando um processo de redução de despesas do Estado e, de uma maneira geral, você está criando a pré-condição para o caos.

O SR. *W* - Então, essa ruptura seria de um poder de mais legitimidade do que o poder eleito pelas urnas.

O SR. - Pode até ocorrer. Embora não seja uma tendência natural, pode até ocorrer porque até quando você pode imaginar que um país... Eu me lembro bem que quando o Sarney tomou posse e quando deixou o governo, o Brasil travou seis zeros na sua moeda.

O SR. - seis zeros uma geração passar a cada cinco anos com perda de seis zeros, dá um milhão. Quer dizer, eu comecei o governo Sarney com 1 cruzeiro. O mesmo 1 cruzeiro eu tinha que receber 1 milhão de cruzeiros cinco anos depois para comprar

O SR. - Então, essas todas se não estão ainda claras na consciência popular vão se tornar ... claras a nível de que você sente no seu ... A população não está conseguindo formular a . Por isso que ela vota tão

indecisa. Ela já rejeitou há muito tempo o conflito ideológico no Brasil. Nunca ninguém se elegeu aqui num conflito ideológico. O Brizola mesmo, que sempre foi um homem de centro, não se elegeu. Na campanha presidencial foi um homem de centro para poder ter votos, o Lula teve que recuar das suas posições para poder ser um homem de centro e para poder ser o segundo. Agora, até quando você vai continuar roubando zeros de cada um de nós impunemente?

O SR. - Para chegar a uma coisa obsura, que não se sabe

O SR. - Porque o roubo de zeros só tem predisposto a um outro roubo de zeros.

O SR. - Mário, você que organizou a reunião de Salsburgo, que levou os dois Ministros e o Belotti, que era o secretário-geral, e vocês fizeram lá uma carteira de mais de 1 bilhão de dólares de investimentos de risco no Brasil. Você não acha que também está faltando um pouco de ousadia de marketing internacional, ou seja, nós nos postarmos diante das concorrências com projetos definidos, projetos que te aos milhões. Você, por exemplo, tem um projeto do Nordeste, que é nvilhoso e está à disposição de qualquer governo, como você diz.

O SR. - Foi derrotado porque o foi feito um projeto de conção, foi o primeiro projeto de conversão com ingleses, que eram m de 3 bilhões de dólares que eram para ser colocados no Nordeste.

O SR. - Era o Mitland?

O SR. - Era o Mitland, o

o , o e o

para aplicar o dinheiro para buscar água no Nordeste.

O SR. - E voltaria para eles o investimento.

O SR. - Voltaria para eles o investimento depois que eles transformassem aquilo numa Califórnia na produção de frutos no Vale do São Francisco. Aí o disse que aquele era um projeto para a pastinha do Andreeza. Ninguém leu o projeto e acabou o plano.

Então, enquanto se continuar a não olhar projetos como esse... E você pode imaginar que se Israel tira água, por que no Nordeste não tirar? Todo mundo sabe que em Mossoró, se tiver um sistema de poços, você tira toda a água que quiser do Nordeste.

O SR. - O vice-Ministro da Economia, o João Maia, que é de Mossoró, está encantado com o projeto de irrigação de Mossoró. Ele foi lá recentemente e ficou encantado com esse projeto.

O SR. - Eu não posso imaginar que o Nordeste, tendo um dos maiores is freáticos do mundo, no Piauí sobretudo, onde você vê aquelas t s todas que não são férteis, mas são absolutamente planas e certas. O não estão irrigadas no tempo

exato. Você fazendo um poço você tem es-
sa possibilidade. O Brasil até agora não força ser resolvido o problema
do Nordeste. O problema do Nordeste é um desafio do Nordeste no
sentido de realmente, no momento em que nós resolvermos a questão do
Nordeste com decisão, estaremos realmente dando um pulo para ser uma
nação do Primeiro Mundo. Enquanto olharmos o Nordeste como problema,
continuaremos a raciocinar como um país sem futuro.

O SR. - Por onde é a porta do Bra-
sil para o Primeiro Mundo? É via nuclear, via fibras óticas, tecnolo-
gia de ponta, irrigação, agricultura, ecologia ou um mix de todas es-
sas potencialidades?

O SR. - Eu digo a você que, em pri
meiro lugar, matando duas coisas: matando a fome e matando a inflação.
Não podemos imaginar ser países do Primeiro Mundo sem termos resolvido
internamente esse problema do Nordeste, o problema da fome. Segundo,
matando o problema da inflação. Você não entra no Primeiro Mundo sem
ter uma moeda estável, porque também você não mata a fome, você não
mata o problema do Nordeste sem ter uma moeda estável.

Então, a idéia fundamental é que nós vamos entrar no Pri-
meiro Mundo pela morte desses dois fatores que aí estão.

Agora, um segunto ponto que é importante - e aí já detalha
ndo o seu projeto - é de estir. Temos que fazer uma análise do
Brasil não do ano que vem, mas dos próximos vinte anos com a situação
geopolítica que nós descrevemos. Se nós vamos buscar a integração pe-

lo mercado panamericano, qual é a tendência natural de complementação das atividades, por exemplo, se o nosso nível de desenvolvimento econômico não é igual ao do México? Por que? Porque o México ficou muito dependente e não tem a força e a diversificação industrial brasileira. A nossa via de complementaridade e para os mercados que nós nos dispomos a são com os canadenses e com os americanos. Então, temos que procurar nos segmentos de mercados americanos que serão abertos a nós em contrapartida daqueles que nós vamos abrir, provavelmente vamos abrir informática, vamos abrir área nuclear, vamos abrir várias outras linhas que nos darão também o acesso ao mercado americano

É preciso lembrar bem naquela visita do Reagan que o Bra-

sil estava com um déficit comercial . O que foi o proje-

to que nós apresentamos naquela reunião ao Delfim, apresentamos ao

e ao . O Brasil em dois anos tem condição de mudar as suas

Como? Vamos ver quais são os produtos que vocês têm, fechar certos olhos para que entrem nos Estados Unidos. E assim foi, fecharam os olhos e em dois anos nós estávamos

lá numa posição extremamente importante, novamente superavitária, além

das medidas internas. Hoje acabou o plano cruzado do Delfim. Foi

feito aqui um plano efetivo de acertos internos. Então, me parece

que você terá que pegar aqui e determinar uma

A primeira linha de pensamento, nós vamos fazer um mercado de integra-

ção panamericana, o primeiro mercado que nós queremos é a mecânica ca-

Paradense. O segundo mercado é o mercado complementar ao nosso, nós vamos
petróleo no México com a Venezuela, vamos acelerar com a
Argentina, Chile e Uruguai. O Chile hoje tem um mercado preponderante
mente europeu de frutas, estão desbancando Israel.

O SR. - Eles pegam o degelo dos Andes para servir de irrigação.

O SR. - E estão mandando frutas de uma qualidade superior a de Israel.

O SR. - Inclusive houve uma tentativa de sabotar as ^{frutas} chilenas com denúncia de ... porque quer entrar no mercado.

O SR. - E não pegou, porque a qualidade era boa. Neste mundo vai haver cada vez menos lugar aos debates econômicos. Vai valer a eficiência e o preço. A qualidade e o preço que determinam a eficiência. Então, o Brasil vai ter que se estruturar nessa linha. Por exemplo, a indústria americana vai ter que reformular em função da competição européia e japonesa. Ela vai abrir oportunidades para a produção em condições mais baratas na América Latina. Este é um ponto importante. Na alta tecnologia, a parte de informática, o Brasil já deu os passos suficientes, mas o passo mais importante na área de informática nós não demos ainda, que é o software nos quais os Estados Unidos hoje estão inclusive mais avançados do que o Japão e que a Europa. E garante o hardware, garante o computador, porque hoje você fazer um computador

de uma velocidade de tantos megabites você está construindo um motor. Inclusive do Brasil, tecnologia está fazendo outros aqui e atrasados porque estava muito difícil desenvolver a tecnologia através de malas postais. Agora, no dia em que você ampliar esse tipo de conhecimentos você fará aqui. Você não vai desenvolver o software enquanto você não treinar gente.

Eu imaginaria que essa abertura do mercado que não a colocação de produtos brasileiros na Europa como também num futuro remoto em outras áreas que não a do Japão, e você estava citando essa agenda de 1 bilhão de dólares, em 1980, quando eu fui liderando aquela delegação à China, fomos recebidos pelo Ministro de Comércio Exterior que nos disse que já abriu as preferências para os produtos brasileiros no mercado chinês e antes de se estabelecer um protocolo de 1 bilhão de dólares nós chegamos com a China. Naquela ocasião eram 300 milhões de dólares e em 1989, quando esteve aqui o Primeiro-Ministro chinês, chegou a 1 bilhão de dólares. Isso porque os empresários se , armaram os escritórios.

De modo que acho que o Brasil deve procurar, sobre o lema da eficiência, os setores onde há vantagens comparativas. Essas vantagens comparativas espelham no Brasil num certo momento, aparentemente, que a mão-de-obra é mais barata. Aparentemente. Uma fábrica que você toca aqui com 150 pessoas a 100 dólares por cabeça, você toca na Europa com 25 por 400 dólares, com mais eficiência do que aqui.

Então, não é a mão-de-obra mais que vai transformar os países em países fornecedores onde tem grandes economias de Primeiro Mundo, como nunca foi exatamente o valor agregado.

O SR.

-Vi uma vez em Nova Iorque, passando lá sobre a Costa Leste, que os americanos estavam perdendo competição para os coreanos ou tailandeses, se não me engano, em matéria de tecidos. Eles tiveram que colocar toda a indústria americana de têxteis para o sul dos Estados Unidos, onde tiveram uma alocação de mão-de-obra melhor. Daí eles fizeram um processo de restauração de tecnologias e agregando... Quer dizer, a decisão política foi muito rápida. Quando aconteceu o problema fizeram realmente uma mudança muito rápida, com eficiência

No Brasil isso talvez aconteça em vinte anos. Os mesmos técnicos no Nordeste estão ainda lá fazendo produtos muito menos competitivos até hoje, com recursos do BNDES que aloca subsídios. Quer dizer, nós não temos essa rapidez de decisão aqui no Brasil ainda, não é?

O SR.

Acho que você colocou um aspecto importante. A rapidez de decisão ...

Convite ao Brasil
Mário Garnero
Capítulo IV

**FÓRMULAS PARA O ACESSO
AO PRIMEIRO MUNDO**

... Editora Mondadores, da Itália, livro do Raio...

O SR.

- Prefiro continuar por en-

quanto na filosofia brasileira de abertura comercial. Estamos falando nas dificuldades do engajamento do Brasil no Primeiro Mundo e por que vias isso será feito.

Você estava dizendo que nós temos tremendas dificuldades conceituais, tanto na área dita governamental, burocrática, quanto na área empresarial e há resistência também aqui dentro de falta de conhecimento dos mercados via informações, imprensa e também via vontade de conquistar esses mercados. E nós não temos capacidade de saber algumas das coisas que estão acontecendo naquele momento, onde é certo estar naquele momento para ter uma mensagem de marketing, uma mensagem de exportação.

Depois você falou sobre os saldos comerciais de 83/84. Então, fechando essa resposta sua, queria que você fizesse uma espécie de quadro sobre o que devemos fazer daqui por diante para que não repitamos as fórmulas gastas já de uma retórica meramente burocrática, uma retórica comum no Brasil e quais são os processos de marketing que devemos usar?

Você, por exemplo, se lembra das lições do Machado em termos do café. Ele fazia as feiras em todo o mundo. Será que funciona esse tipo de aporte entre empresariado e governo? Por exemplo, nos governos anteriores, toda a missão de presidente era acompanhada de

empresários. Eles faziam a parte deles, pagavam as suas passagens, os seus hotéis, não se metiam nas comitivas mas tinham uma agenda paralela de negociações e cada missão do Presidente ao exterior resultava em grandes oportunidades de acordos bilaterais.

Agora, parece que uma coisa muito morna, muito fria se estabeleceu no Brasil . O Presidente não se faz mais acompanhar de empresários nas suas viagens e, com isso, caiu muito o grau de apresentação das missões.

O SR. - No momento em que o Bush aceita uma sugestão do para colocar em suas comitivas exatamente os empresários próprios.

O SR. - ... o capital estrangeiro ao redor de 20 anos não é verdade. Nenhum processo industrial, a não ser na indústria pesada, química, siderúrgica, você paga o capital em 20 anos. A média européia, japonesa e americana, o capital será pago em setores de ponta entre 3, 4 a 5 anos. Não existe capital no mundo que possa ser pago em 20 anos, nem mesmo imobiliário. Acho que aí há um erro de conceituação das autoridades. Acho que o retorno do capital não está diretamente ligado ao exercício abusivo de preços pelo caráter oligopolista.

Feita esta ressalva, queria dizer a você que a reação brasileira do empresariado é importante, é rápida. Se não fosse rápida,

numa economia de alto risco onde um governo muda de presidências a cada semana, três vezes, ninguém sobreviveria. E se você tivesse tempo de pagar o capital em 20 anos, com esses governos todos, você estaria quebrado e liquidado há muito tempo. Existe uma agilidade empresarial importante.

O SR.

- Adaptação.

O SR.

- Adaptação. Agora, o que aconteceu muito foi que essa agilidade também ficou ligada a três fatos que são bons no começo e se tornam depois cocaína empresarial: a reserva de mercado, o subsídio empresarial e as compras governamentais.

Quando você imagina que você passa a ter subsídios para investir em quase tudo; um segundo ponto: que você tem compradores monopônicos, que é o Governo agindo e estimulando, dizendo que compra de Antônio, de Pedro e de Joaquim e compra perpetuamente, é uma cocaína que ninguém quer deixar de ter. Esses dois pontos são importantes.

O terceiro ponto que nós falamos, da estabilidade, é que cria uma certa necessidade de o capital ser mais ágil. Agora, o empresário brasileiro é hoje de um nível empresarial apenas mais fraco no management ainda, porque os quadros brasileiros não são quadros por falta da educação nos níveis internacionais que você encontra, mas o empresário brasileiro é, em nível de correr risco e nível de buscar novos mercados, extremamente competente. O que ele ficou foi preguiçoso, porque o mercado interno de um país ... E aí uma análise talvez um pouco mais

ampla: quando você diz que o Brasil é um país do Terceiro Mundo, você precisa imaginar o seguinte: o Brasil de 40, 50 milhões de habitantes, é um país de Terceiro Mundo. Aliás, o nível de pobreza absoluta do Brasil está hoje ao redor de 45 milhões de pessoas. Já não somos mais os primeiros no mundo. A União Soviética tem 60 milhões. Entre 60 e 70 milhões, foi o último censo da União Soviética, de pobres absolutos. Nem isso nós temos mais condições de ser e dizer que somos os maiores do mundo, já perdemos. Mas, quando você pega o remanescente, esses 100 milhões que sobram na contabilidade nacional, há no Brasil, certamente, 6 milhões de suíços que têm uma renda per capita superior à renda desse de 500mil dólares. É evidente que há. Há 6 milhões de pessoas no Brasil que têm uma renda média maior do que 500mil dólares por ano. E se você pegar a Espanha, com 40 milhões de habitantes, você tem certamente um outro Brasil aqui você tem 40 milhões de pessoas no Brasil que são espanhóis, porque têm uma renda idêntica no mínimo à Espanha. Então, esse sentido de generalização atrapalha, mas, por outro lado, dispõe o empresário a atingir determinadas áreas, que são as suíças e as espanhas brasileiras, localizadas. E, com isso, temos nos afastado de uma linha de produtos que poderíamos ter realmente entrado e feito aqui para uma base desses que estão no nível da União Soviética. Nós somos melhores que a União Soviética porque, a não ser em certas áreas de extrema penúria, não há filas de alimentas, falta de pão. Pode ter gente que não compre pão, mas não há ainda o acesso institucional da pobre-

za pela falta de produtos que você tem. Então, o parque industrial brasileiro poderia ter sido adaptado para essa diversidade de países que estão dentro do Brasil.

Outro ponto a favor também do empresário brasileiro é que ele avançou no mercado internacional e melhorou a sua tecnologia, incorporou novas tecnologias ao seu processo de produção e foi eficiente, porque ninguém consegue exportar, colocar no mercado internacional vendendo coisas de má qualidade. Acontece que, vender internamente, pagava a exportação. A mesma empresa que aqui no Brasil vendia caro, colocava uma parte substancial de seus produtos a preços internacionais lá fora. Por que ela vendia caro aqui dentro? Porque tinha uma superproteção de CIPs, de CDIs, de cinco câmbios! Você aqui era protegido por similar nacional, câmbio de importação, dólar favorecido, entraves burocráticos, azeitamentos da máquina, enfim, você conseguia estabelecer aqui um muro de Berlim para a concorrência.

Vencido esse processo, porque você está vendo que não há uma quebradeira geral no Brasil. Isto é uma ilusão. As empresas que estão quebrando são aquelas que todos sabiam que banco nenhum daria dinheiro! Todo e qualquer departamento de crédito não estava dando dinheiro para , não estava dando dinheiro para Sardalina, não estava dando dinheiro para o Banco Colúmbia há muito tempo. Era um problema de má gestão. Dizer-se que está uma quebradeira nacional não é verdade. Ela está-se adaptando a uma nova economia que aí está.

Esses fatores todos somados levam a um perfil positivo do empresário brasileiro. É um homem que corre riscos, que sabe vencer as adversidades de uma competição - porque, pior do que a competição é a competição industrial que o governo lhe impõe através de regulamentos, de normas etc - e é um empresário que está pronto a dar saltos em termos de crescimento. Não foi um empresário passivo no processo. Agora, é um empresário que está viciado. É preciso fazer uma cura de desintoxicação da cocaína que consumiu em excesso.

O SR.

- Você falou inclusive na

questão de nossa integração mais com o Canadá do que com o México. O México está fazendo a maquiagem dos produtos, mas ele não tem plenamente o nosso parque industrial já montado e apenas os seus, a Zona Franca de Manaus lá. E, aqui dentro, nós temos várias zonas internas no Brasil que podem ser zonas de mútuo comércio interno, para efetivar aquele sonho de Juscelino de, primeiro criarmos um parque interno industrial - que no seu livro você coloca muito bem isso, que Juscelino inverteu toda a mentalidade existente no Brasil, primeiro a indústria e depois a agricultura - então, nós não teríamos que ter essa nova fase, criarmos no Brasil de mútuo intercâmbio industrial e comercial dentro do Brasil para depois podermos pensar na exportação, ou seja, temos que nos aperfeiçoar internamente em termos de regionalização de desenvolvimento econômico aqui? Por exemplo, você tem um plano excepcional para o Nordeste aqui. Isso não criaria renda para o Nordeste ser consumidor de produ

tos da indústria brasileira, de São Paulo ou do centro-sul? E, mesmo assim, a Zona Franca de Manaus agora que partiu para um novo contingenciamento e diminuiu todas as suas tarifas e alíquotas de importação para tornar competitiva, ou seja, o Brasil virou zona franca e zona franca virou Brasil, agora é o contrário, nivelaram o Brasil novamente. Então, está havendo um reordenamento do ponto de vista de competitividade interna muito severa. De um lado, os empresários estão ainda mortos para isso, de um lado o governo não tem apetência empresarial. Então, qual é a solução? Se estivéssemos no tempo de Juscelino, o que você faria?

O SR.

- Quando dissemos que Juscelino reformulou o conceito, ele o fez porque naquela ocasião se imaginava, acima de tudo, que a agricultura seria sempre o carro motor brasileiro em termos de exportações. Isso, baseado em alguma coisa que me é absolutamente clara: o Brasil só tem uma vantagem comparativa em relação a outros países do mundo no mesmo estágio de desenvolvimento. É o seu mercado interno, que é a soma de uma suíça com uma espanha e com

Mas, a média dá um mercado interno extraordinariamente poderoso. A exploração desse mercado interno, seja por uma empresa nacional, seja por uma empresa multinacional, não representa empobrecimento do País.

Lembro-me de que há mais de 20 anos, quando se discutia isso na indústria automobilística fora - e eu defendia sempre em seminá

rios - a Volkswagen do Brasil não pode voltar a fazer o expurgo. Ninguém mais tira o dinheiro que está posto aqui. As implantações industriais que aqui estão postas, ninguém mais tira. É evidente que se você paga juro num investimento, você está pagando um juro módico pela remessa de juros que você faz pelo investimento que houve. Principalmente do quê? Não de dinheiro, de tecnologia e management e boa administração.

Então, esse mercado brasileiro que aí está ainda dividido, sem condições de haver um mercado comum dentro do Brasil, realmente é um ponto extraordinário. Por que a Europa, o americano e o próprio Japão têm realmente o seu poder industrial e empresarial forte? Porque foi a um único mercado. O que você vende no Alabama você vende no Mississippi, você vende nos Estados Unidos, com variedades eventuais de níveis de consumo, mas com um mínimo nível de consumo é superior ou está próximo da média nacional.

No Brasil você tem um diferencial de renda vertical e diferencial de renda horizontal. Vertical no nível dos indivíduos e, horizontal, no nível dos Estados e das regiões. É evidente que temos alguns problemas regionais que não me parecem, com toda a capacidade que o Brasil teve de resolver os problemas maiores, não podem ser resolvidos. O problema do Nordeste não é um problema, é uma oportunidade. Quando você vê que zonas atrasadas, como houve na Itália...

ção total, não a reforma agrária, a reforma regional.

O SR. - Regional. Quando você pe-
ga os próprios Estados Unidos, as áreas em que eles se incorporaram ao
Sul, ao Mississipi, como se incorporaram através de um programa de sa-
neamento interno você vê que houve sucesso. O próprio Japão tem níveis
de desenvolvimento muito grandes. O próprio Osaka e outras áreas do Ja-
pão têm diversas gradações. O que não pode acontecer é essa diversida-
de extrema que o Brasil está tendo e que nós, desde a época de estudan-
tes, naqueles seminários pela integração do Nordeste nós tínhamos detec-
tado, e os homens públicos brasileiros já tinham detectado há mais tem-
po.

Mas, eu me pergunto, por que o problema do Nordeste existe,
voltando ao problema da seca, quando a água lá está? O que faltava aos
Estados do Centro-Oeste para se desenvolver? Faltavam estradas e comu-
nicação. Veja hoje, você pode considerar toda essa área de Mato Grosso
do Sul como uma área problema ou como uma área futura de desenvolvimento?
Com a água que lá está do São Francisco num projeto desses o Nordeste é
problema ou é futuro?

Vejo o Nordeste futuro, não vejo o Nordeste problema. Ago-
ra, não vejo é a vontade política de responder. Vejo muita vontade po-
lítica de debater o problema do Nordeste para ganhar voto, mas não vejo
a vontade política de resolver.

O SR.

- Isso tem muito a ver com a

sua observação antiga, de que nós somos excelentes em formulações e pouco práticos em ação, prática daquelas idéias que nós bolamos.

E outro aspecto é o de que grandes brasileiros, além de você como o Olacir de Moraes, tiveram o projeto da Ferrovia Leste/Oeste, Norte/Sul - Leste/Oeste praticamente - desistiram de um projeto de investimento de 2 bilhões de dólares bancados pela iniciativa privada, no caso Olacir de Moraes, mas que tem um insumo somente que atrapalha, que é a falta de interlocução com o governo. Eles não querem nada do governo, eles querem do governo apenas o licenciamento e a desburocratização das áreas, ou seja, a permissão para entrar em áreas que são da reforma agrária, patrimônio público etc. Mas, o governo não faz a parte dele e deixa um investimento desses ser adiado por 10 anos.

Então, você falou no management brasileiro. Você acha que a decisão maior, o destravamento tem que ser dado no governo ou na livre iniciativa?

O SR.

- Em nível de administração

eu estou com o Presidente Collor, nós estamos atrasadíssimos. A administração pública brasileira, não pela qualidade dos órgãos, há escolas extraordinárias como têm sido o Banco do Brasil e o Banco Central na formulação de gente competente. Mas, há qualquer coisa de viscoso na administração. Aquilo parece um pouco o látex que diz " - se" e que pega desde as moscas até as abelhas produtivas. Quem coloca o látex é perdido. Eu não consigo realmente ver o porquê a administração

pública brasileira é tão pesada. Aliás, vejo. Vejo porque são malpagos, são mal-organizados, não têm um comando porque tudo foi feito numa base de números para suprir aqueles empregos que deveriam ter sido feitos pela iniciativa privada e não puderam ser feitos e os políticos então, pressionados pela base, transformaram a administração pública no substituto do setor privado na geração de empregos.

No momento em que o Brasil aliviar esse peso de custo e der as diretrizes ao setor empresarial, diminuir o peso dos incentivos mas estabelecer por outras linhas canais claros de que se você entrar numa linha certa você não terá o ódio do administrador e do burocrata, porque, infelizmente, no Brasil estamos atravessando há muito tempo uma síntese de quem tem sucesso é o ladrão, é o que tira uma vantagem e não o que trabalha. Então, esse ódio nacional contra a riqueza reflete-se instintivamente na destruição da própria riqueza pública que é, no fundo, garantida por aqueles que geram empregos. Então, você está entrando numa discussão metafísica absolutamente... e diz: o sujeito que é em presário é rico porque rouba ou porque tira vantagens. Portanto, vamos destruí-lo. Ao destruí-lo você destrói os empregos que ele ia gerar, enfim, você entra num circuito que leva a essa estagnação que você está dizendo aí.

Você estava falando de um outro ponto que me pareceu importante. As discussões ecológicas, é evidente que ninguém hoje é favorável a um esquema de devastação, que realmente não houve. Na totalidade, houve abusos pela falta de fiscalização. Mas, a própria Floresta Amazô

nica - e eu me lembro dos projetos iniciais da Suframa - você tinha condições efetivas do que se podia desmatar: 50% , depois caiu para 35%etc. É que não houve uma fiscalização. O Estado determinou e não fiscalizou. E, se fiscalizou, fiscalizou mal permitindo o que houve.

Agora, você imaginar - e me parece um erro crasso fundamental, a abertura do Continente para o Peru, porque você não pode atravessar a Floresta Amazônica atingindo 0.0000, isso é um absurdo monumental. Isso não existe! É uma jogada política estimulada e mantida por pessoas que não têm noção alguma do aspecto brasileiro e por forças internacionais que não desejam isso. Há aí, evidentemente, um lobby extremo para não deixar que aconteça. Agora, o Brasil deve pegar todo mundo e coordenar, ao mesmo tempo que o Presidente Collor não mandou assim mesmo, com ou sem dinheiro. Nós não precisamos de dinheiro japonês para fazer isso, porque nós precisamos é de ter uma saída para o Pacífico.

O SR. - Aliás, houve um congresso agora da FIESP em Porto Velho, Rondônia, promovido pelo Governador Gerônimo Santana, cuja conclusão foi de que há recursos brasileiros ou internacionais, sem japoneses, para fazer essa estrada até o Pacífico.

O SR. - É só ver quanto jogamos fora diariamente aqui no Brasil no programa dos paralelos, no buraco do cachimbo e outros, que vemos isso. É evidente que essa estrada é uma prioridade nacional como de resto, a Transamazônica era. Foi malconduzida! Um país como este tem que integrar o seu território na sua totalidade. Gastamos cinquenta transamazônicas no período, vejam o que fi-

zemos nesse governo aí do Presidente Sarney, quinhentas coisas, mas eu acho que temos que integrar fisicamente este Continente. Se você não integrar fisicamente o Brasil, você não terá condições jamais de fazer uma economia equilibrada dentro do próprio País.

O SR. - Aliás, existe um projeto do Nordeste, que pressupõe uma integração hídrica. Eram eclusas que iriam ser vias fluviais, corredores naturais de exportação.

O SR. - E você me perguntou uma coisa interessante, sobre por onde se fará a integração. Nós falávamos pela morte. Mas, eu queria dizer também como o acesso físico deve ser feito pelo Brasil por dois grandes variantes. Nós já temos a Mas, se você sair por , você está saindo com 50% do frete. De qualquer produto que saia da Amazônia, você está saindo com 50% a menos do frete. Então, você está fazendo hoje um processo em que você pega a Zona Franca, traz para cá, carimba lá, traz para cá, traz o frete para cá ...

O SR. - Ponte aérea, sobretudo.

O SR. - Junta as suas e volta a exportar para lá. Na economia do Brasil não há quem resista pagar essas coisas.

Agora, vejo um programa de governo coerente o de ocupação do Estado. Vamos fazer todas as ferrovias e todas as rodovias que o Brasil . A custo nosso, sem Banco Mundial e sem pedir favor a BID,

a japonês, a , a quem for. vamos fazer por nós mesmos.

O SR. - Aliás, num dos seminários de integração nacional que se promoveu enquanto presidente do centro acadêmico, um dos quais foi o de integração do sul, entre Brasil, Argentina e Uruguai.

O SR. - Brasil, Paranã e Uruguai.

O SR. - Então, hoje é um dos pontos radiais, potencial e economicamente falando, mais prósperos, futuríveis que nós temos. Inclusive, do ponto de vista de equação, houve um abandono dos projetos da Região Sul. O pólo siderúrgico de Uruguaiana que-ria ser dinamizado através de uma hidrovia mista de ferrovia que viria do rio Paranã, passando por dentro do território argentino, inclusive pa- ra haver o armazenamento em território argentino e, daí os preços na zona livre reduziriam e passariam a ser reexportadas as matérias-primas e che- gariam em Uruguaiana com condições favoráveis de custo. Inclusive, vo- cê no Brasilinvest foi um dos que animaram o pólo petroquímico de Triun- fo, na primeira fase, arranhou financiamentos externos.

Então, tudo isso quer dizer management, empreendimento, Nas cinco coisas que perguntaram o que você era, se era empresário, se era empresário, você disse: "não, sou empreendedor."

Está faltando no Brasil capacidade de empreendimento. Onde estão os nossos grandes empreendedores? Hoje são grandes empreiteiros

somente. Tiveram obras feitas de barragens, eclusas ou vendem serviços para o exterior.

O Sebastião Camargo, por exemplo, domingo disse que gosta muito do Plano Collor, mas ele tem dezoito hidrelétricas que dão um recado muito explícito e demais hidrelétricas. Então, onde estão os nossos grandes empreendedores brasileiros e quem são ?

O SR. - Quando nós falamos aqui da ocupação física do País, vem muito à minha mente um exemplo/^{mais recente} de um país que nasceu mais ou menos próximo do nosso na idade e que tomou caminhos que nós tomamos mais tarde, mas que acima de tudo teve como centro motor o indivíduo e não o Estado. O Estado foi aquele que distribuiu a justiça, que distribuiu o equilíbrio político, que agiu mesmo no Executivo como um grande mediador, mas que deixou ao homem a sua capacidade de

Quem criou as ferrovias basicamente que integraram os Estados Unidos foram os Olacir de Moraes, que também tiveram certamente as mesmas dificuldades de governo, talvez não tão ativas como aqui no Brasil, mas tiveram dificuldades.

Quem criou a riqueza americana, como de fato a própria riqueza alemã e a própria riqueza italiana ou francesa, foram os empreendedores que souberam garimpar as oportunidades.

Aquele exemplo da cocaína se aplica também aos empreendedores. Veja você que o Brasil atravessa hoje uma fase interessante sob o aspecto empresarial e industrial. Os grandes fundadores dos impérios

morreram ou estão em via de transferir a sua posição. A maior parte das empresas em vias intermediárias está se destruindo pela briga da segunda ou terceira geração. Os grandes impérios estão desaparecendo e, num processo natural, vão-se transformar em empresas públicas mais à frente ou serão compradas por multinacionais ou por outros grupos que, inexoravelmente, vão ter que buscar, pelos números grandes que a economia já teve, refúgio no empreender final, no investidor final. Estamos num momento de transição importante.

Então, responderia talvez a você com uma pergunta: não será essa fase de transição onde o comando dos grandes empresários, que foram aqueles que fizeram os grandes impérios, os grandes empreendimentos brasileiros, está se mudando para um tipo de empresário de menor porte e que vai agir mais localmente e que funcionará menos como dono do negócio, mas muito mais como um delegado do capital disperso.

Evidentemente, se você reconhecer que esse processo tem uma certa validade, eu pergunto se este vácuo não caiu no pior momento, no momento em que o Brasil mais precisava dos velhos Franciscos Matarazzo e dos outros que correram riscos, onde nós falávamos em subsídios e reservas de mercado e tudo isso e construíram seus impérios?

O SR. - Excelente pergunta, inclusive porque naquele famoso manifesto da "Gazeta Mercantil" dos empresários, o Olávo Setúbal, o Paulo durante o governo Figueiredo estavam antes do tempo daquilo, quer dizer, eles não poderiam diágladiar

um estado paternalista que era naquele momento o Estado brasileiro.

Você deu um exemplo de antecipação do mercado livre, da tendência livre da economia não só/assinando o manifesto, mas tirando o caráter político, porque empresário é empresário e política é política.

O SR. - E não tem jeito de juntar.

O SR. - Não. Nos Estados Unidos não existe, na Europa não existe. Você não vê um candidato a Presidente da República na França empresário ou na Alemanha o Primeiro Ministro ser empresário, não existe. E aqui nós estamos correndo esse risco. E, na Itália, é tão leve a estrutura de produção que, quando cai o gabinete, a Itália fica mais rica na noite em que cai o gabinete.

Então, nós aqui confundimos tudo e estamos nesta porcaria por causa disso. Agora, dentro dessa sua pergunta ...

O SR. - Esse conjunto, vamos dizer, empresário governamental, embora o novo congresso agora tenha uma representatividade marcadamente empresarial, não é boa. Não é boa porque eu não acredito que só os empresários possam fazer bem política, como não acredito que os políticos possam ser bons administradores públicos, in~~ex~~oravelmente. Há opção por vocação ou por crer, mas não são corolários.

Então me parece que há uma necessidade, principalmente num país como o nosso,, em que as linhas ficam demarcadas: quem é político é político, quem é empresário é empresário. Misturar, dá confusão!

O SR.

E isso remete a um outro tipo

de pergunta: será que nós temos condições de poupança interna no Brasil para bancar nossos projetos de empreendimentos?

E quando você fez o Brasil Invest, você fez um mercandising a nível de outros europeus e americanos e correu na frente mais alguns anos, mais uma vez.

Hoje o Prof. Kandir, com a sua empáfia de Cambridge, fez a alguns diplomatas no Itamaraty um breefing sobre economia, dizendo que nos próximos quatro anos de governo Collor anos pedimos apenas, e segundo ele é muito, 30 bilhões de dólares para investimentos de infraestrutura, ou seja, reposição de toda a rede de estradas, telecomunicações, satélites, portos e outras coisas. E o crescimento brasileiro, segundo ele, atingiria uma meta de apenas 6% em cinco anos. Não corresponderia sequer ao aumento populacional, estaríamos menos 0%. Você acha que são metas? Nós temos poupança interna capaz de nós próprios pagarmos o nosso desenvolvimento nos próximos cinco anos? Será que está havendo mais uma vez uma distorção tecnocrática que vai colocar o Brasil para trás?

O SR.

- É evidente que nós não te-

mos condições, absolutamente nenhuma, de financiar poupança interna para financiar... Se tivéssemos poupança interna para financiar o nosso desenvolvimento, não estaríamos devendo 110 bilhões de dólares. Então, é uma grande falácia.

O que estamos precisando é de capital, extremamente neces -

sitados de capital. Estivemos perto de um aporte de capital de 110 bilhões de dólares, que foi um plano marshall, que nós foi concedido por um cochilo dos banqueiros um tempo atrás e, efetivamente, o de que estamos precisando hoje é não só gerar poupança interna, que caiu ao redor de 22% no período em que o Brasil estava em grande desenvolvimento para hoje, não deve passar 15% do PIB, portanto, esses 30 bilhões você não pode imaginar que este país se acerte em seis anos com 30 bilhões de dólares. Até ponderação de todos os serviços públicos exige isso a cada seis meses e não a cada seis anos. Dentro de seis anos com 30 bilhões de dólares nós não falaríamos nem mesmo dentro da nossa própria casa conosco na extensão do nosso telefone. Nós não conseguimos falar nem dentro da nossa casa.

Então, calculo que esses números estejam absolutamente defasados. É só você ver o nível dos serviços públicos brasileiros, você está dizendo 30 bilhões de dólares, isso é para abater. Se a população vai crescer mais que a renda, vai aumentar o número de pessoas sem água, sem condução, sem esgoto, sem telefone! Nós não temos condição alguma, a não ser partirmos para um processo de privatização dessas empresas ineficientes brasileiras para que o processo de privatização traga capitais para o Estado para ele cobrir outros furos do seu déficit, que hoje pode estar relativamente controlado, mas não na sua eficiência.

O segundo ponto, que é importante, é realmente o aporte de capitais estrangeiros. O Brasil fez um acordo na Lei de Informática,

e eu fui muito contra isso, falei muito com o Presidente Figueiredo, com o Joel Venturini, com o Medeiros, com aqueles homens todos que estavam naquela época fazendo a Lei de Informática. Eu disse que o Brasil era um país carente de capitais. Quando se tem uma possibilidade na Lei de Informática de ter o controle com um terço do capital, por que eles queriam 100% do capital? O que precisamos aqui é trazer técnicas de administração, precisamos trazer novas tecnologias e distribuir um pouco o lucro. O capital deve ser produzido, desde que você ponha na mão do empresário nacional para controlar as decisões finais.

Ora, num país que precisava de capital nós fizemos exatamente o oposto. Num curto tempo você pode ser dono de uma empresa com um terço do seu capital 100%.

Então, essas falsas idéias de que o Brasil vai gerar um autodesenvolvimento sustentado, estou ouvindo essas histórias há mais de 20 anos. Ouvia na ADESG que o Brasil iria caminhar para um desenvolvimento auto-sustentável. Nenhum país do mundo tem autodesenvolvimento auto-sustentável hoje. Tem certas fases onde ele depende mais ou menos do mercado internacional. O Brasil tem uma condição formidável de abrir as bolsas do mundo. Que medo nós temos de abrir as bolsas, se todos os países com economia maior ou menor, a Espanha. Portugal abrem a bolsa, entram e voltam com o dólar, qual é a dificuldade que nós temos? Até Portugal abriu as bolsas, a Espanha abriu, todos os países da Ásia.

Então, é uma falácia. Os maiores índices de desenvolvimento

to estão nos países - e de menor inflação - estão hoje nos países novos, Malásia, Singapura e outros países que estão tendo uma abertura e integração com o mundo todo. Nós estamos aqui raciocinando que somos auto-suficientes em cruzeiros! Ora!

O SR.

-

O SR.

- Parece-me que falta realismo ao Brasil. Tenho uma figura, acho que o Brasil foi definido dentro daquela famosa definição do Funaro do "Suipão". Inflação da Suíça e desenvolvimento do Japão. Acho que nós continuamos na era do Suipão. Nós olhamos o mapa e olhamos o Brasil e dizemos: puxa vida, esses são os Estados Unidos da América do Norte. E eles estão errados lá. Aquilo lá que é norte e nós somos

Ora, vamos cair no realismo dos fatos e ver realmente como é que os outros países carentes de capital estão se comportando, mesmo aqueles que deram as idéias ideológicas e nós continuamos a desfraldar as bandeiras quando eles já mudaram de time.

O SR.

- Você, por exemplo, coloca

outro tipo de intervenção. Os Estados Unidos, enquanto considera a Califórnia, o Engels, correspondente do Marx - porque ele estudava o marxismo e estava escrevendo o capital na biblioteca de Londres - ele disse: "eu detesto os americanos, eles querem conquistar uma terra desértica onde moram índios." Eles vão ser incapazes disso, porque aquilo ali vai ficar sempre assim, são pedras e desertos sem nenhuma riqueza apa-

rente e você pode ficar certo de que jamais os gringos conquistarão essa parte do mundo, a Califórnia. Depois de 20 anos da carta do Engels os Estados Unidos colocaram um pé lá para a corrida do ouro, o gold rush, e hoje é essa riqueza toda.

O SR. - Mas você veja a diferença, se você vai à fronteira da Califórnia, em Tijuana, você entrou no México. São 30 quilômetros. O que faz o desenvolvimento, no fundo, é a capacidade de pensar e de gerir.

O SR. - Quer dizer, é a vontade do povo de pensar em fazer e fazer. É como os franceses: fazer, saber e saber fazer.

O SR. - E nós aqui, como você sabe fazer e pensa como fazer, você diminui o seu nível de pretensão. A pretensão está diretamente ligada à incompetência.

O SR. - E aqui nós temos a arrogância dos burocratas também para atrapalhar !

O SR. - É a pretensão elevada à enésima potência. E gostaria que fosse a enésima potência o Brasil potência, mas, infelizmente, não é a enésima potência. É essa potência que infelizmente nós estamos vendo. O termo francês é gardier. O processo de desenvolvimento brasileiro é uma gardiagem. Nós nunca vimos um desperdício tão grande em tempos de esforços e de palavras e de inconseqüências como o Brasil tem sofrido nos últimos anos. O único governo

que ainda teve uma certa linha de pensamento econômico organizada foi o Governo Geisel. Mas outros governos fizeram algumas metas simples, por exemplo, o Figueiredo foi a democracia. O aspecto econômico-financeiro foi vencido pela democracia. Agora, o poder civil depois que se instalou no Brasil realmente era um de uma meta simples. Você dizer que quem garantiu a democracia foi o Sarney, a transição, quem garantiu foram os três Ministros militares e o Ivan Sousa Mendes. Foram eles que garantiram a transição democrática.

Então, acho que os civis ainda não encontraram a sua meta.

O Presidente Collor colocou a sua meta, que é a modernidade. Ele precisa agora é fazer permear nos seus escalões de governo e na burocracia realmente os meios e os objetivos para chegar lá.

O SR.

- Mário, você que lidou com

tantos Presidentes, você citou o Geisel agora como o que teve uma meta estrutural de planejamento estável, estratégico, mas você acha que os civis perderam uma passagem histórica. Você conta no seu livro desde a renúncia do Jânio, primeiro a sua sedução intelectual pelo Carlos Lacerda. Quando o Carlos Lacerda confirmou que ia ao centro você teve realmente um grande espasmo intelectual. O Carlos Lacerda fez do centro uma tribuna para um recado político, que acabou na derrocada do Jânio Quadros. Depois, você lidou com o Juscelino, fez missões para ele e foi, indiretamente, e teria inclusive participado até da salvação do Juscelino atendendo o seu convite de não viajar e aceitar sua carona no jatinho.

Depois você com o Tancredo, você foi intermediário do Tancredo, até receber a senha da televisão testando o Figueiredo dizendo que aquele velho SBT pode confiar nele, que ele vai tomar posse e etc e tal. Você recebeu várias senhas históricas a sua vida toda sobre transições democráticas.

Mas, ao mesmo tempo, nós que brilhamos tanto - nós, civis - nessas senhas democráticas falhamos tanto em administração do Estado. A que você imputa isso ao civil que está no poder? É falta de preparo típico dele? É falta de um processo de escolha melhor de auxiliares? É o partido político dele que não elege um sistema, mas elege o homem? Quais são as grandes falhas organizacionais na cabeça dos nossos governantes civis?

O SR. - Acho que é, acima de tudo, a inadequação do tempo ao momento. Quando você fala do Juscelino, eu defendi o Juscelino naquela ocasião e o Nadir Figueiredo e outros líderes empresariais a quem eu políticos, a minha tese era de que o Juscelino não podia repetir. Ele tinha criado uma tal revolução no País sob o ponto de vista industrial e democrático que não se poderia repetir em 1965, mandatariamente, a mesma linha de atuação PTB/PSD porque, com o próprio crescimento que tinha havido, o nascimento de uma burguesia que se tinha acelerado durante esses dez anos de intervalo entre o seu governo e depois causado pela revolução industrial que ele tinha lançado, havia condições totalmente diferentes. O PTB já era

partido que estava caminhando para uma linha de moderação e de centro e deixando um campo aberto, que depois o PT veio a ocupar. Eu dizia: Presidente, o senhor tem uma força individual que hoje supera essa li-da necessidade nha/de ter o PTB consigo. E o Juscelino foi exatamente na linha do PTB para ser engulido pelo Jango. E ser fuzilado por esse tipo de ...

No aspecto conceitual, se você pegar o Jânio, o problema do Jânio foi nitidamente da inadequação do político paulista ao cenário nacional. Você vai dizer que o Jânio era mato-grossense. Não, o Jânio era um político paulista nas suas origens! E a inadequação dele é igual a quando o Maluf jogou fora a Presidência da República, ou a vice-Presidência, que era o lugar dele. Seria o Presidente inconteste a logo na sequência. Não com o Andreaza, porque com o Andreaza ele teria sido Presidente. O Maluf jogou fora!

Então, isso é um pouco da inadequação ...

O SR. - Ele vem jogando fora várias vezes, cinco anos. Cinco eleições jogadas fora!

= O SR. - Então, no fundo, quando você pega os líderes civis, o Tancredo era um homem que teria reproduzido no governo as mesmas falhas administrativas talvez ainda maiores do que as do Sarney, porque ele não gostava de administração!

O SR. - Mas você que foi o portador dos três recados do Figueiredo, tinha que ser uma negociação muito casuística, muito factual ...

O SR. - Exatamente, sem nenhum preparo.

O SR. -

O SR. - Evidente.

O SR. -

O SR. - Não ia aceitar, foi o que me disse. A tropa não ia aceitar, eu não sou continuísta. Até que eu gostaria, mas não posso! Quer dizer, é a falta absoluta de preparo histórico. No caso do Juscelino, não o preparo administrativo, porque ele sabia como tocar isso. No caso do Tancredo, era falta do preparo administrativo. No caso do Sarney, foi aquilo que ele disse claramente, não estava preparado para ser nada, Ele estava preparado para ser um vice-presidente. Então, não há nada a dizer.

Acho que não são só os presidentes da República civis que têm falhado por falta de preparo. Acho que nós hoje levamos ao estabelecimento de uma sistemática tão ineficiente de governo, acompanhada de uma burocracia tão pesada, que eu me arrisco a dizer que nós estamos condenados a tratar sucessivos administrativos até que venha uma ruptura.

O SR. - No caso, não são os presidentes pessoas físicas que têm menos ou mais talentos, não é isso, mas a estrutura pensante do País, digamos, o quadro pensante, digamos, a elite, o Tancredo, por exemplo, deixou um discurso pronto antes de mor

rer, que ele iria fazer na primeira reunião ministerial, que ele iria fixar as elites brasileiras, coisa que o Collor está fazendo. Quer dizer, a percepção do problema é igual a todas. Mas, falta-lhes estrutura, seja governamental, seja partidária, seja congressual e aquilo que você sempre fez na vida quer dizer exatamente isso. O grande negociador brasileiro nos últimos 30 anos é o Mário Garnero, porque você é o algodão entre os dos últimos anos de crise, levando portarrecado, pombo-correio, área internacional, nacional, entre militares e civis você está presente esses 30 anos de fato. Mas, você fala como empresário lúcido, você não está agindo em termos de FIESP, nem de organização civil, nem de partido político, nem nada. Então, você é uma sorte histórica que o Brasil teve em ter você aqui, um cidadão do Primeiro Mundo, aplicado aqui nos Trópicos. Mas, como você, têm poucos. Então, as crises brasileiras decorrem em função da falta de negociadores, da falta de instrumentadores intrigantes da paz. O que falta é isso. No seu livro você diz que tudo foi para o Sarney por acaso, ele estava sempre onde a sorte passava, e o conceito do trabalho é da sorte mesmo; porque o Sarney não trabalhava para ter.

O SR.

- Aliás, todo mundo sabe que

o Sarney não foi um operário da paz, nunca foi um operário da política.

Ele foi um homem.evidente, com um sentido onde as coisas ocorreram, um

sentido de oportunidade extraordinária. Considero o Sarney um homem

que tenha tido talvez uma das maiores acuidades políticas desde Vargas,

porque ele estava sempre no momento exato onde passava o caldal político.

E há uma coisa interessante sobre o caldal, uma vez fiz uma conferência na Escola Superior de Guerra e eu dizia o seguinte: há um caldal histérico no Brasil que tem levado, independente dos homens, o País a trilhar um determinado caminho.

Vamos imaginar o seguinte: se você pegar desde a época republicana, como as coisas foram se passando, por que veio a primeira ruptura da estrutura que era nitidamente feudal. Veio porque depois da primeira guerra e no começo do século houve uma grande para o Brasil de forças que, na sua primeira geração, eram forças que traziam outras coisas na sua cabeça, outras idéias diferentes do aspecto feudal, que tinham vivido o feudalismo na Europa e no Japão, mas há 100 ou 50 anos vieram para o Brasil imaginando um processo de fuga do resquício do processo feudal lá, vieram aqui na primeira geração e não tiveram condições, de 1900 a 1920/ 25 não tiveram condições de influir num primeiro momento, mas que passaram a influir decisivamente depois de ganhar dinheiro, influíram também para ajudar esta ruptura do primeiro estágio feudal brasileiro na revolução de 30. A revolução de 30 tem um fato importante que representava essa quebra do feudalismo rural, ela abre o caminho para uma pré-industrialização. A pré-industrialização é depois acelerada em 1937, com a guerra pela linha do Getúlio, mas que já vinha lá de baixo. O Getúlio foi outro que captou, como o Sarney captou.

O SR.

O SR.

- Então você captou, você

saiu do processo feudal e entrou num processo relativamente democrático de modernização de sociedade pela industrialização. Teve um Juscelino que imaginou o desenvolvimento depois, pegando as bases todas que já estavam feitas, e dando um salto à frente na área industrial, teve um pouco de ordem com os militares, quer dizer, há um certo caldal.

O aspecto que eu digo sobre Sarney, Tancredo, Collor é que, independente de mais virtudes ou menos virtudes, o próprio sistema brasileiro conseguiu chegar num ponto de dificuldades. Veja como foi feita a nossa Constituição. Acho que ela foi bem-urdida sob o aspecto do compromisso, atendeu a todo mundo. Será que ela vai funcionar na prática? quando você vê que há uma medida constitucional como essa e que o saber tem que ter reserva de mercado?

Então, absolutamente, me parece que na esteira disso você vai ter dificuldades enormes, ou aquela que você citou muito bem: é possível haver duas medidas provisórias? Estamos então com duas Constituições em funcionamento, dois poderes. E, realmente, só há um poder no País.

Aliás, no começo do Governo Collor, até a liminar e até a decisão do Judiciário, numa Constituição nova, o Executivo se arrogou o direito de cancelar.

Então, veja que há uma porção de coisas que redundam da nossa capacidade de compromissar demais. O dom do compromisso é bom quando resolve o problema. O dom do compromisso brasileiro é não resolver o problema, é jogar para a frente. Estamos jogando tantos problemas para frente a tal ponto e com tal velocidade que, de repente, vai chegar o momento em que o trem não vai atender mais os freios. Esta a grande síntese nacional hoje. Estamos num trem carregado de problemas, o maquinista está sozinho, por enquanto ele está achando que a velocidade do trem que ele colocou, 100 km/h, os breques agüentam e, na primeira curva, que vai ser agora com esses novos governadores tomando posse, com esse Congresso hostil, com essas circunstâncias internacionais todas e nacionais latentes que estão aí de dificuldades, que pode ocorrer o descarrilhamento do trem.

O SR.

- Já estão pensando num livro de denúncias também. O que o exterior pensa do Brasil hoje, no meio ambiente, por exemplo. Programaram-se várias manifestações em frente às embaixadas brasileiras, dizendo que nós não poderíamos exportar madeira da Amazônica, porque ela estaria contaminada. Minérios, alimentos também. Esse grande cerco de opinião pública internacional com relação ao nosso meio ambiente, você também não enxerga diante disso uma grande tentativa de manipulação ou de monitorar o Brasil de fora para dentro, quer dizer, tirar a nossa força de atuação internacional e tendo o também ente e a Amazônia como grande barganha nossa? Não há v

de estiolamento da vontade política brasileira em torno disso ou não?

O SR.

- Eu diria que a inércia com que nós nos conduzimos no passado tendo em vista a mostrar a imagem do País está pagando o seu dividendo hoje. Os governos militares e o próprio governo do Sarney deixaram o País à descoberta no exterior em sua imagem. Isso deu condições claras para a utilização dessa imagem negativa em todos os seus aspectos.

É evidente que você encontra no exterior hoje grupos de países interessados em evitar que o Brasil, que é um país que exporta hoje 20 a 30 bilhões de dólares, que tem uma capacidade

porque, fora da área dólar, nós podemos imaginar nas outras regiões

O SR. - Tem um outro aspecto sobre essa questão do Brasil, é que os japoneses estavam tentando entrar na Alemanha, concorrendo com outros parceiros internacionais, para chegar à Alemanha Oriental e, da Alemanha Oriental, dar um passo até a China que, no espaço vital da Ásia, basicamente há uma luta de poder histórica entre o Japão e a China.

O SR. - Entre o Japão e a Coréia.

O SR. - Exatamente, até para fazer uma aliança com a China contra a Coréia. Agora, com o muro de Berlim essa estratégia japonesa ficou inviabilizada, porque se trata de potência superavitária contra potência superavitária. Aparentemente, os Estados Unidos são um jogo mais fraco, tende-se a enfraquecer um pouco mais dos dois lados.

Consulte
2h

Então, você disse que o Brasil tem que se engajar mais com a área dólar. Essa área dólar, nós seremos a velha tese da exportação de matérias-primas e de agricultura, ou teremos um papel relevante na tecnologia, por exemplo, dentro da iniciativa Bush. Se nós nos engajarmos dentro dessa iniciativa Bush, o que podemos almejar desse engajamento mais profundo com a área dólar?

O SR. - Em primeiro lugar, a manutenção dos nossos mercados e dos nossos estágios de exportação, porque quando você imagina um mercado comum, a ALADI é a mesma coisa que você

estivesse imaginando na Europa Portugal, Grécia e Turquia se unindo para fazer um mercado comum europeu. O ridículo das teses defendidas no Terceiro Mundo - e o Brasil infelizmente tem se filiado num laboratório de gente competente mas distanciada do mundo, aqueles que tenham gerido muitas vezes a nossa política internacional - é a imagem de que quando você se associa ao mais forte, você só tem que dar e não tem nada a receber de volta. Mas, na hora em que você aumentar os seus saldos comerciais, você vai procurar exatamente quem tem poder de compra, porque não precisa mais nada do Brasil. Vendo 25 bilhões de dólares no exterior e basta chegar à Bolívia que hoje mesmo vai me comprar 1 bilhão de dólares. Então, é um caso de irrealismo total.

O SR. - Por falar em irrealismo total, foi o que levou a ALAD a essa estagnação de vinte anos porque baseada na teoria espertalhona de que é tomando que se ganha.

O SR. - Eu acho que você vai ter que imaginar uma economia médio-intermediária, como é a brasileira, é de que se você tiver uma ocupação dos mercados que o Canadá e os Estados Unidos podem dar a você, você ganhará na sua capacidade de barganha mesmo com os europeus. Se você parte hoje numa posição de Brasil isolado de ALAD, nada do que aqui é negociado pesa. Imagine um pouco a diferença. O mercado comum americano vai negociar com o GATT as tarifas, os subsídios, como foram agora negociados, da Europa a sua agricultura e indústria. Aqui no Brasil nós estamos sofrendo isso, embora os Estados

Unidos estejam lá se movimentando, porque a Europa está jogando na divisão dos países latino-americanos sempre os Estados Unidos (e não ade são. Suponha que fosse um bloco efetivo que estivesse negociando, a a . A Itália compra 2, 3 bilhões de dólares de alimentos, embora tenha lá a produção seja farta . A comunidade os Estados Unidos. É melhor negociar este assunto isoladamente Bra- sil ou é melhor negociar com os países todos junto com o Canadá , que compõem um bloco?

Então, a minha resposta é um pouco simplista, mas é muito mais no sentido de mostrar a você que, fora desses esquemas de blo- co, aqueles países que não aderem e não formam blocos estão ficando completamente fora das mesas de negociação internacional.

O SR. - Inclusive, Mário, um in- dício muito claro disso é que a representante comercial, Carla Hills, na Reunião dos Sete Grandes em Huston, tinha havido na semana anterior uma reunião em Santiago do Chile com os Ministros da Agricultura dos pa- íses da América do Sul, onde foi tirada uma nota para que os Sete Gran- des pressionassem os Estados Unidos e a Europa para que eles voltassem atrás nos subsídios agrícolas do Mercado Comum Europeu de 230 bilhões de dólares anuais. Esse documento foi mandado para a Carla Hills, por telex, e ela mandou para Huston - ou levou pessoalmente se não me engano- e o Bush apresentou esse documento, dizendo que era intenção de união de blocos da América Latina

(Lado 2 Fita 1)

... o Embaixador que acompanhava o Ministro da Agricultura foi entregue à mesma Carla Hills, que se deslocou até Bruxelas a fim de levar para o GATT a meta brasileira. Quer dizer, eles são altamente sensíveis, os Estados Unidos, que nós lideramos uma política latino-americana e nós não estamos liderando.

4- Em arrimo à sua tese anterior, o Itamaraty a semana passada tirou do avião praticamente o Ministro da Agricultura que ia para uma terceira rodada de negociação e ele preferiu negociar com a sua própria comitiva, dizendo que o Ministro da Agricultura estava enfraquecido no governo e o José Maria e o Ministro voltaram do Galeão praticamente, já estavam indo tomar o avião para Bruxelas para essa nova rodada, o que comprova que quando você começa a ter êxito na sua aproximação de blocos e junto aos Estados Unidos basicamente, quando o Itamaraty dá o consentimento de uma resistência, uma coisa que é já quase que paranóica com os políticos, e começa a sabotar as reuniões internacionais. Tanto que venderam a imagem que o Cabrera era assessor inexperiente, que era jovem demais para fazer esse tipo de negociações. Mas ele obteve trunfos extraordinários, como essa ida da Carla Hills a Bruxelas, que ninguém sabe

Isso consolida as suas idéias sobre o risco do nosso isolamento dentro disso, porque nós não ficaremos nem com a área dólar, nem com a área yen, nem com a área marco a continuar

O SR. - uma observa-
 ção, uma consideração aleatória desses sem
 tratamento efetivo, não é isso?

O SR. - E quando você a área cru-
 zeiro, que é uma área cruzeiro de tal peso inflacionário como nós te-
 mos, você pode imaginar quanto isso representa nas conversas internaci-
 onais. Num mundo que já se definiu com os blocos, e eu queria citar uma
 coisa interessante nessa questão que você disse que com
 Taiwan, enfim, os coreanos conside-
 rados padrões de terceira categoria. Eles não têm o direito de ser re-
 cebidos, até na própria casa são considerados realmente de terceira cate-
 goria. Eles criaram uma e uma rivalidade monumental
 com os japoneses, que tenderão a se estabelecer em outras áreas, talvez
 em mas o bloco onde o Ja-
 pão atua está formado. O bloco onde o dólar atua não está ainda formado.

Por essas incoerências é que nós somos um país em via de
 desenvolvimento, atrasado mentalmente, mas que se julga mais forte fi-
 nanceiramente do que todos os outros países do mundo. Nós temos que
 quebrar conosco mesmos esse lema. ^{d.} E hoje você vê que nós estamos que-
 brando esse lema com um passo atrás. Quando você vê que os professores
 universitários conseguiram fazer na reserva do pensa-
 mento do Brasil, quando o mundo todo se abre você pega um homem como o
 Goldemberg

porque homens como o _____ e outros que aqui estiveram fazem do a universidade, não fazem mais via Brasil. O Brasil é autóctone e auto-suficiente no pensamento internacional. Quando você vê a linha de raciocínio brasileiro é o contrário do que está acontecendo na União Soviética, na Polônia, em todo lugar do mundo _____ um pensamento estável, quando você vê que a linha que predomina é essa, pergunto, além da inflação há a deflação intelectual, como é que nós vamos fazer?

O SR. _____ - Hoje cedo no aeroporto em Brasília encontrei, o Senador Fernando Henrique Cardoso...

O SR. _____ - Ele não conseguiu trabalhar na Sorbone.

O SR. _____ - No dia 18 ele inaugura em Paris o chamado Centro Europeu de Pensamento sobre o Brasil, com alguns pensadores. Quer dizer, nós também estamos muito na base do academicismo, não temos visão prática das coisas, estamos ainda no debate acadêmico, universitário, é o CEBRAD, é isso e aquilo.

O SR. _____ - Vinte anos atrás e o grande fenômeno europeu foi com que rapidez a Europa do leste tomou conhecimento das mudanças. Demorou até um certo ponto. Quando tomou conhecimento, quebrou os jogos todos e se transformou em seis meses. O Brasil tomou conhecimento há vinte anos - e o interessante dessas coisas é que, bem ou mal, nunca fomos _____ da ditadura

como os países do leste - mas agora é uma _____

cessidade de gerir essas idéias novas. Então, vamos levar mais vinte anos. Quando se ganhar vinte anos à frente, estaremos no segundo ponto que nós perdemos na História.

O SR. - Inclusive, Mário, essa história de economia livre, recentemente uma pessoa que você não gosta muito de citar, mas o Albano Franco esteve em Taiwan com o João Alves. E o João Alves a semana passada teve um encontro com as pessoas em Brasília e disse que não existe economia livre no mundo, existe graduações de liberdade econômica. E também não existe abertura total, mas abertura de mercados parciais, ou seja, gradações de mercado.

Então, estamos sempre naquela velha opção entre abrir tudo, sem ter condições de abrir, conservando uma lista de informática ainda muito grande, uma lista que não é compatível com o desejo, por exemplo, do atual Presidente de abrir porque a lista é restritiva e, quando se tira itens da lista, tira-se o efeito de lobby como as fibras óticas que caíram por efeito de lobby interno no Ministério da Economia por voto do Sr. João Maia, como todos sabem aqui no Brasil. A Pirelli conseguiu agora abrir totalmente o mercado. Nós tínhamos já feito pesquisas tecnológicas muito adiantadas aqui em Campinas sobre o assunto. Então, de repente, num gesto, num voto de conselho ... Existe muito ainda da renitência burocrática e da falta de informação dos próprios conselheiros dos conselhos mais importantes do Governo. Na Comissão Nacional de Energia, por exemplo, os votos eram cruciais: era

fazer 1 milhão de carros a álcool por ano

mas só na base da _____ e da audácia que se foi pegando os protocolos de cada setor industrial, mas não somente reduzir os impactos de energia nesses setores, como cimento etc., mas também fazer 1 milhão de carros. Conseguiu isso. Quer dizer, está faltando também esse tipo de audácia, esse tipo de visão de futuro. Parece-me que a burocracia é muito cinzenta ou a própriatecnocracia sem muita criatividade que dá lugar a um _____ burocrático e fica um país muito cinzento, sem idéias de arrojo.

~~o sr.~~ *Máius* -

- E, por outro lado, também

na área empresarial porque o aspecto que você citou, das fibras óticas, é um ponto hoje absolutamente de tecnologia de ponta que está sendo feito aqui pelo _____ tem condições de desenvolver. Como ela se desenvolveu, todos os empresários também poderiam ter seguido esse mesmo caminho. Mas, como havia uma superproteção burocrática, os mercados não sofrendo concorrências e projetos sem concorrentes, diminuíram a sua capacidade de engenhosidade. É evidente que não existe uma abertura total nem um fechamento total. O que deve haver são gradações, e isso eu acho que está faltando da política de abertura _____ no próprio direcionamento de uma política industrial futura. Por exemplo, a indústria de _____ Hoje eu acho que você não pode deixar de prever, se você quer buscar uma política comum e honesta de exportação que você está nas mãos, que

você vai aderir ao mercado hispano-americano, quais serão as indústrias de ponta brasileiras que deverão manter essa posição, seja como livres exportadoras e geradoras de tecnologia ou de vendedoras de equipamentos e produtos ...

Copidulo 5

O SR.

- Por que todos os seus interlocutores acham você um cidadão do Primeiro Mundo? Aliás foi uma pessoa que vou citar aqui, o Mauro Sales, disse que você é uma pessoa que deveria ter vivido sempre no Primeiro Mundo; e os outros todos. Você acha, Mário, que você teve sensibilidade? Fazendo uma auto-análise agora para mim, quais são os trunfos que você tem? Sensibilidade, fé, patriotismo, o agrupamento disso tudo, conhecimento de mundo? Você disse que gosta muito de viajar e de muito conforto e, com isso, você se dá e se permite conhecer o mundo das pessoas. Então, qual é o seu segredo nessas coisas?

O SR.

- Em primeiro lugar, a leitura, o segundo ponto é o encontro com pessoas e, o terceiro ponto, talvez seja uma capacidade de análise destituída de fatores emocionais. O fato de você ler e podendo ter a oportunidade de viajar é melhor. Se você não viajasse você poderia ler. É um certo conflito de coisas políticas e econômicas para se manter a par daquilo que ocorre no mundo. Isso, evidentemente, é que dá a você uma certa credibilidade, porque você conversa um pouco na língua, não na língua apenas do aspecto da comunicação, mas na língua do entendimento com as pessoas que se

se aproximam realmente com uma visão um pouco mais ampla do que aquela
visão

O segundo ponto, o contato, é que se aprende. E nesses
contatos todos eu procuro falar pouco e ouvir muito.

O SR. - Aquele ditado chinês de que
você não interrompe uma pessoa do seu raciocínio, que deixa a pessoa
falar. E você é um muito bom escutador, não é?

O SR. - Para isso é que você tem du
as orelhas e uma boca só. Acho que é importante esse aspecto no conta-
to humano. Cada contato humano traz a você uma faceta nova dos proble-
mas, da problemática.

De qualquer modo, é você ver isso de uma maneira racional.
Nós somos muito tentados a distorcer os assuntos aqui no Brasil na me
dida em que os interesses políticos, nem mesmo os interesses em que vo-
cê procure ter uma vantagem, as coisas que fecundam levam muito para o
lado da vantagem. E eu acho que você tem que imaginar que o mundo todo
tem o seu aspecto emocional. E acho que é muito importante. Você quando
fala ou quando se comunica fora do Brasil, levar uma posição que pode
ser , pode ser totalmente dura, mas que seja razoável e

Quando se fala razoável, que seja com razão, seja racio
nal. Razoável e racional são as palavras do entendimento entre Primei-
ro e Terceiro Mundo.

O SR.

- Quer dizer, bom-senso e ra-

(5) *Epiteto
do
Comitê*

* Cív -

Quais as forças que mais estão impedindo no Brasil a integração com o Primeiro Mundo? Você acha que a nossa diplomacia, por exemplo, é uma força ataviçamente separada da realidade internacional, do modernismo, ou há outras forças?

O SR.

- Acho que há várias coisas que se juntam. Têm sido históricos os nossos encontros com alguns setores e o Itamaraty. Prezo muito o Itamaraty como instituição e como homens que foram produzidos para talvez um dos melhores preparados para uma das melhores escolas de diplomacia do mundo. Mas, infelizmente, acho que muitos desses homens absorveram uma visão política não pragmática do desenvolvimento. A escola

e a escola angolana fizeram profundas ramificações dentro de certas linhas de pensamento. Quando eu me recordo que o Thomas ENDELS não pôde ser recebido pelo Figueiredo, como Subsecretário de Estado para Assuntos Americanos não tinha nível, segundo o Itamaraty, para ser recebido pelo Presidente, e um deputado por Angola, o secretário-geral de um partido de Angola foi recebido, só posso ficar extasiado diante da falta de sensibilidade de órgãos brasileiros diante da realidade do mundo.

Então, acho que o Itamaraty tem produzido os melhores diplomatas do mundo e, no Primeiro Mundo, é das melhores tradições de diplomacia. Tem o tratamento dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e da União Soviética. O Brasil está na mesma linha. Nas escolas

do pensamento evidenciou o coração. Então, um embaixador desempenha um papel extraordinário que não é aceito pelo coração

pensante do É evidente que o mundo empresarial brasileiro é um mundo circundado de notas promissórias e empréstimos ao Banco do Brasil, juros subsidiados do BNDES

O SR. - A agora faliu

depois de

O SR. - Depois de um Ministro de Es-

tado que

O SR.

O SR. - Então, fundamentalmente,

reserva de mercado, proteção, impediram o empresário brasileiro de ter uma visão mundial. Ótimos empresários ganhando dinheiro aqui no Brasil, matem não só a fome, impediram... E eu cito um caso para você.

Quando eu estava na indústria automobilística nós lutamos muito para fazer uma integração entre os mercados do Uruguai e Argentina na Bacia do Prata. E, quando o Figueiredo se dispôs a assinar, assinou o Uruguai

não . No primeiro problema que houve eles disseram "muito bem, nós vamos receber parte do componente e vamos exportar para o Uruguai a parte do componente. Aí um deles disse: "muito bem, mas o Uruguai é um

produtor de

. Quanto é que nós temos que impor-

tar?

Quanto vamos exportar? 50 milhões. Ah,

não pode!" Então, realmente, a visão ...

O SR. - Quem disse "não pode"?

O SR. - Os

porque 500 mil dólares tomavam não sei de onde. Ora, o conceito integracionista não é um conceito brasileiro, ele não é agregário. Ele é gregário para tomar seu chope e sua pinga, ele não é gregário para agir política e economicamente.

O SR. - O que você disse é importantíssimo. Você acha que o Brasil, em termos de atavismo cultural, tende a não liderar um processo de integração latino-americana?

O SR. - Totalmente, pela falta de visão. Vamos dar um exemplo claro agora . O Presidente Bush ao dar ao Presidente Collor recém-eleito a função de embaixador ou articulador entre ele e o Gorbachev, não se faltassem interlocutores , seja Thatcher, seja seja , qualquer um poderia levar essa mensagem, qual quer que fosse a mensagem, mesmo que ela fosse a seguinte: "Gorbachev, vá tomar coca-cola amanhã!" Acho que, infelizmente, nós perdemos essa oportunidade porque, ao entregar essa mensagem, ele estava dando ao Presidente Collor a seguinte mensagem: "Você realmente é o líder que nós queremos cultivar no processo de integração americano, latino-americano ou no processo de criação. Você é das Américas, a você estamos entregando essa função." Infelizmente nós vimos o quê? O Presidente Collor

foi e desenvolveu bem a sua missão, mas faltou-lhe a estrutura básica de o Itamaraty municiar o Presidente Collor na liderança que ele deveria ter, no embasamento político da iniciativa do plano Bush para a América Latina. Por quê? Porque o Itamaraty acredita na ALAD, mas não acredita que o Mercado Comum possa ter risco. Se entrar Canadá e Estados Unidos, eles vão tomar tudo da . Então, com isso frustrou/e nós vimos realmente hoje que se o Presidente Collor também quisesse ter o Brasil ^{-se} de membro do Conselho de Segurança Nacional o Bush acenou por um caminho diferente, que no processo foi destruído totalmente. O Brasil hoje não pode esperar tão cedo uma vaga no conselho, como também levaram o Presidente Collor a perder a confiança do Bush. O exemplo mais claro é a frieza com que ambos se houveram nesse últimos entendimento.

Então, me parece que aqui a posição brasileira da interna leva, inelutavelmente, à imagem de um país dividido ao meio.

O SR.

- Recentemente, houve negociações com a União Soviética para que o Collor fosse a Moscou logo depois do discurso na ONU. Era 22 de setembro, havia uma data vaga de 27 de setembro pelo Gorbachev e havia uma conferência sobre a ONU da criação no dia 29 em Washington. O Secretário de Assuntos Estratégicos, Pedro Paulo Leoni Ramos, desenvolveu negociações paralelas, repetindo a sua , Mário, negociações paralelas que sempre deram certo, com canais "eu quero apenas um telefone" e não canais que precisam embaixa-

da completa, assessores, Itamaraty etc.

tões junto ao emissário brasileiro, que hoje é o Sr. Armand Hamer, junto aos russos, e marcou na agenda do Gorbachev no dia 27 de setembro.

O Collor aceitou a data e iria fazer o seguinte périplo : ele iria falar na ONU no dia 22, ia estar com Bush em Nova Iorque no dia 23 - que o dia que ele falaria seria dia 23, o Mitterrand dia 23 e 24, mas ele receberia o Collor no dia 23 - daria uma nova carta para o Collor para Gorbachev e traria a resposta do Gorbachev, porque ele voltaria para Washington para participar da Unicef, da ONU da criança. Acontece que o Itamaraty bombardeou a ida ao Gorbachev, achando que já tinha sido de mais a primeira ida como presidente eleito num ano só, achando que a visita seria substantiva e não adjetiva e a resposta do Collor foi de que iria de qualquer maneira. Mas o Itamaraty foi avisado que, pela sorte dele, informado por terceiro-mundistas, que por dificuldades internas muito graves o Gorbachev acabou desestimulando a ida do Collor lá. Mas, reagindo ao Itamaraty, o Collor pediu para fazer uma agenda de 1 bilhão de dólares com a União Soviética, uma agenda inédita no Itamaraty, o Itamaraty reagiu a essa agenda e criou a agenda de 500 milhões de dólares. Então a missão Pedro Paulo Leoni Ramos, que iria levar essa agenda à União Soviética, foi também cancelada pelo Itamaraty.

Quer dizer, é uma luta contra o Brasil, é uma permanente resistência contra a abertura de canais de negociação novos.

O SR. - Mas essa luta até que é pegável, essa é pegável. A história recente americana

houve uma coisa interessante. Todos pensam que reverter a abertura para a China no governo . A história é muito diversa. Eu mesmo falei para o Presidente que, em primeiro lugar, foi procurar alguém que ele pudesse ter confiança no seio do Conselho de Segurança para desenvolver o seu programa. E, através do Nelson Rockefeller, recebeu a indicação de que Isso, sem falar do que ele já tinha perdido e foi interessante porque ele tinha perdido no governo Kennedy como membro do Conselho de Segurança Nacional, saindo de uma posição de professor de Harvard, se fosse no Brasil ele não poderia ter sido. Ele era alemão, naturalizou-se, mas antes de naturalizar-se foi para Harvard. No Brasil de hoje estaria vedado o ingresso dele aqui. É meio difícil de ser entendido, tendo em vista atômico, as armas atômicas, e foi levado pela ao Conselho de Segurança Nacional. O mudou-se e quando o Nixon republicano tomou, o Nelson Rockefeller o indicou consultor. E houve uma reunião, o Nixon estava formando o gabinete dele a partir de uma suíte que ele tinha no Hotel . Chamou o Kissinger. Foi consultá-lo para convidá-lo novamente e o convidou. E disse o seguinte: uma das grandes tarefas do senhor é seguir esta política externa. Tirou um papel do bolso e disse: o senhor vai fazer esta aproximação com . Na realidade, foi o Nixon quem determinou ao Kissinger e não como membro do departamento do estado, porque o departamento do estado era contra

burocrático. Então, acho que ao Presidente Collor
 mais força para fazer do Leoné um embaixador , porque ele
 é tão reconhecido, desde que viemos para a chancela nós fizemos isso
 longamente no GATT. Ainda agora encontramos com o , que
 foi de longo período, e ele disse que se eu não tivesse falado com o Fi
 gueiredo aquele dia, provavelmente seria o voto com o embaixador Maciel,
 que era contra o que o Figueiredo mandou dar.

O SR. - Aliás, ele mandou dar e ain
 da houve resistência ao voto do Figueiredo. Foi aí que ele bateu na me
 sa e mandou o

O SR. - O Figueiredo chamou o Medei
 ros e disse assim: mande a coisa e vai o Galvêas dar o voto. E foi o
 Galvêas que deu o voto.

O SR. - E nunca houve uma delegação
 desde o início, foi a primeira vez

O SR. - E se não fosse esse
 tinham chegado ao maior impasse, porque estavam discutindo prestação de
 serviços pela Índia. Ora, a Índia exportava a soldo por dólar, a soldo
 como você chama do Exército, o recrutamento.

O SR. - Para fazer obra no exteri-
 or.

O SR. - Então, veja você como esses
 engajamentos são absolutamente manipulados. E, naquela ocasião, você

ainda falava em Terceiro Mundo, havia gente que imaginava que o comunismo fosse resolver os problemas do mundo. Já se sabia isso a longo tempo, mas aqui no Brasil com as idéias com vinte anos de atraso, muitos setores avançados dentro do Itamaraty imaginavam que estavam no caminho certo, que é o comunismo de Angola. Hoje não há mais razão, porque muitos perderam a posição.

O SR. - Mas você citou também os empresários na mesma forma de resistência não passiva do Gandhi, mas resistência ativa contra a modernização no Brasil.

O SR. - Sem dúvida, porque a abertura representa um salto no escuro. Então, você citou o exemplo da Pirelli. Também em países outros países representam um salto no escuro, não é apenas o empresário brasileiro. Ora, o conceito empresarial japonês onde qualquer associação ou qualquer implantação no exterior é uma mera sucursal, as empresas americanas e européias principalmente são levadas a acreditar que a sucursal precisa ter uma nova área de ação.

Quando você fala em abertura de mercado, você fala em concessão. Todo gerente de multinacional aqui é candidato a não repetir os os danos de grandes prosperidades que tiveram com o mercado totalmente fechado. É evidente que eles lutam contra isso tanto quanto o empresário brasileiro. Se eu disser à Pirelli que nós vamos importar pneus alguns dias do Uruguai pela metade de preço, uma tonelada de cimento no Brasil. Recebi um telex agora da Síria. Colocam a 28 dólares FOB. Fábricas de Damasco. Em São Paulo custa 128 dólares FOB uma empresa de

Convite ao Brasil
Mário Garnero
Capítulo V

**IMAGEM DO BRASIL NO EXTERIOR:
MITOS E REALIDADES**

(FITA 2 - LADO 1)

... importante. Incomoda, sob o ponto de vista internacional, a mercê de seus adversários na medida em que se deixaram fazer barbaridades que aqui fizeram.

Quando falo da estrada saída pelo Pacífico, é evidente que há um complô, um conluio no sentido de evitar essa estrada, menos pela saída do que pela entrada.

O SR. - Quer dizer, mais pela capacidade que nós teremos de exportar a preços baixos produtos via Pacífico, via Calhau, no Peru e também de receber produtos de lá para cá, da Coréia.

O SR. - Da Coréia ou abrir o comércio nesta linha. Quando você fala da floresta Amazônica, você tem evidente que lembrar desde a primeira guerra do que houve em função da floresta Amazônica. Já está mais do que claro para todo o mundo que não existe essa história de pulmão verde. Essa é uma mentira monumental. Essa floresta gera mais gás carbônico do que absorve. Mas aos é importante.

Quando você o Primeiro-Ministro transformar a floresta Amazônica em economia em elemento de discurso público na reunificação da Alemanha, evidente que estamos sendo usados. O Brasil está sendo usado. Deu a cara para bater e estão batendo. Nós deixamos ocorrer isso tudo e, evidente, está ocorrendo. Quando você pega esse

ridículo Sting para fazer essas manifestações absolutamente soltas no espaço, o que ele está dizendo no fundo é o seguinte: vocês, brasileiros, são incompetentes porque estão matando índios lá. E nós deixamos realmente ocorrer esses fatos que ocorreram. Nós matamos índios na Bahia dando camisetas de leproso e outras coisas. Agora, isso porque? Ou porque houve um suborno desenfreado das autoridades policiais que ali deveriam agir, ou dos governos que deveriam fazer realmente esse tipo de análise, ou de uma ação do poder público. Eu tomaria isso não como geral, mas, na média há - eu não diria um conluio internacional - há grandes grupos internacionais de países principalmente/que que rem aproveitar-se das fraquezas que nós deixamos entrever ao mundo nessas áreas, para tirar vantagens. É evidente, numa situação de confrontação com os bancos. O Khol para meter o pau no Brasil está se colocando numa posição simpática aos bancos alemães. O francês pediu qualquer coisa contra o Brasil e ele está se colocando contra, está todo mundo contra, então eu vou ficar contra também.

Então, eu diria a crise que houve realmente uma má-vontade internacional contra o Brasil, que é 2/3 por culpa nossa e 1/3 são os aproveitadores da crise que aí aproveitam.

Como resolver isso? certamente, da maneira como se comportou o governo Sarney na crise NEC, por exemplo, onde os japoneses vêm aqui e dizem que dão 500 milhões dólares para um diretor da Telebrás e nós vamos aceitar se ele não deu, só não tem o

ma mandava no Ministro, "ah, muito obrigado, faça isso, faça aquilo!"

O Ministro fazia isso, a Telebrás era uma filial da NEC japonesa, então, nós não nos damos o respeito e, por isso, vivemos uma fase de desmoralização externa onde todo mundo diz que o suborno é que vale. Se eles subornam lá para as pessoas não derrubar^{em} a mata Amazônica, eles também são subornáveis para dar a NEC uma empresa de graça ou para fazer qualquer outro tipo de atividade. Falta auto-respeito. O dia em que ganharmos auto-respeito nesta posição, diminui. Agora, que há um grupo se aproveitando disso internacionalmente, desde o Sting até o Khol ou até outros homens da Comunidade Européia ou outros ambientalistas nos Estados Unidos e na Europa, sem dúvida que há, cada um tirando uma vantagem.

O SR.

- A respeito disso, as organizações não-governamentais representam hoje uma espécie de uma maçonaria internacional de milhões de filiados, cada dia surgem mais organizações e elas, por sua vez, dominam as agências internacionais de crédito e financiamento, o Banco Mundial e o BIRD e o tam-
bém e a mídia. O Banco Mundial, por exemplo, hoje recebe ordens da Barbara Bramble, nos Estados Unidos, que é a líder dos ambientalistas americanos que, por sua vez, influencia sobre a Casa Branca e sobre o Congresso americano. Lá na França é a mesma coisa com o Mitterrand. Então, criou-se uma mística de dominação internacional que, por sua vez, já participa de uma grande especulação sobre até contextos raciais no mundo, estão aí o Bergman, o Goldemberg e o Lutsemburg e o Pinguelli,

os quatro sinônimos, famílias muito interessantes aí juntas. Mas, o outro aspecto é o seguinte...

O SR. - Mas você não via nenhuma dessas entidades dizer o seguinte: a poluição de Biafra, morrendo crianças aqui no Nordeste deve ser prioritária do que mater a Amazônia, não é isso? Deixem morrer todo mundo lá! Mas isso não dá marketing.

O SR. - E a nossa desinformação também é muito grande, porque não temos nem conhecimento do que se passa no mundo. A nossa força de informação são os serviços diplomáticos que estão sem telex, sem jornais, cortaram tudo. São desinformados. O Sting, por exemplo, fez a fundação no Brasil, incluiu o Sarney, colocou todo o dinheiro em Londres, são 2 milhões de dólares, e deu 39 mil dólares para o Haoni. Quer dizer, o nosso Índio e o nosso País sempre está atrás. E agora vem o Collor e diz: onde está aquele seu amigo, o _____, que roubou o Brasil? Ele deu uma entrevista contra o Collor, dizendo que o Collor não tem autoridade para fazer a demarcação da mata virgem. Quer dizer, cria-se um jogo...

O SR. - Totalmente fora da realidade.

O SR. - Inclusive, Mário, quando o Collor foi à ONU e fez o discurso sobre a desnuclearização brasileira e a participação na energia nuclear, ele não mediu, antes de fazer o discurso, a repercussão que ele teria, inclusive junto a países perifé

ra o Hotel Plaza e pediu uma máquina de escrever e ele próprio quis fazer uma nota. Chamou o Rezek e não tinha um redator lá na comitiva dele, apenas o Cláudio Humberto, que não sabe escrever. E ele disse: o Brasil é tão desinformado que o Presidente da República vai para a máquina fazer uma nota, porque no dia seguinte ele queria que saísse no jornal a nota brasileira.

Quer dizer, o nosso País é ainda periférico nos aspectos estruturais e organizacionais do poder da informação, da contra-informação, a capacidade analítica. Isso é que nós temos. Você tem muito mais do que nós, inclusive. Quer dizer, não temos

O SR. - Por isso é que o do poder é tão fraco.

O SR. - Você consegue ver uma das fraquezas brasileiras...

O SR. - Nós somos desinformados do mundo totalmente. Qualquer país sabe das decisões do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional certamente um mês antes de ocorrer. Nós sabemos pelos jornais de Nova York que ou quando o embaixador é chamado para receber

O SR. - Nós tínhamos um embaixador brasileiro que foi vice-presidente do Banco Mundial e passou quatro anos numa salinha do Itamaraty o telefone de ramal e que agora, num gesto, num rasgo de inteligência do Rezek, foi colocado em Tokio, que é o Botafogo Gonçalves. Mas esse homem passou quatro

O SR. - Porque o Paulo de Tarso não gostava dele.

O SR. - Somente por isso, porque o Paulo de Tarso não gostava dele

O SR. - Mas no Brasil, infelizmente, os largos de provincianismo que nós imaginávamos que a tendência fosse de não prever que o mundo iria por esse caminho de abertura, de integração, de e ideológicos há mais de quinze anos, e uma certa informação iam ocorrendo esses fatos, o aspecto provincianista brasileiro tem sido mais forte, nós continuamos que a política deve ser feita em , em Cataguases ou em Mossorô ou onde você queira, do que realmente no mundo. No Brasil a política feita em é mais importante do que a política feita em . E, por isso, somos caudatários em termos de informação, de decisão e de execução do resto.

Então, ela é altamente importante e tem um grupo político de sustentação, que era aquilo que nós estávamos falando do Brasil no nosso esquema aqui americano, onde quem grita é a França, onde a Inglaterra pesa, onde a Espanha e a Itália são partes importantes. Realmente eu acho



→ que a Comunidade Econômica Européia vai acabar com essa reunificação rápida que houve, absorvendo, inclusive, todas as zonas de comércio da Escandinávia e indo, compondo-se , desde a União Soviética até Portugal. Será realmente um mar europeu com integração constante e progressiva da Inglaterra na medida em que o túnel vai fisicamente dar à Inglaterra uma posição de maior vivência e de maior atividade, principalmente na França.

Então, vejo hoje, claramente, que à Alemanha interessa muito mais ter a Comunidade Econômica Européia integrada e ativa, principalmente, ter a fresta forte para contrabalançar um pouco o poder da Inglaterra, da Inglaterra que será o poder eixo linha bela. A Inglaterra será, por tradição e por atuação, sempre linha bela antes de linha marco. Então, interessa à Alemanha contrabalançar com a França. Este é o quadro que vejo.

O SR. - Quais são os papéis relevantes, por exemplo, aos dois países ibéricos, Portugal e Espanha e a Itália? Ou seja, a França se falou que é contrabalanceamento de uma liderança com a Inglaterra e no Continente. Por onde o Brasil poderá entrar para ser CEE, em primeiro lugar, onde é melhor que nós entremos, e qual é o papel reservado à Itália?

O SR. - Acho que a porta aberta para o Brasil na ida e volta à Itália, porque à Itália também interessam certas áreas que ela hoje tem dificuldades de alcançar. Quais são ?

Onde o Brasil perde. Quando o Brasil conseguiu liberar os seus reféns no Iraque sem um agastamento, uma negociação em que nada foi pedido de volta e foi o primeiro país a retirar os seus reféns, isso foi uma mensagem clara de prestígio do Brasil nesta área. Quando você pega o Brasil e vê que ele mantém as ligações com a Síria, com todo o mundo árabe, com a Arábia Saudita, com a Líbia, isso tudo leva os industriais italianos e o próprio governo italiano e o mundo em geral essa mensagem passou despercebida aqui no Brasil. Passou apenas e tão-somente como uma liberação de reféns. Isso transcende muito a liberação de reféns, essa é uma mensagem profunda que o mundo árabe/indiretamente/estava nos mandando, e, o Iraque, que foi apreendido no resto do mundo e só não foi apreendido aqui. a mínima idéia de que isso aqui se passou.

Então, este é um caminho que interessa a várias nações européias. À França não tem até uma posição de importância, mas a Itália, esse circuito por aqui interessa muito. À Alemanha também, mas principalmente à Itália.

Há um segundo fator importante na Itália. Eu me lembro uma vez quando fui visitar com o Juscelino a Fiat, estava o Valeta, Presidente naquela ocasião da Fiat, o próprio João que era moço, era o vice-Presidente e que não tinha assumido ainda a presidência. E uma das perguntas que o Juscelino fez foi a seguinte: Dr. Valeta, por que os senhores foram para a Argentina estabelecer a fábrica de automóveis na Argentina e quando eu fiz o meu programa da indústria automobi

quela ocasião na Argentina era muito mais influente do que a colônia italiana no Brasil. E, sendo mais influente, forçou-nos aqui, fez o lobby no sentido de que devêssemos estabelecer na Argentina e não no Brasil. E fizemos um grande erro, que vamos reparar. De fato, repararam muito tempo depois.

Acho que hoje, embora a Itália considere o Brasil ainda desorganizado, com dificuldades, inflação etc., as classes pensantes italianas, governo e principalmente a área empresarial, está vendo o Brasil com oportunidades muito grandes. É o caso da Fiorúce, da Olivetti, da Fiat e, principalmente, das empresas médias italianas que têm condições de vir ao Brasil. Há um enlace natural. Há aqui uma corrente sanguínea de origem italiana muito importante. Há com Portugal, mas Portugal é tomador de capital do Brasil e o Brasil não é exportador de capital, ao passo que na Itália o Brasil pode ser sócio em terceiros mercados, tanto num como no segundo. Numa abertura do mercado panamericano, o Brasil pode ser uma ponta de lança importante para a produção local das grandes empresas italianas aqui para conquista dos mercados americano e latino-americano. Então, acho que a Itália hoje é o sócio ideal na Europa do Brasil.

O SR.

- De entrada.

O SR.

- De entrada. O segundo ponto

que você perguntou é qual o papel que eu vejo. É o mesmo que a Itália sempre teve na própria formulação europeia. Acho que a Itália hoje tem uma posição que pouca gente sabe. O número 1

vadas é o número três na Itália, já passou a Inglaterra. A Inglaterra tinha 650 grandes empresas privadas, a Itália está com 700 empresas. Já passou a Inglaterra. O processo de desenvolvimento industrial italiano hoje já é superior ao processo industrial inglês. Está atrás da Alemanha e da França. Acho que a Itália terá um fator importante menos político e muito mais de progresso empresarial e de equilíbrio empresarial. A Itália vai funcionar como uma espécie de válvula entre os conflitos eventuais da França, da Inglaterra, da Alemanha na própria Europa, porque ela não visa a uma liderança porque sabe que não quer ter uma liderança. Os governos são relativamente fracos para ter uma liderança europeia.

Sob o ponto de vista econômico, a Itália tem um pragmatismo muito maior do que a própria França e do que a própria Inglaterra. Ela quer aproveitar espaços vazios em toda a área empresarial onde puder.

Então, parece-me que o papel reservado à Itália será de moderador na formulação da nova Europa.

(Obs.: Constatamos aqui um intervalo grande na fita 2, lado 1. No final há um pedaço gravado que vamos reproduzir agora.)

... O que fizemos nesses últimos cinco anos foi uma loucura monumental. A Petrobras, independente da sua situação, a primeira prioridade hoje, seja monopólio estatal ou não, deveria investir pesadamente para chegar à sua produção de auto-suficiência.

O SR. - E o Brasil pode chegar, em cinco anos, à auto-suficiência.

O SR. - O segundo ponto, evidentemente, emagrecer a Petrobrás e transformá-la numa empresa móvel, porque a segurança nacional não está no petróleo embaixo da terra, está no petróleo gerando divisas aqui no Brasil.

O SR. - Mário, repita só aqueles números do seu relatório, porque acho que o gravador não estava gravando a última pergunta, sobre os 1 milhão e 100 mil barris diários.

O SR. - Quando nós fizemos o plano o Brasil estava produzindo 160 mil barris/dia. Quando o Sarney saiu estava em 670 e há reservas provadas para levar a 1 milhão e 100 barris/dia. Ora, o consumo nacional hoje deve estar ao redor de 1 milhão e 200 mil barris. Se você acrescentar a isso a disposição que você pode fazer do Prô-álcool de 200 mil barris/dia, que era a capacidade que nós tínhamos imaginado e, com essa redução, devemos estar hoje em 110 mil barris, levando a capacidade como estava você terá o suficiente de petróleo.

O SR. - Quando você recebeu o sinal verde do Figueiredo era para negociar com a indústria automobilística e com os usineiros a questão do álcool. Eram três esforços: os esforços do próprio Governo, os esforços da Petrobrás - que estava renitente e depois o Hélio viu que você estava em razão, até você trouxe a coluna de refino que baixou, se não me engano no Japão, de 16 para 10. Lá foi

10 e você lutou pelos 16, conseguiu 16. Então, você sentiu dificuldades. Por exemplo, um dos mitos aqui no Brasil é que os usineiros sempre são os mais resistentes a esse tipo de enquadramento no Pró-álcool porque, segundo se diz no Brasil, o negócio deles não era produzir, era transportar. A Petrobrás, inclusive, financia, subsidia o armazenamento, a tancagem e o transporte.

Então, você obteve naquela época sucesso no seu diálogo com os usineiros, já que os usineiros do Nordeste têm força política hoje em bloquear novamente o Pró-álcool, ^{ou} eles são mito, mais um dos mitos brasileiros?

O SR.

- Este é um mito da incompetência por uma razão: no nosso projeto do Pró-álcool naquela ocasião só uma coisa não passou, que a Petrobrás não deixou, que era a distribuição autônoma do produto . Não havia necessidade de centralizar tudo na Petrobrás e voltar. E hoje esse passeio do álcool quem paga somos nós, consumidores, porque sai aqui de Campinas, mandá para São Paulo, São Paulo manda de volta para Campinas. O que nós tínhamos imaginado naquela ocasião eram cooperativas distribuidoras, deixar livre a distribuição do álcool. É um mito. Naquela ocasião a luta era a seguinte: olha, a indústria automobilística não fabrica automóveis - diziam os usineiros - porque não querem o Pró-álcool. E a indústria automobilística dizia que não havia carros a álcool porque os usineiros não queriam. Sentei com todos à mesa para chegarmos a um plano comum. Toda a produção

apareceu, o álcool apareceu nos automóveis. E esta é uma das famosas incompetências verbais brasileiras. Não é a incontinência, é a incompetência verbal. Nós não conseguimos nos entender puramente. Há capacidade para fazer. Havia um plano naquela ocasião que nós fizemos de melhoria tecnológica obrigatória, que o Governo Sarney deixou, dos automóveis que já deveriam ter sido substituídos há muito tempo o carburador e entrar na injeção direta, que era o nosso projeto original, inclusive num consumo de combustível muito menor no País. E um programa de desentivar o Pró-álcool pelo aumento da produtividade. Quando você chegar a um determinado aumento, o subsídio seria praticamente zero. E nada disso aconteceu ...

O SR. - Por falta de vontade política, não é?

O SR. - Por falta de competência. Sem dúvida, jogaram fora um projeto onde estavam juntos governo e iniciativa privada que teria levado o Brasil ao término do Governo Sarney a uma posição de absoluta independência energética, num caso raro, na América Latina.

O SR. - Inclusive, por falar em incontinência verbal, se t e havido essa integração de esforços não haveria.. essas carroças , como diz o Collor, na nossa indústria.

O SR. - Sim, porque o governo se-

ria empurrado. Eu era Presidente da ANFAVEA e eu pedia que o governo
estabelecesse as ...

